

O Bairro da Ribeira como um palimpsesto:

dinâmicas urbanas na cidade
do Natal (1920-1960)

Anna Gabriella de Souza Cordeiro

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
LINHA DE PESQUISA I: RELAÇÕES ECONÔMICO-SOCIAIS E PRODUÇÃO DOS
ESPAÇOS

O BAIRRO DA RIBEIRA COMO UM PALIMPSESTO:

dinâmicas urbanas na Cidade de Natal (1920-1960)

Anna Gabriella de Souza Cordeiro

Orientador:

Prof. Dr. Haroldo Loguercio Carvalho

Natal-RN

Julho de 2012

Anna Gabriella de Souza Cordeiro

O Bairro da Ribeira como um palimpsesto:
dinâmicas urbanas na Cidade de Natal (1920-1960)

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em História e Espaços, Linha de Pesquisa 1, Relações Econômico-Sociais e Produção dos Espaços, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do Prof. Dr. Haroldo Loguercio Carvalho.

Natal-RN
Julho de 2012

Anna Gabriella de Souza Cordeiro

O Bairro da Ribeira como um palimpsesto:
dinâmicas urbanas na Cidade de Natal (1920-1960)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGH-UFRN), para Comissão Examinadora formada pelos professores doutores:

Haroldo Loguercio Carvalho (Orientador)

Raimundo Pereira Alencar Arrais (Avaliador interno)

Zita Rosane Possamai (Avaliador externo)

Natal, 31 de julho de 2012.

Dedico esta pesquisa a todos que pensaram, praticaram e segregaram o bairro da Ribeira.

AGRADECIMENTOS

A realização do presente trabalho contou com a colaboração direta ou indireta de muitas pessoas, as quais, neste momento, eu gostaria de externar meus mais sinceros agradecimentos.

Primeiramente, gostaria de agradecer ao meu orientador professor doutor Haroldo Loguercio Carvalho, por acreditar no meu projeto. É devido à sua colaboração e incentivo no desenvolvimento desta pesquisa que estou aqui hoje. A você, minha eterna gratidão.

Aos professores doutores Durval Muniz de Albuquerque Júnior, Fátima Martins Lopes, Raimundo Pereira de Alencar Arrais, Helder do Nascimento Viana e Rubenilson Brasão Teixeira, com quem tive as aulas mais maravilhosas da minha vida. Verdadeiros mestres e amantes da história.

A contribuição decisiva dos professores doutores Carmen Alveal (Qualificação – UFRN), Raimundo Arrais (Qualificação e Defesa – UFRN) e a Zita Rosane Possamai (Defesa – UFRS) nas bancas de Qualificação e Defesa.

Aos meus colegas de labor, mestrandos do PPGH-UFRN, com os quais dividi as angústias e as alegrias da atividade acadêmica. Em especial agradeço a Saul Estevam, Renato Marinho, Diego Gois e Sylvana Marques (esta última do PPGTUR – também por fazer a capa deste trabalho), pela amizade e companheirismo.

Também não posso esquecer-me de agradecer a Isabelle Azevedo, secretária do PPGH, que por vezes prestou seu auxílio nos trâmites burocráticos e psiquiátricos.

Aos funcionários do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN), por sempre facilitarem a pesquisa.

Aos meus pais Nísia Maria de Sousa Cordeiro e Jarbas Cordeiro de Macêdo, por sustentarem a mim e a minha filha durante o período do mestrado. Em especial a minha mãe, por ser a primeira grande mestra que tive em minha vida, incutindo em mim, desde pequena, o gosto pela leitura.

A minha avó Isaura Gomes de Sousa, que, ao me contar as histórias do seu tempo, sem querer, fez despertar em mim o amor pela história, como também, durante toda minha vida, fez todos os meus gostos. Eu te amo vovó.

Aos meus irmãos Carlos Magno e Marcos Vinícius, companheiros de toda uma vida, que sempre iam me deixar na Universidade (depois de muita confusão) quando eu estava atrasada.

A minha filha Anna Rosa, que faz com que todos os dias eu procure ser uma pessoa melhor e que me ensinou o que é o amor.

Aos meus tios e padrinhos Raimundo da Costa Souza e Ana Maria por me ajudarem sempre que solicitei e também por levarem Anna Rosa à sua casa e em suas viagens, para que assim eu pudesse terminar alguns fichamentos.

As amigas de toda uma vida, Mariana Bitencourt (Nana), Gisliê Oliveira e Giany Carla, com as quais vivi os meus melhores momentos e sempre estiveram presentes na minha caminhada.

As minhas amigas do “cortiço” Luciana Araújo e Juliana Alves, pelo incentivo e pelas divertidas conversas.

Aos meus amigos Otomar Lopes Cardoso Jr, Cláudio Luíz de Souza Ferreira e Bruno Macêdo de Almeida, por estarem sempre ao meu lado.

Também não posso deixar de agradecer aos meus amigos: Anand Queiroz, Janaína Bezerra, Gideanne Tavares e Antônio Martins, que, após a minha defesa, dividiram comigo esse momento de júbilo.

E por fim, gostaria de agradecer a todos que fizeram parte desta e de muitas outras histórias.

*[...] La formed'une ville
Change plus vite, hélas!
Que Le coeur d'un mortel [...]*¹
Charles Baudelaire

¹ BAUDELAIRE, Charles. *Les fleurs du mal*. Paris: Poket.fr, 2002. [...] A forma de uma cidade/ Muda mais depressa, infelizmente!/ Que o coração de um mortal [...]. Tradução da autora.

RESUMO

As cidades são textos. Textos escritos pelas sociedades que compõe os espaços. A partir dessa perspectiva, propõe-se aqui uma leitura do bairro da Ribeira – Natal/RN. Esse espaço se consolidou no início do século XX como centro comercial e cultural da capital potiguar, lugar de ação e de interação da Zona Central desta sociedade, espaço de inscrição dos signos da modernidade e do progresso então em voga. Contudo, com o decurso do tempo e as transformações por ele exigidas, o panorama da Cidade de Natal sofreu intensas modificações e o bairro da Ribeira foi relegado “à margem” desse processo, o que culminou na desvalorização, segregação e, posteriormente, na degradação do seu espaço, que se tornou um palimpsesto. Ao abordar a dinâmica urbana que se processou no bairro da Ribeira, esta pesquisa dividiu o fenômeno em três fases distintas: valorização, transição e decadência.

Palavras-Chave: Espaço; Natal; Bairro da Ribeira; dinâmicas urbanas.

RESUMÉE

Les villes sont des textes. Textes écrits par des sociétés qui composent les espaces. Dans cette perspective, il est proposé ici une lecture du quartier de Ribeira – Natal/RN. Cet espace est consolidé au début du XX^e siècle comme centre culturel et commercial de Natal, lieu d'action et d'interaction de la zone centrale de la société, le lieu de l'enregistrement des signes de la modernité et du progrès alors en vogue. Cependant, au fil du temps et des changements exigés, le paysage de la ville de Natal a subi d'énormes modifications et le quartier de Ribeira a été relégué "en marge" de ce processus, qui a abouti à la dévaluation, la ségrégation et plus tard à la dégradation de son espace, devenant un palimpseste. En abordant les dynamiques urbaines qui se sont produites dans le quartier de Ribeira, cette étude a divisé le phénomène en trois phases distinctes: la valorisation, la transition et la décadence.

Mots-clés: l'espace; Natal; Le quartier de la Ribeira; La dynamique urbaine.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Limites urbanos de Natal.....	26
Figura 2 – Igreja Bom Jesus das Dores.....	27
Figura 3 – Natal em 1864.....	32
Figura 4 – Porto da Cidade de Natal, Ribeira.....	34
Figura 5 – Antiga Estação Ferroviária da Ribeira, no entorno da (hoje) Praça Augusto Severo.....	36
Figura 6 – Teatro Carlos Gomes em construção.....	42
Figura 7 – Entorno da Praça Augusto Severo.....	43
Figura 8 – Cine Polytheama, ao lado a loja Paris em Natal.....	44
Figura 9 – Grupo Escolar Augusto Severo.....	45
Figura 10 – Escola Doméstica de Natal.....	46
Figura 11 – Avenida Tavares de Lira, Ribeira.....	49
Figura 12 – Encontro dos presidentes do Brasil (Vargas) e dos EUA (Roosevelt), em 1943.....	56
Figura 13 – Parnamirim <i>Road</i>	62
Figura 14 – Grande Hotel na Ribeira.....	65
Figura 15 – Rua Dr. Barata.....	67
Figura 16 – Mapa do Bairro da Ribeira.....	68
Figura 17 – Estrutura Militar e equipamentos de lazer na Cidade de Natal (1942-45).....	75
Figura 18 – Estação Rodoviária Presidente Kennedy.....	84
Figura 19 – Planta de Natal em 1958.....	87
Figura 20 – Casa construída segundo os preceitos da época.....	90
Figura 21 – Anúncio direcionado para a elite natalense.....	92
Figura 22 – Anúncio direcionado para as classes populares. Loteamento do bairro das Quintas.....	92
Figura 23 – Cine Rio Grande, Cidade Alta.....	95
Figura 24 – Antiga loja de tecidos A Samaritana.....	98
Figura 25 – Avenida Rio Branco no final da década de 1950.....	103

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I – CONSOLIDAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO BAIRRO DA RIBEIRA	22
1.1 O INÍCIO DO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO E O SURGIMENTO DO BAIRRO DA RIBEIRA.....	25
1.1.1 O porto.....	33
1.1.2 A ferrovia	35
1.2 A REPÚBLICA E A VALORIZAÇÃO	37
1.2.1 Importantes edificações erigidas no período.....	41
1.2.2 A Cidade de Natal em 1920 a 1930.....	46
CAPÍTULO II – AS TRANSFORMAÇÕES NA CIDADE DE NATAL E NO BAIRRO DA RIBEIRA DE 1940 A 1950.	53
2.1 A GUERRA, A CIDADE E A ECONOMIA.	54
2.2 O TRAÇADO URBANO E A EMINÊNCIA DE NOVOS CENTROS	59
2.3 O BAIRRO DA RIBEIRA NO CONTEXTO DA GUERRA	64
2.4 O PÓS-GUERRA	71
CAPÍTULO III – DE RIBEIRA MODERNA À VELHA RIBEIRA	78
3.1 A CRISE DO TRANSPORTE.....	79
3.2 A SEGREGAÇÃO.....	85
3.2.1 A especulação imobiliária	88
3.2.2 A transferência e a transformação das práticas sociais da elite natalense.....	93
3.2.3 A despolação.	97
3.3 A CRISE DO ESPAÇO	99
3.3.1 A migração do comércio para o bairro Cidade Alta.....	102
3.4 O BAIRRO DA RIBEIRA E A “DECADÊNCIA”	104
3.4.1 Desvalorização?	105
3.4.2 O bairro da Ribeira e a degradação	107
3.4.3 Decadência?	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
BIBLIOGRAFIA	116

INTRODUÇÃO

A partir do momento em que o homem primitivo evoluiu, deixou de ser unicamente reflexo do ambiente natural e vislumbrou a necessidade de organização da força de trabalho, ele passou a criar sua própria cultura, que se materializa nas cidades. O espaço urbano é a resultante da relação dicotômica entre o homem e a geografia. Desse modo, as práticas humanas são construtoras do espaço, seja pelo pensamento ou pela ação. Geralmente, a ação é precedida do pensamento, que quanto mais complexo mais remete ao planejamento. Entretanto, nem sempre o processo ocorre nessa ordem, o que configura a dinâmica intervencionista do homem, que por sua vez promove um processo de aculturação e hegemonia.

As implicações da natureza instável do homem se refletem no caráter dinâmico das cidades. Devido às suas peculiaridades de natureza heterogênea, as cidades são suscetíveis as continuidades e descontinuidades no decurso de sua história. No entanto, para compreender o fenômeno urbano e os agenciamentos sociais que o edificam, partimos então da premissa de que a cidade pode ser lida como um texto. Para Barthes, é “uma inscrição do homem no espaço” (1985, p. 182). Nesse contexto, Certeau afirma que:

[...] o espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito (2003, p. 202).

Por ser resultante das práticas humanas, a cidade é imbuída de signos, ou seja, ao mesmo tempo em que é significado, igualmente é significante. Ao praticar esses espaços, a sociedade se apropria de um sistema topográfico e do mesmo modo o realiza, fazendo com que a cidade metaforicamente fale através das ruas, edifícios, monumentos e estabelecimentos. Essa intervenção remete à reflexão de ações e interações realizadas no tempo, no espaço e na sociedade que os compõem. A tessitura da narrativa histórica, do registro e da análise dos remanescentes se materializa através das edificações que marcaram as cidades com as características de cada época e de cada grupo social, devido ao olhar e à abordagem histórica que garante significado a esses espaços.

É nesse sentido que nos propomos a trabalhar, buscando realizar uma das possíveis leituras do bairro da Ribeira, localizado na Cidade de Natal, no estado do Rio Grande do Norte. Nosso ponto de partida é a dinâmica urbana como cerne da questão e das indagações sobre a relação entre espaço, economia e sociedade em movimento, que se faz sentir através das transformações não apenas sociais e econômicas, como também no espaço físico da capital potiguar. O bairro da Ribeira nos chamou a atenção por nele existirem conflitos entre a sua funcionalidade e o que Barthes chamará de *conteúdo semântico*.

O bairro da Ribeira foi o segundo a se consolidar na Cidade de Natal. Sua ocupação foi lenta, assim como o desenvolvimento da cidade como um todo nos primeiros séculos, para somente a partir do século XVIII iniciar seu processo de crescimento e formatação de sua identidade. No século XIX, como observado por Henri Koster, a Ribeira já desponta como o bairro comercial da cidade, devido principalmente à presença do Porto. Entretanto, é no início do século XX, mais precisamente na década de 1920, que a Ribeira viveu o seu apogeu.

Porém, esse espaço entra em crise com o surgimento de novas sociabilidades, passando a ser segregado e a perder suas funções no contexto urbano da Cidade de Natal durante as décadas de 1950 e de 1960. Tal processo ocorreu em virtude da existência de “um conflito permanente entre as necessidades funcionais exigidas pela vida moderna, a ocupação obsoleta dos espaços e a carga semântica que lhe é comunicada pela história” (BARTHES, 1985, p. 183). Dessa forma, tem início a crise espacial entre as esferas do significante e da razão. Observamos na cidade em questão a transformação de um espaço que não é mais evidenciado da forma inicial, uma vez que este perdeu seu traço funcional e entra em declínio.

Ao vagar pelo bairro da Ribeira na Cidade de Natal-RN, um *voyeur* faria um determinado julgamento do recorte nos anos de 1920, enquanto em 1960 ele faria outro. A partir do ponto de vista do *voyeur*, do passante, Certeau discute as relações do contexto da malha urbana e sua dinâmica, os contrastes existentes a partir do olhar, olhar do alto, em que se observam os “extremos da ambição e da degradação” (2003, p. 169), e a relação do tempo com a urbe, esta que se ergue imponente através das oposições, onde as edificações de ontem transmutam-se em latas de lixo, opondo-se à cidade que não sabe envelhecer, cidades do novo mundo. Os caminhantes que vivem e praticam esses espaços, cegos à sua volta, quase sempre sabendo onde estão, mas sem inteirarem-se, sem transmutareem-se em sua própria criação, uma criação do todo,

sociedade, não de um passante. A urbe como um texto “cheio e vazio”, “onde todos escrevem sem poder lê-lo” (CERTEAU, 2003, p. 171), o espetáculo sem plateia repleto de representações simbólicas. As práticas do espaço, uma metáfora, na clareza do que se vê e no que se planeja e não se domina, transmuta-se de acordo com o olhar.

Em oposição a Barthes e a Certeau, Castells afirma que é muito elementar que o espaço urbano seja considerado apenas como uma projeção da sociedade.

Pois, se é necessário ultrapassar ao empirismo de uma descrição geográfica, corremos um risco muito grande de imaginar o espaço como uma página branca na qual se inscreve a ação dos grupos e das instituições, sem encontrar outro obstáculo senão o das gerações passadas (CASTELLS, 2006, p. 181).

O autor destaca que o espaço é um produto material que se relaciona com outros tipos de produtos materiais (econômicos), assim como também se relaciona com a sociedade e com os elementos da realidade histórica (políticos). Para Castells, o espaço não é apenas uma página em branco, onde se inscrevem as práticas ideológicas. Segundo ele, existem muitos fatores responsáveis pelo fenômeno da dinâmica urbana. Essas dinâmicas, como as ocorridas no bairro da Ribeira, têm o poder de reescrever a história de um dado espaço. Dessa maneira, o autor destaca que o espaço precisa de mais densidade que a uma página de papel, e tem o dever de ser decomposto socialmente, podendo ser comparado a “uma tela permanentemente reestruturada” (2006, p. 308).

Ao associar tais correntes teóricas, comparamos o espaço urbano (no caso desta pesquisa em particular, o espaço denominado de bairro da Ribeira) a um palimpsesto, que agrega a carga semântica da escrita, assim como também possui a densidade de uma tela e é produzido de uma maneira que o possibilita a ser reescrito e reilustrado diversas vezes. Sob esse contexto pode-se, assim, evidenciar as dinâmicas realizadas no âmbito da Cidade de Natal.

Conforme já citado, desde o início do século XIX, o bairro da Ribeira já aparece nos escritos como o centro comercial da capital potiguar. Mas o que vem a ser um centro? Partimos então para uma análise histórica de cidades em que o processo civilizatório urbano caracteriza-se pela necessidade de uma centralização geográfica.

Ao observar as cidades ao longo do tempo, percebe-se, mesmo em diferentes períodos e culturas, a existência de espaços centrais. Esses espaços são considerados

como polos convergentes de atividades e de interesses da sociedade. No Egito antigo, a cidade surgia em conformidade com as funções de centro religioso, político e administrativo. Já na Grécia antiga, essa centralidade pode ser exemplificada através da *ágora*, espaço que se caracterizou como praça central das atividades comerciais e políticas. No contexto da cidade feudal, o centro urbano localizava-se intramuros, onde se concentravam as interações sociais. Durante o absolutismo na Europa, o palco da vida social eram os palácios reais, onde se concentravam as atividades econômicas sociais e políticas que ofereciam sentido à vida urbana.

Nas cidades coloniais brasileiras, observamos a necessidade de uma centralidade urbana. Nesse centro (assim como nos demais) observa-se a presença das atividades religiosas, políticas, sociais e comerciais. Contudo, podemos afirmar que a sociedade precisa de um centro para a interação social e para a organização do espaço. Para Castells, “as características ecológicas deste centro são: concentração das atividades destinadas a favorecer a comunicação, acessibilidade com referencia ao conjunto da zona urbana da qual assume a centralidade, divisão interior dos espaços centrais” (2006, p. 312). O autor afirma que o centro urbano é o núcleo integrador da sociedade, sendo este essencialmente funcional.

O entendimento de centro urbano é essencial para a compreensão do que ocorreu no bairro da Ribeira. Este, em contraponto² ao desenvolvimento de outras cidades brasileiras, não foi o primeiro bairro da Cidade de Natal, mas sim o segundo. No entanto, o bairro da Ribeira aos poucos assumiu a função de centro urbano, principalmente pela acessibilidade, haja vista que se encontrava no meio do caminho entre o porto e o núcleo inicial da capital, o bairro de Cidade Alta. Sendo assim, era um espaço fecundo para as atividades comerciais e sociais da então pequena Cidade de Natal. No início do século XX, o bairro da Ribeira vivenciou um intenso processo de modernização do seu espaço e de suas funções, o que, nas palavras de Celso da Silveira, assim se apresenta:

A velha Ribeira de palafita, antigo alagadiço onde havia uma olaria, um plantio de canas e bananeiras, abrigou, depois de transformada em caminho de Xarias que demandavam à Cidade Alta dos Canguleiros, uma praça com uma pontezinha de madeira – passadiço de acesso aos dois lados da “urbs”, indo e voltando.

Lá surgiram a casa de Dona Inês Barreto, teatro, grupo escolar, estação da estrada de ferro e a Escola Doméstica.

² Geralmente, o bairro de origem da cidade é o que se configura como centro urbano.

Antes era a campina da Ribeira – salgado – um sítio onde viveu o poeta João Gotardo Netto [...].

Essa velha Ribeira desenvolveu-se sobre mangues. Viu erguerem-se as casas, os prédios públicos, hotel, palácio, jornal, banco, comércio (SILVEIRA, 1989, p. 12).

Para que o bairro da Ribeira se tornasse o centro comercial da Cidade de Natal foi de vital importância à presença do Porto e da Estação Ferroviária. Esses benefícios influenciaram no desenvolvimento da atividade comercial no espaço e consolidaram o bairro da Ribeira como porta de entrada da capital potiguar. O bairro abrigou os melhores estabelecimentos da cidade e se tornou o centro também da vida social.

A partir da necessidade de uma centralização geográfica, observamos também a existência de uma centralização social. Edward Shils (1992) reconhece a dificuldade em descrever e analisar os processos e estruturas que juntam famílias e classes, vizinhanças e regiões, escolas e igrejas, fábricas e grupos étnicos, numa sociedade única. Sendo assim, Shils afirma que a sociedade possui um centro. Existe uma zona central na estrutura da sociedade. A participação numa sociedade, para além do sentido ecológico da localização num território delimitado e da adaptação a um meio ambiente modificado ou criado por outras pessoas localizadas nesse mesmo território, é constituída pela relação com essa zona central.

A elite ou Zona Central é o núcleo da ordem, dos símbolos, de valores e crenças que governam a sociedade. Podemos assim descrever o sistema institucional central como sendo um conjunto de instituições legitimado pelo sistema central de valores. Nesse sentido, é observável no bairro da Ribeira o fato de ser a Zona Central da sociedade ou a elite natalense, o que contribuiu de maneira decisiva e concomitante aos processos de construção e desconstrução do espaço urbano. Sendo responsável pela idealização e pela construção da Ribeira sobre os preceitos da modernidade (que se fez sentir nas ruas, nas praças, na construção do Teatro, de escolas, do cinema, da Estação Ferroviária etc.) através do mecanismo do desejo.

Para Deleuze e Guattari, o desejo é o responsável pela realização de todo e qualquer feito humano, uma vez que “se o desejo produz, produz real. Se o desejo é produtor, só o pode ser a realidade e da realidade. O desejo é esse conjunto de sínteses passivas que maquinam os objetos parciais, os fluxos e os corpos, e que funcionam como unidades de produção” (2004, p. 31). Da mesma forma, neste trabalho, consideramos o desejo como um dos responsáveis pelos movimentos de territorialização

e desterritorialização do bairro da Ribeira. Observa-se, no decurso desta pesquisa, a atuação da Zona Central da sociedade natalense na territorialização do bairro da Ribeira, e como tal classe social construiu e reconstruiu os espaços da Cidade de Natal, uma vez que “há produção desejante desde que haja produção e reprodução sociais” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 143). O desejo é libertado pela sociedade capitalista, contudo, este esbarra nas condições sociais e econômicas que definem os seus limites e as suas possibilidades. Por esse motivo, a urbanização realizada em Natal é diferente da urbanização realizada em Paris, apesar de uma, em certa medida, inspirar e orientar a outra.

É através do investimento coletivo que se ligam o desejo à sociedade (máquina social) e os reúne num todo, sobre a terra (máquina territorial), a produção social e a produção desejante. O processo de territorialização, segundo Deleuze e Guattari, é fundamentado pela necessidade de ocupar um limite vazio. Conforme será observado na pesquisa, na Cidade de Natal, houve momentos distintos de desterritorialização. Primeiramente o desejo de territorializar o bairro da Ribeira, mesmo este sendo alagado pelas marés do rio Potengi, foi alvo dos agenciamentos sociais e transmutou-se no centro social e comercial da cidade na década de 1920.

No entanto, a cidade viveu nos anos de 1940 um intenso crescimento demográfico, o que fomentou um processo de desterritorialização de outros espaços da cidade. Nesse período ocorreu a consolidação do Plano de Cidade Nova, que compreendia os bairros de Tirol e Petrópolis (praticado pela elite) e do bairro do Alecrim (praticado pelas classes populares). A partir de então, percebe-se, uma estratificação social dos espaços na capital potiguar. Uma vez que, inicialmente, a cidade contava com dois bairros: Cidade Alta e Ribeira, e, neles, interagem todas as classes sociais.

Com o desenvolvimento dos bairros de Tirol e Petrópolis, a Zona Central da sociedade natalense dispunha de um espaço específico e diferenciado para praticar. Fato que, de certo modo, veio a contribuir com a segregação do bairro da Ribeira por parte das elites locais. Nesse sentido, David Harvey afirma que “em uma sociedade vinculada por classes, como a sociedade capitalista, estas práticas espaciais adquirem um conteúdo de classe definido, o que não quer dizer que todas as práticas espaciais possam ser assim interpretadas” (2005, p. 170). Contudo, o fenômeno da estratificação dos espaços não é privilégio apenas de Natal, é uma realidade mundial.

A modernização dos meios de transporte e da comunicação contribuiu para o desenvolvimento e a valorização desses espaços periféricos. O bairro da Ribeira era valorizado pela sua centralidade geográfica, no entanto, essa centralidade passa a ser desafiada pela velocidade de locomoção: os subúrbios deixam de ser um espaço desprezado pela distância do centro e passam a ser valorizados pelos seus atrativos condizentes às novas práticas sociais. Essa modernização diminuiu as distâncias, o que caracteriza as transmutações histórico-geográficas nesse processo, a cidade tornou-se mais fluida, o que resultou em um reajuste espacial. Tal reajuste fez com que as forças produtivas e destrutivas do capitalismo se tornassem evidente. É perceptível a ascensão das áreas periféricas em contraponto à contínua desvalorização do antigo centro.

Nesse período, devido aos novos contingentes populacionais da Cidade de Natal, foi observado o desenvolvimento da atividade imobiliária. O solo urbano aparece na cidade como mercadoria, devido à grande demanda por residências. Para Marx, “a riqueza das sociedades onde rege a produção capitalista configura-se em imensa acumulação de mercadorias, e a mercadoria, isoladamente considerada, é a forma elementar dessa riqueza” (2008, p. 41). Com a valorização do espaço urbano, surgiram diversos empreendimentos imobiliários que estavam de acordo com o novo momento social. Dessa forma, áreas edificadas não tinham como expandir espacialmente ou não possuíam capacidade de abrigar esses novos elementos. Como o bairro da Ribeira já era edificado em sua totalidade, não absorvia o modismo inovador da especulação imobiliária da época, fato contribuiu para que o bairro, em certa medida, ficasse à margem do novo impulso modernizador.

A partir da década de 1950, o bairro da Ribeira já não mais correspondia e nem mais representava os valores da centralidade da sociedade, ele perde sua função e sua identidade no contexto urbano da Cidade de Natal, tornando-se obsoleto, o que fez dele um espaço desterritorializado.

[...] o movimento de desterritorialização que vai do centro para a periferia é acompanhado por uma reterritorialização periférica, por uma espécie de autocentramento econômico e político da periferia [...]. Em última análise é impossível distinguir a desterritorialização e a reterritorialização, que são como as duas faces de um mesmo processo (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 269).

De fato, observamos esse duplo processo na capital potiguar através da desterritorialização do bairro da Ribeira, que fora centro, e a reterritorialização

periférica da cidade. Segundo Harvey, os espaços de ontem que não se adequam às novas exigências e às novas formas de interação não mais suprem as necessidades de uma sociedade sempre em transformação. As consequências dessas transformações sociais podem ser lidas em espaços como o bairro da Ribeira, onde pode ser observado o fenômeno da desvalorização de uma determinada área urbana. Tal fato também pode ser considerado como um dos reflexos do sistema econômico.

No bairro da Ribeira foram observados diversos fatores que influenciaram no processo de desterritorialização do espaço, dentre eles podemos citar: a expansão urbana, a crise nos transportes tradicionais (porto e ferrovia), a migração do comércio e a segregação social. Estes atuaram de forma decisiva na perda das funções sociais e econômicas dessa fração da Cidade de Natal.

O presente trabalho encontra-se dividido em três partes. Na primeira parte, intitulada *Consolidação e valorização do bairro da Ribeira*, será abordado o processo de construção, ocupação, caracterização e desvalorização do referido bairro. A construção da Ponte Barros Braga (1736) e da Igreja Bom Jesus das Dores (onde o primeiro relato data de 1774), ambas no século XVIII, atestam o início do processo de urbanização do bairro. Sendo que, no início do século XIX, este já é apontado como centro comercial da Cidade de Natal. A partir de 1853 é notado o interesse governamental em realizar obras de urbanização no espaço, que desponta como profícuo para as atividades comerciais e sociais da urbe, devido principalmente à proximidade do Porto.

Com a implantação da República em 1889, todo o Brasil passa por um novo momento político-econômico. Nesse contexto, surge a necessidade de modernizar as cidades através do ideal do progresso. No desenvolvimento desta pesquisa será possível observar que no bairro da Ribeira foram construídos diversos estabelecimentos que estavam de acordo com os preceitos modernistas em voga, assim como foram realizadas diversas intervenções urbanas, o que resultará na valorização do espaço. Será visto também que o bairro se tornou o mais valorizado da capital. Contudo, apesar de ter sido habitado por moradores ilustres, o bairro da Ribeira também abrigava as classes sociais mais baixas. Eis que surge no contexto urbano da Cidade de Natal, em 1909, o Plano de Cidade Nova. Esse projeto urbanístico visou criar um espaço exclusivo para a zona central da sociedade natalense. Entretanto, apesar de não ser edificado nas décadas iniciais do século XX, é o primeiro passo para o início de um processo de estratificação social dos espaços na capital potiguar.

O segundo capítulo denominado *As transformações na Cidade de Natal e no bairro da Ribeira de 1940 a 1950*, tratará inicialmente de como o período que compreende a Segunda Guerra Mundial alterou as funções econômicas, sociais e espaciais da Cidade de Natal. Com a iminência do conflito, a cidade (em virtude da privilegiada localização geográfica) passou a sediar diversas bases militares brasileiras e, posteriormente, com a entrada do Brasil na Guerra, sediou a base norte-americana chamada de Parnamirim *Field*.

Foi verificado nesse momento um expressivo crescimento demográfico, devido às secas que assolaram o interior do estado do Rio Grande do Norte e a invasão dos contingentes militares brasileiros e americanos. Com a entrada do capital estrangeiro e o aumento demográfico, a então pequena Cidade de Natal adquiriu novas proporções espaciais. A construção de diversos empreendimentos militares e da Parnamirim *Road*, assim como os melhoramentos realizados na Avenida Alexandrino de Alencar, são intervenções que podem ser consideradas como fatores que contribuíram para a expansão espacial da cidade. A construção dessas artérias incentivou a ocupação das áreas próximas, assim como favoreceu a ascensão do mercado de terras em Natal.

Nessa conjuntura, observamos que o bairro da Ribeira vive um momento dicotômico: ao mesmo tempo em que parece está em pleno desenvolvimento de suas atividades sociais e comerciais, o espaço começa a vivenciar a segregação por parte das elites. Passado o conflito, torna-se evidente que houve uma estratificação social da cidade. Com a consolidação dos bairros de Cidade Nova e do bairro do Alecrim, o bairro da Ribeira passou a ficar à margem do processo de desenvolvimento urbano da Cidade de Natal, conforme será observado neste segundo capítulo.

No último componente alçado de *De Ribeira moderna à velha Ribeira*, será o momento em que os resultados da pesquisa serão enfatizados, abordando a cristalização da dinâmica processada no espaço. Será evidenciado como se deu o processo de desterritorialização do bairro da Ribeira, o que resultou na perda de sua função de centro urbano. Nesta etapa da pesquisa serão abordados os acontecimentos que ocorreram principalmente entre as décadas de 1950 e de 1960. Primeiramente, a ênfase será dada ao fato de como se deu a crise dos transportes tradicionais e como esta crise influenciou no processo em questão. Será observada a primeira tentativa, embora sem sucesso, de requalificar o espaço.

Em seguida será realizada a análise de como ocorreu a segregação social do bairro da Ribeira, partindo do pressuposto do abandono realizado por parte das elites.

Dessa forma, destacaremos como atuaram a especulação imobiliária e o surgimento de novas práticas sociais na consolidação do processo de despovoação. Na crise do espaço trataremos de como as áreas urbanas centrais, no desenrolar do século XX, têm amargado o declínio econômico e, conseqüentemente, um processo de deterioração ou degradação. Observaremos então como a expansão do sistema capitalista e o desenvolvimento econômico-tecnológico contribuíram para a transformação do modo de vida urbano, o que será refletido na organização da Cidade de Natal em relação ao seu antigo centro. Avultaremos como se deu a migração do comércio do bairro da Ribeira para o bairro de Cidade Alta, assim como as conseqüências desta dinâmica no contexto urbano.

Na última parte desta pesquisa estará em realce a relação entre o bairro da Ribeira e a sua decadência. Será argumentado o estudo sobre como o bairro se desvalorizou e quais conflitos sociais e econômicos se processaram nesse resultado. Através de algumas edificações, que outrora tiveram relevância e que hoje estão abandonadas, serão configurados os exemplos arquitetônicos estruturais arcaicos que mostram o significado da degradação espacial do bairro da Ribeira. E por fim, realizaremos uma discussão sobre a decadência no bairro da Ribeira, ressaltando que esta se deu através da correlação de dois fatores principais: a segregação socioespacial (inicialmente feita pela Zona Central da sociedade e depois pelas demais classes) e a degradação ambiental. Assim, reconheceremos a importância dos agenciamentos sociais nos processos desterritorialização e territorialização dos espaços.

CAPÍTULO I – CONSOLIDAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO BAIRRO DA RIBEIRA



Entorno da Praça Augusto Severo, 1909. Fonte: <http://www.flickr.com/photos/brasilianer2000/5867472269>. Acesso em: 15/12/2011.

O estudo da história de um tecido urbano depende da forma como este foi descrito no período em que o fato ocorreu, fontes documentais e jornalísticas são importantes para a compreensão desses espaços. Iremos aqui extrair as possíveis “imagens” contidas nessas fontes e, assim, ir construindo a nossa percepção do bairro da Ribeira, partindo da ocupação e desenvolvimento de seu território. Para Deleuze e Guattari, o território é resultante do fluxo de agenciamentos relativos ao *socios*.

Desde a fundação da Cidade de Natal, no século XVI, o desenvolvimento do sítio urbano se assinalou lento, segundo os relatos analisados por Câmara Cascudo. Este se tornou mais evidente em meados do século XVIII, fomentado pela expansão do ideário iluminista que apresenta o homem como centro. A partir de então, a cidade passa

a ser considerada como outra natureza, criada pelo homem, e que a partir desse pensamento vem a ser entendida como um reflexo da própria humanidade, adquirindo um novo *status quo*. Do mesmo modo, a Revolução Industrial que ocorreu principalmente na Grã-Bretanha pode ser considerada também como um dos fatores que impulsionaram o desenvolvimento dos sítios urbanos em todo o mundo, através do fortalecimento do sistema capitalista e da difusão do conceito de “homem de negócios”.

O homem de negócios estava sem dúvida engajado no processo de conseguir mais dinheiro, pois a maior parte do século XVIII foi para grande parte da Europa um período de prosperidade e de cômoda expansão econômica; o verdadeiro pano de fundo para o alegre otimismo do Dr. Pangloss, de Voltaire (HOBSBAWM, 2006, p. 55).

Reconhecemos que na Cidade de Natal tanto o Iluminismo quanto a Revolução Industrial não obtiveram grande força transformadora, devido ao fato da cidade estar situada em uma região periférica, em um país agrário. Contudo, os ideários nascidos nesses movimentos circularam livremente por todo o mundo, através principalmente das letras e das artes, que, em certa medida, também se fizeram presentes no contexto natalense. Esse desenvolvimento intensificou-se no século XIX, quando a chegada da coroa portuguesa fomentou o desenvolvimento dos usos e funções das cidades brasileiras. Ocorreu também a abertura dos portos brasileiros, que incluiu o país na expansão da Revolução Industrial e do capitalismo internacional, o que incentivou a economia e fomentou uma atração crescente pela vida urbana (DUARTE, 2002), o que contribuiu para a consolidação do bairro da Ribeira desde suas primeiras aparições na história natalense.

Fábio Duarte, ao dissertar sobre a construção dos espaços – embasado na obra de Lefebvre – parte do pressuposto de que a sociedade é representada pelos espaços que ela produz. Portanto, “[...] a prática espacial permite a formação lenta de lugares específicos dentro do espaço, onde a sociedade secreta seus valores, dominando e se apropriando de certos espaços, assegurando a continuidade e coesão social” (DUARTE, 2002, p. 43). Aqui consideramos o espaço como resultante da ação social, evidenciando que por esse motivo deve-se a existência das dinâmicas urbanas.

Com relação ao planejamento urbano, Hall afirma que “[...] o planejamento urbano no século XX, como movimento intelectual e profissional, representa essencialmente uma reação contra os males produzidos pela cidade do século XIX”

(2002, p. 9), dentre eles: as epidemias, o escoamento do lixo, a mobilidade, o traçado urbano etc. Logo, a preocupação com a Cidade de Natal ganha um novo sentido no século XX com o sucesso da cultura algodoeira. Notadamente, a economia do estado estava a pleno vapor, o que exigia investimentos na infraestrutura e nos serviços da capital. Ressaltando também que o fim do Império e a instauração da República puseram em discussão dicotomias como: tradição/modernidade, natural/técnico e rural/urbano.

Essas ideias contrapostas influenciam o pensamento e as ações da elite local, tendo os discursos advindos dessa classe social como eixo principal para a interpretação e compreensão dos fatos, evidenciando-os como grupo que exerce as relações de poder na Cidade de Natal. Entendendo essas relações sociais como um dos principais fatores da construção e transformação do espaço citadino, cabe-nos aqui tentar entender a construção socioespacial do bairro da Ribeira. Nesse sentido, evidenciando a participação da elite, em razão dessa classe social concentrar os poderes econômicos, intelectuais e políticos capazes de gerir (ou pelo menos tentar gerir) a cidade.

Analisando a *Teoria das Elites*, expressa por Saes (1994), tal classe possui o mérito de suscitar a análise morfológica do processo político, identificando grupos politicamente dominantes na sociedade capitalista. A partir de então se torna possível o entendimento das elites como classe dominante, ocupando um lugar de destaque na sociedade, independentemente do contexto de seu pertencimento, seja ele local, regional ou universal. Em suma, as elites ou classes dominantes são consideradas como sendo a fração social detentora do poder na sociedade capitalista, seja ele político, econômico, social e ideológico. Essa classe social é caracterizada por Shills como Zona Central desse tipo sociedade. Esse poder torna-se mais evidente dentro do contexto urbano, uma vez que “dentro da complexidade em que os estudos sobre o poder estão inseridos, as elites políticas representam o grupo que exerce as relações de poder na cidade.” (OLIVEIRA, 2008, p. 30). É fato que os registros históricos estudados são produzidos por essas elites e que seus discursos são fundamentais para a construção deste trabalho. Nesse contexto identificamos a elite ou Zona Central como agentes desejanter. Para Deleuze e Guattari, a realização de qualquer feito depende intrinsecamente do desejo de realizar, sendo a codificação desse desejo e de seus fluxos o objetivo do *socios*. Para os autores, “a produção desejanter aparece também desde o princípio: há produção desejanter desde que haja produção e reprodução sociais” (2004, p. 142). Portanto, a própria construção e permanência nos territórios dependem da atuação dos agentes

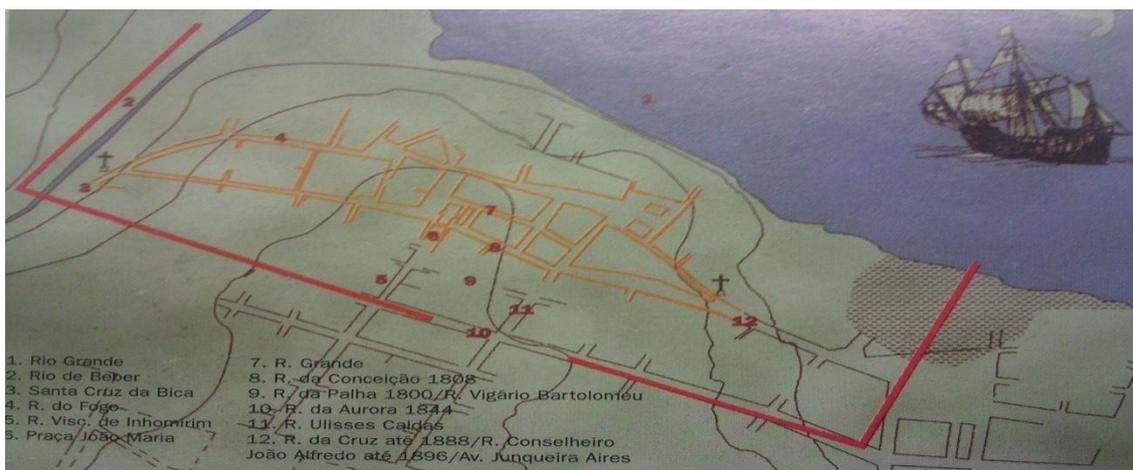
sociais. “Em Natal, o grande sonho que fazia vibrar o coração das elites natalenses era o de fazer sua cidade alcançar o patamar de civilidade julgado digno de uma capital” (ARRAIS; ANDRADE; MARINHO, 2008, p. 129). No trecho acima, observa-se a participação de determinada classe social na construção dos espaços da Cidade de Natal através do desejo: um desejo maquínico, desejo esse pertencente principalmente à Zona Central dessa sociedade, onde os fluxos desejantes se inscrevem diretamente nos espaços. A partir desse pressuposto, buscamos compreender como se desenhará o bairro da Ribeira.

1.1 O INÍCIO DO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO E O SURGIMENTO DO BAIRRO DA RIBEIRA

No início da formação do que viria a ser a Cidade de Natal, em 1599, constituiu-se o núcleo do povoamento colonial português no bairro da Cidade Alta. O lugar já nasceu com foros de “cidade”, criada pelo decreto do então Rei de Portugal, Felipe II. Destacando a espontaneidade na qual surgiam as cidades no período colonial, os logradouros se constituíram ao estilo vigente, onde as ruas estreitas e desalinhadas eram, via de regra, apinhadas de casinhas de taipa e poucas casas de melhor qualidade (pedra ou tijolo). Era um período em que as missas aos domingos, as procissões e os eventos religiosos eram considerados como um acontecimento político, social e econômico, uma argamassa unificadora da sociedade colonial, como nos esclarece Rubenilson Teixeira. A Ribeira geograficamente localiza-se ao norte do núcleo urbano inicial, uma área alagada pelas marés do rio Potengi. Sua ocupação deve-se primeiramente por encontrar-se no meio do caminho entre a cidade e a Fortaleza dos Reis Magos.

Sobre a demarcação feita pelos colonizadores do território onde deveria emergir a cidade, de acordo com Câmara Cascudo:

A demarcação inicial sumária seria a chantação de duas cruzes, marcando o sítio da futura cidade, os limites sagrados da urbs. As cruzes foram fincadas nos aclives da colina. A cruz do norte ficou perto do square Pedro Velho, e a rua que levava a Ribeira, a ladeira teve o nome de rua da cruz, até março de 1888 quando lhe crismaram de Rua Conselheiro João Alfredo. Em março de 1896 passou a ser o que está sendo, Rua Junqueira Aires (1999, p. 143).

Figura 26 – Limites urbanos de Natal³

Fonte: MIRANDA, 1999.

Na citação acima percebemos que desde a demarcação inicial da urbe, a Ribeira já estava incluída nos planos de crescimento da única cidade norte-rio-grandense, até então. No período da fundação, poucas casas eram erguidas, mesmo em seu centro, que no século XVIII contava com três igrejas, Casa de Câmara e Cadeia, Armazém, Casa da Alfândega e dos Contos Reais, Real Erário/Tesouraria da Fazenda. Enquanto na Ribeira (Cidade Baixa), constata-se que sua ocupação se deu a partir do século XVIII, por fazendas e chácaras, depois construção da ponte de Barros Braga, por volta de 1736 (ligando a Cidade Alta à Ribeira). Essa construção comprova a existência de uma população no local. Sobre a referida ponte, o historiador da cidade relata que “depois da ‘ladeira’ (muito tempo após, Rua da Cruz) a Campina guardava, perene e seguro, o grande pântano alimentado pelas marés. Havia uma pontezinha. Era um quadrado imenso, desolado, silencioso...” (CASCUDO, 2007, p. 42). Também no século XVIII, a Ribeira consolida-se como bairro a partir da construção da Capela, que seria mais tarde a Igreja de Bom Jesus das Dores.

Na Cidade de Natal durante o período colonial, é de suma importância citar a influência do sagrado na formação do espaço urbano. A igreja não servia apenas para o culto cristão, possuía também um caráter simbólico e político, em que era externado o poder e a representação da sociedade. Segundo Teixeira, “outro aspecto importante ligado ao uso sagrado do espaço urbano da capital, visível igualmente no período que nos interessa, é a significação política dos eventos religiosos que nele ocorrem” (2009,

³ Ver as duas cruzes da demarcação inicial da cidade, bem como também a área alagada da Ribeira pontilhada na figura.

p. 77). A presença desse tipo de edificação no bairro da Ribeira pode ser considerada como um elemento indicativo da sua evolução urbana. A igreja do bairro é intitulada Igreja do Senhor Bom Jesus das Dores, fundada no século XVIII, e, de acordo com Câmara Cascudo, a referência mais remota sobre a existência desse templo “é um registro de óbito de Manuel Gomes da Silveira, falecido em 8 de agosto de 1774, por onde se constata ter tido o defunto, sepultura na Capela do Senhor Bom Jesus das Dores” (1980, p. 86). O autor nos coloca uma questão contraditória em relação ao ocorrido em outros lugares, inclusive na mesma urbe, uma vez que “apesar da Ribeira ser um bairro residencial e com maior comércio, a Capela foi sempre modesta, sem esplendores e seduções materiais” (1980, p. 86). Ou seja, a Capela não condizia com a realidade social e econômica, porém sua construção torna-se relevante na formação do bairro, o que nos faz supor que a igreja só foi erigida devido ao fato de já haver uma população razoável residindo na Ribeira.

Figura 27 – Igreja Bom Jesus das Dores



Fonte: *Natal ontem e hoje*, 2006.

Do século XVIII ao início do século XIX, o bairro da Ribeira caracterizou-se pela sua geografia, estando localizado em uma região pantanosa e insalubre, sendo até então ocupado pelas classes mais baixas. Cascudo descreve a Ribeira como:

Cercada pelas dunas e pelos coqueiros, cinquenta ou cem casas tímidas e espaçadas anunciavam a cidade. Gameleiras, tatajubeiras, mungubeiras davam o lugar das prosas. Era a Ribeira, pequena, triste, atufada em brejos, circundada de lagoas, de atoleiros, de pântanos. Era o alvo das rajadas de cólera e bexigas. Lugar enfim onde moravam a

pobreza, a indignação e a miséria – gritava, em 1850, João Carlos Wanderley no relatório à Assembléia (2007, p. 42).

O autor também faz referência ao difícil acesso entre a Cidade Alta e a Cidade Baixa, ressaltando a necessidade de uma intervenção política na estrutura física da urbe (no caso, um aterro), bem como explicitar o interesse na ocupação e na regulamentação das terras do bairro:

A única via de acesso entre Cidade Alta e Ribeira era a ladeira íngreme, escorregando feito sabão depois das chuvas. Nos papéis velhos a frase comum é o aterro. João da Costa Santiago pede em 11 de dezembro de 1782 o título das casas em que mora ao pé do aterro que vai para a Ribeira desta cidade. Ou a cruz. Ricardo Witshire, a 30 de janeiro de 1790, requer chão para construir “no apartamento dos caminhos que vão desta cidade para a Ribeira, entre a cruz e as casas de Dona Eugrécia”. Essa Dona Eugrécia Maria e mais duas manas eram possuidoras de “cinco braças de terra para construir casas de taipa no caminho que vai para a Ribeira, defronte da cruz que divide as duas estradas” (CASCUDO, 1999, p. 148).

A área em questão recebeu vários nomes, tais como: aterro, ladeira, subida da ladeira e rua da cruz. Portanto, o mais relevante aqui é perceber a intensificação do interesse na construção de habitações (mesmo que de forma vernacular) e o crescente número de habitantes a partir do final do século XVIII e início do XIX. Outra preocupação, tanto por parte das elites governantes quanto por parte da população, seria o espaço alagadiço que dividia os bairros da Cidade Alta e da Ribeira. O pântano representaria dois graves problemas: locomoção intraurbana e salubridade, levando em consideração o conceito miasmático então em voga. Nesse conceito, a área alagada seria responsável por diversas moléstias que afetavam a população da capital. Devido a esses fatores, é importante ressaltar a existência de vários planos para essa área, considerada privilegiada por sua localização estratégica e ocupada pelas forças da natureza, levando em consideração os discursos da época que colocavam o homem contra a natureza, a civilização contra a barbárie. Um dos primeiros planos para esse espaço foi em 1853, elaborado pelo então Presidente Pereira de Carvalho, em 17 de fevereiro desse ano, que dizia o seguinte:

Uma obra, que há muitos parecerá de mero luxo, mas no meu entender de grande importância, é a factura de um passeio público à margem do grande rio, que dá nome a esta província; em verdade não há lugar, que reúna mais proporções, e posso prestar melhor ao cômodo e

recreio dos habitantes d'esta Cidade, e mais apropriado é uma obra desta natureza, do que aquele que demora ao poente do aterro e conduz do bairro da Cidade para o da Ribeira, o qual ficando a borda do rio, acha-se justamente no centro da cidade, por estar colocado entre os seus dois bairros. Lastimo dentro d'alma que a província não tenha meios para no coração de sua capital construir o mais belo passeio publico, onde a par da distração, que encontrariam os seus habitantes nesse ponto de reunião, poderiam gozar da encantadora vista de um belo rio, de suave brisa, á sombra de frondosas árvores [...].

O governante em questão, neste mesmo discurso, também atenta para a utilização por parte do comércio no espaço em questão, uma vez que este é favorecido pela presença do porto.

Não para nisso a vantagem do passeio público no lugar, que vos indico; outra igualmente importante é a possibilidade de vir a ser para o futuro uma praça magnífica de comércio, sendo que bem contiguo a esse lugar existe já um armazém que pela sua vastidão, solidez, e outras proporções, é o edifício mais próprio para alfândega desta Cidade.

É relevante o fato que no decorrer do século XIX foram instituídas diversas leis que proibiam a construção privada no local, devido ao interesse governamental de aterrará-lo e nele construir. Figueiredo Júnior, sucessor de Pereira Carvalho, também esboçou diversas medidas que vieram a reforçar seus planos de que, pela localização geográfica, o alagado deveria ser o centro comercial da capital. Figueiredo Júnior, em 1861, foi o primeiro que realizou de fato obras no local, construindo um muro que dividia o alagadiço e aterrando entre o terreno e o rio (RODRIGUES, 2006). Sobre os planos, o relatório do Presidente Figueiredo Júnior, de 6 de abril de 1861, dizia que:

Já dei ordem ao engenheiro para levantar a planta da praça e ruas adjacentes, reservando nas extremidades dela, do lado do rio, os espaços necessários para a construção de dois edifícios, um dos quais deverá ser o mercado público.

A construção de uma rampa para embarque e desembarque na parte mais central da muralha é um dos melhoramentos que prestando utilidade concorreria para aformosear uma das mais importantes localidades desta capital.

Esses discursos transparecem o ideário da elite governante com relação ao bairro Ribeira, evidenciando o caráter comercial que o recorte desenvolvia no contexto

urbano da Cidade de Natal. Mesmo que muitos desses planos não tenham sido realizados, manteve-se vivo o desejo latente de efetivação, o que mais tarde realizou-se.

No ano de 1850, foram construídos diversos prédios na Rua do Comércio (atual Rua Chile) e, em 1869, o Cais 10 de junho (atual Tavares de Lira). No ano seguinte, Pedro de Barros Cavalcante transferiu a sede da Administração Provincial da Rua da Conceição, na Cidade Alta, para o sobrado da Rua do Comércio, na Ribeira. Somente em 1902, a sede do governo voltaria à Cidade Alta. A transferência da sede da Administração Provincial vem a ser um indicativo da valorização do bairro da Ribeira.

No final do século XIX, o comércio do bairro da Ribeira já se encontrava bastante diversificado, contava com várias lojas de variedades, a exemplo citamos: o Bazar Natalense, a Casa de Lobato, a G. N. Aranha⁴; o armazém de fazendas, miudezas e comissões de Ângelo Roseli, o empório comercial de Fortunato Aranha, a Antiga Loja de fazendas e miudezas (esplêndido sortimento de todos os artigos de modas) de Nicolao Bigois, a Popular Comércio e Indústria (fazendas, miudezas, chapéus, calçados e alfaiataria) de Barbosa e CIA⁵, entre outras. O bairro abrigava também vários serviços, como: Progresso – Companhia de seguro mútuo contra fogo⁶; Museu de Joias (grande oficina de ourives, loja de jóias, relojoaria e Lunetaria), Especialidades da Empresa Graphica de Renaud e CIA⁷; assim como os melhores hotéis da cidade.

HOTEL BRAZIL – Este importante estabelecimento, propriedade de Francisco de Paula, acha-se completamente montado com todas as acomodações precisas para famílias, passageiros, hospedes e viajantes – e dispõe de tudo quanto desejar se pode para ser agradável a todo aquele que tenha de procura-lo. Toda sorte de recreios, bilhares, excelentes banhos de toda qualidade, aposentos cuidadosamente preparados com asseio, – tudo enfim de útil e agradável de confortável que se pode desejar aos cômodos da vida encontrar-se-há no HOTEL BRAZIL, e pelo mais cômodo preço possível. Praça Marechal Deodoro – logo no cais de desembarque – Ribeira – Natal⁸.

⁴ Cf. *O Nortista*, ano II, nº 108, Natal, 6 abr. 1894. Disponível em: <www.cchla.ufrn.br/nehad/jornais>.

⁵ Cf. *Diário do Natal*, Natal, sábado, 1 jul. 1893. Disponível em: <www.cchla.ufrn.br/nehad/jornais>.

⁶ Cf. *Diário do Natal*, Natal, sábado, 1 jul. 1893. Disponível em: <www.cchla.ufrn.br/nehad/jornais>.

⁷ Cf. *Diário do Natal*, ano IV, nº 368, Natal, 15 dez. 1895. Disponível em: <www.cchla.ufrn.br/nehad/jornais>.

⁸ Cf. *Diário do Natal*, ano IV, nº 368, Natal, 15 dez. 1895. Disponível em: <www.cchla.ufrn.br/nehad/jornais>.

A Ribeira ainda contava com a Padaria Sant'iago e a Livraria Cosmopolita⁹; e com a Tabacaria Havaneza¹⁰. Em suma, o bairro dispunha de um grande sortimento comercial para atender as necessidades da população natalense.

A Ribeira estava sendo o bairro comercial, dinheiroso, materializado. A Rua do Comércio já estadeava prédios e armazéns repletos de açúcar, algodão, sal, peles, embarcados pelas sumacas e barças bojudas para Pernambuco, o grande comprador. A cidade se alastrava, lenta, dos dois núcleos (CASCUDO, 2007, p. 43).

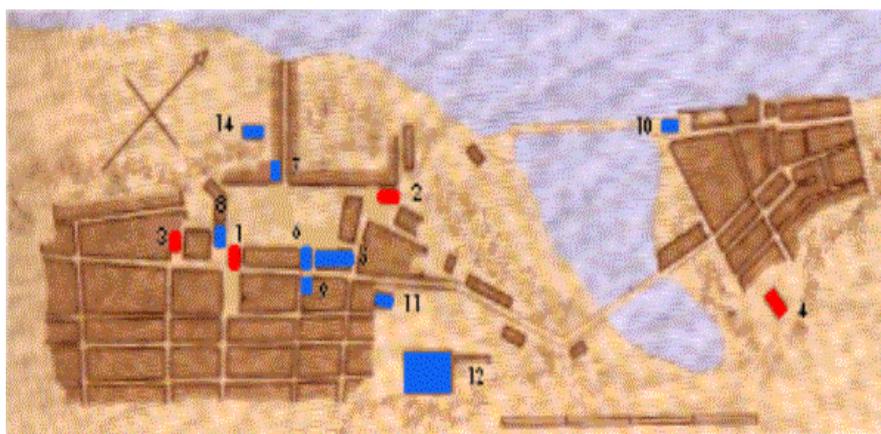
Portanto, o incremento das atividades comerciais no bairro fomentou uma série de melhoramentos em sua infraestrutura com o decorrer do tempo. Apesar da lentidão nos processos de desenvolvimento e expansão da cidade, como evidencia Cascudo na citação acima, esta sofreu significativa ampliação física, econômica e demográfica nos anos seguintes. O trecho “a Cidade de Natal, fundada no século XVI, nasceu no século XX. Os intermediários são períodos de história guerreira, política ou dorminhoca. Faz de conta que não existiram” (CASCUDO, 2007, p. 43) reflete a postura desse historiador. De fato, a cidade não possuía grande destaque nos seus primeiros séculos de vida, mas, contestando Cascudo, nos propomos a elucidar que se torna evidente, a partir de meados o século XIX, que o desenvolvimento urbano passa a ser intensificado na Cidade de Natal.

À tarde saímos passeando para ver a Cidade Baixa. É situada às margens do rio e as casas ocupam as ribas meridionais e não há, entre elas e o rio a largura da rua. Essa parte pode conter duzentos a trezentos moradores e aí residem os negociantes do Rio Grande (KOSTER, 1978, p. 89).

Em 1810, a partir da estimativa de Koster, o bairro da Ribeira possuía um número modesto de habitantes. Mas a partir da Figura 3, observamos que em 1864 o bairro da Ribeira já possuía representação no mapa da Cidade de Natal, contava com uma igreja e um prédio público (alfândega), o que nos apresenta o seu crescimento não apenas demográfico, como também espacial, social e econômico, no decorrer de 54 anos.

⁹ Cf. *Diário do Natal*, ano IV, nº 368, Natal, 15 dez. 1895. Disponível em: <www.cchla.ufrn.br/nehad/jornais>.

¹⁰ Cf. *O Nortista*, ano II, nº 108, Natal, 6 abr. 1894. Disponível em: <www.cchla.ufrn.br/nehad/jornais>.

Figura 28 – Natal em 1864¹¹

Fonte: Teixeira, 2009.

O primeiro Censo Demográfico realizado na Cidade de Natal foi em 1897, e demonstrou um significativo aumento no número de habitantes do bairro da Ribeira, partindo de uma população, segundo a estimativa de Koster, de apenas 300 habitantes em 1810 para 2.800 habitantes em 1897. Pode-se afirmar que o bairro obteve, no período em questão, um grande crescimento demográfico, acompanhado de seu desenvolvimento espacial e econômico no decurso do século XIX.

Tabela 1 – Censo Demográfico da Ribeira de 1897

Número de casas	696
Número de habitantes	2.800
Nacionais	2.785
Estrangeiros	15
Homens	1.237
Mulheres	1.563
Sabiam ler	1.291
Analfabetos	1.509
Branco	1.133

¹¹ O bairro da Ribeira já aparecia no mapa da cidade. Além das praças, podemos distinguir: 4 igrejas (1 - Nossa Senhora da Apresentação; 2 - Igreja do Rosário; 3 - Santo Antônio; 4 - Bom Jesus, situada na Ribeira) e vários edifícios públicos (5 - Palácio do Governo; 6 - Assembleia Provincial; 7 - a Casa de Câmara e Cadeia; 8 - Tesouraria da Fazenda; 9 - Tesouraria Provincial; 10 - Alfândega; 11 - Escola Atheneu; 12 - quartel militar; 13 - quartel de polícia, ocupando as dependências da Igreja Santo Antônio; 14 - hospital militar. Observe a área inundada que ainda separava a cidade alta da Ribeira. Cf. TEIXEIRA, 2009, p. 532.

Pardos	1.298
Pretos	369
Solteiros	1.876
Casados	708
Viúvos	216

Fonte: *A República*, Natal, 5 fev. 1897.

Contudo, o desenvolvimento econômico não se deu apenas devido ao crescimento demográfico, mas também a outra grande mudança do século XIX: as comunicações. Através da velocidade e da facilidade do transporte de pessoas, cargas e correspondências, o mundo inteiro passa a se comunicar e a se expandir, não apenas através de seus produtos como também suas ideias, fruto e consequência da globalização iniciada com a expansão marítima.

1.1.1 O porto

O porto foi um fator determinante para o desenvolvimento do bairro da Ribeira. Foi a primeira forma de acesso e comunicação à Cidade de Natal. O transporte marítimo era o mais importante até meados do século XIX. O porto de então tem o papel de articulador natural dos fluxos nacionais com a circulação mundial de mercadorias, bem como não se restringe apenas aos imperativos da comercialização em si, ele engloba a circulação dos bens (materiais) e os fluxos (imateriais) de informações. O porto agrega valor a si mesmo e aos espaços de sua interlândia, permitindo assim a integração do material e do imaterial, da mercadoria com as informações aferentes às suas qualidades. O porto se caracterizou no período colonial como “[...] uma porta de entrada, uma abertura para a constituição de negócios [...]” (SILVA; COCCO, 1999, p. 198), daí sua relevância ante as atividades econômicas. Vale ressaltar também a sua relação com a produção espacial das regiões portuárias. De acordo com Llovera “as cidades portuárias possuem, nas atividades do seu porto, um dos elementos básicos do seu desenvolvimento econômico” (*apud* SILVA; COCCO, 1999, p. 210). Embasados nesse pressuposto, são múltiplas as influências exercidas pela dicotomia porto/interlândia. No caso do bairro da Ribeira, este “fixou o comércio. Foi seu domínio. A primeira rua paralela ao rio se disse Rua do Comércio (Rua Chile), onde os armazéns se erguiam,

recebendo pau-brasil, algodão, açúcar, tatajuba, peixe seco etc.” (CASCUDO, 1999, p. 237).

Figura 29 – Porto da Cidade de Natal, Ribeira



Fonte: *Natal ontem e hoje*, 2006.

O ambiente portuário possui um caráter comercial, caracterizando-se primordialmente como espaço de compras, vendas e trocas não apenas de mercadorias, como também de ideias. O porto constitui-se, como afirma Milton Santos, em um meio técnico científico, onde “o momento histórico no qual a construção ou reconstrução do espaço se dará com um crescente conteúdo de ciência, de técnicas e de informação” (1993, p. 35). A informação se torna um motor fundamental do processo social de construção dos espaços (ou territórios), que passam a ser equipados para facilitar o tráfego, influenciando concomitantemente na consolidação do bairro da Ribeira como bairro comercial.

É importante ressaltar que, a partir da segunda metade do século XIX, este bairro consolidou sua função comercial, povoado de grandes armazéns, onde eram guardadas as mercadorias importadas ou para exportar para o exterior. Por conseguinte, a Ribeira que conhecemos atualmente começou a delinear a sua fisionomia entre o final do século XVIII e o início do século XIX (SOUZA, 2008, p. 234).

Essas ideias são incutidas na caracterização do bairro da Ribeira, onde a grande movimentação no porto se torna determinante não apenas para a fixação do comércio, como também de casas. Henry Koster fez uma descrição do Porto de Natal no início do século XIX, ressaltando que:

A barra do Potengi é muito estreita, mas tem profundidade para navio de 150 toneladas. A margem setentrional avança consideravelmente e, por essa razão, é necessário que o navio rume ao sul para entrar. O canal no meio dos arrecifes que ficam à pequena distância da praia requer conhecimento. Enfim o Porto é de acesso difícil (1978, p. 89).

O mesmo autor também irá citar a capacidade do porto da Cidade de Natal, que pode abrigar de “seis a sete navios” (KOSTER, 1978, p. 90), bem como também fez referência às regiões inundadas de difícil acesso. Através de uma intervenção governamental foi construída uma calçada que viabilizaria o tráfego, denotando assim a preocupação por parte do poder público para com o porto no período em questão.

Dentre os principais produtos exportados pelo porto potiguar no século XIX, poderíamos destacar: o algodão – que representava uma parcela da economia sertaneja, principalmente da região do Seridó; o sal – que era proveniente principalmente do litoral setentrional da província; a cera de carnaúba – que era produzida em larga escala nos vales dos rios Mossoró, Apodi, Assu e Piranhas; a cana-de-açúcar – produzida no litoral oriental. De acordo com os produtos produzidos pelo estado do Rio Grande do Norte, observa-se a predominância de uma economia agrária: “a cana-de-açúcar e o algodão seriam os principais produtos escoados através do porto de Natal, o que determinaria o crescimento da Ribeira como bairro comercial, com a instalação de armazéns e lojas próximos ao rio” (RODRIGUES, 2006, p. 35), fato que fomentou o desenvolvimento do bairro, tanto no aspecto econômico quanto no social. A distinção das classes e a influência das velhas e novas elites foram transformando o espaço que outrora fora apenas um caminho.

1.1.2 A ferrovia

O transporte ferroviário estava em plena expansão na Europa e nos Estados Unidos durante todo o século XIX. Em decorrência do processo de globalização que se acentuava no período, o Brasil, que buscava adequar-se ao novo modelo baseado na divisão internacional do trabalho, era desejoso de tal tecnologia. Em razão desse fato, foi implantado um plano nacional de expansão da rede ferroviária, o qual só beneficiou o estado do Rio Grande do Norte no último quartel do século XIX. Instalaram-se na

capital os funcionários e engenheiros da Imperial Brazilian Natal and Nova Cruz Railway Company, em 1880. Eles estavam envolvidos na construção da estrada de ferro que ligaria a capital à cidade de Nova Cruz.

Figura 30 – Antiga Estação Ferroviária da Ribeira, no entorno da (hoje) Praça Augusto Severo.



Fonte: *Natal ontem e hoje*, 2006.

De acordo com o relatório do presidente Dr. Sátiro de Oliveira Dias, “acha-se inaugurada desde o dia 28 de setembro do ano passado a primeira secção desta estrada entre a capital da província e a cidade de São José do Mipibu” (1882, p. 08). A sede da ferrovia estava localizada no entorno da Praça Augusto Severo. Sua presença agregou muita vida ao bairro da Ribeira, que já era movimentado devido ao porto e animou-se ainda mais com o constante transporte de mercadorias e passageiros que provinham principalmente dos estados de Pernambuco e Paraíba. Sobre esse aspecto é importante citar:

É curioso ver-se a influência benéfica que as estradas de ferro exercem nos costumes e no modo de viver nos lugares por onde passam, influencia que se desenvolve na razão inversa do tamanho e importância das povoações. Dentro em pouco o grito da locomotiva convocará os habitantes pra a conquista de novas indústrias, e guiada por essa mensageira do progresso, vereis a vossa capital transformar-se em enérgica operária da civilização (MACHADO, 1880, p. 14-15).

Essa influência progressista advinda da implantação da estrada de ferro transformará não apenas a população, como também o espaço. A edificação da estação na Praça Augusto Severo fomentará em seu entorno diversas atividades complementares

a ela, favorecendo uma nova centralidade, destacando a ampliação das atividades hoteleiras e a proliferação do comércio em geral na região.

A praça defronte à estação central, o prédio que receberia em seus alicerces o registro simbólico dessa fé no progresso tecnológico, seria palco de uma grande intervenção que tornaria este espaço a nova porta da Cidade de Natal [...] (RODRIGUES, 2006, p. 120).

Portanto, a chegada da ferrovia, mesmo no final do século XIX, configura-se também como um importante agente revelador da importância e da valorização do bairro da Ribeira como centralidade comercial e porta de entrada da capital potiguar. No entanto, pode-se afirmar que o espaço passou a ser povoado a partir do século XVIII, consolidando-se como bairro através principalmente da construção da ponte Barros Braga e da Igreja Bom Jesus das Dores. Consideramos o grande crescimento demográfico ocorrido no século XIX como fator decisivo no desenvolvimento social e econômico do bairro, bem como o porto (que o caracterizou como importante área comercial) e a ferrovia (que o consolidou como valorizada porta de entrada da Cidade de Natal).

É de suma importância ressaltar nesse momento às rixas existentes entre os moradores da Cidade Alta e da Cidade Baixa, respectivamente denominados Xarias e Canguleiros, devido ao tipo de peixe que presumidamente se alimentavam: o Xaréu tido como peixe consumido pelas elites e o Cangulo pelas classes mais baixas (CASCUDO, 1974), o que denotava a desvalorização do bairro da Ribeira (tida como área alagada e insalubre) ante o centro inicial da urbe. Porém observou-se que no decurso do século XIX o espaço foi gradualmente sendo valorizado, consolidando assim a dinâmica que se processou no contexto urbano da capital potiguar.

Segundo Harvey, “a tarefa da teoria espacial, no contexto do capitalismo, consiste em elaborar representações dinâmicas de como essa contradição se manifesta por meio das transformações histórico-geográficas” (2005, p. 145), que se tornará mais evidente na Cidade de Natal a partir da implantação da República e dos crescentes investimentos nos transportes e na infraestrutura urbana.

1.2 A REPÚBLICA E A VALORIZAÇÃO

A Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, depositará em todo o país um novo rumo de desenvolvimento na busca de novas diretrizes e ideais, inclusive na forma de compreensão e administração das cidades. Um grande desenvolvimento foi alcançado em meados do século XIX pelas capitais internacionais, principalmente europeias. Este foi gerado a partir segunda Revolução Industrial, na emergência de uma nova realidade de grandes cidades. Com essas transformações, que foram ditadas pela nova ordem mundial de modernização, as cidades passaram a sofrer intervenções de acordo com o modelo desejado, principalmente após as reformas urbanas feitas por Pombal em Lisboa no século XVIII e Haussmann em Paris no século XIX. O planejamento da cidade moderna e industrial, segundo Giedion:

Considerando a organização da cidade principalmente como um problema técnico, Haussmann concentrou-se primordialmente nos problemas de tráfego e transporte – isto antes da era da ferrovia e muito antes de os automóveis terem contribuído para agravar os problemas de circulação nas cidades (2004, p. 792).

Após a reforma urbana de Paris, o alargamento das ruas para facilitar o tráfego tornou-se indispensável para todas as grandes cidades do mundo, não apenas isso como também a própria organização dos espaços coletivos de lazer e interação. “Nenhuma inovação no planejamento foi tão imitada nos anos imediatamente subsequentes que a organização de praças preenchidas com verde em meio ao tráfego” (GIEDION, 2004, p. 777). Partindo do pressuposto modernista de pensar a cidade pela sua funcionalidade, a centralidade (SHILS, 1992) social natalense tornará claro em seus registros o desejo latente de dar a cidade características de uma capital moderna. Como sonhado em 1909, por Manoel Dantas em seu discurso “Natal daqui a cinquenta anos”¹².

Esse processo também acarretará transformações no comportamento social que se fazem notar nesse período. De acordo com Sidney Chalhoub, o rompimento com o passado e a busca pela modernidade gerou uma oposição entre a “barbárie colonial” e a “civilização”. A adquirida relevância de conceitos como civilização, ordem, progresso, dentre outros, e o ressaltar veemente à limpeza e beleza do espaço são fatores determinantes do espaço civilizado. Através desses conceitos, as elites buscavam colocar o Brasil e a Cidade de Natal no “caminho da civilização”.

¹² Cf. DANTAS, 2000, p. 55-79.

Na intenção de aplicar aos novos velhos espaços das cidades os sentidos desejados por aqueles que trabalhavam na reordenação no início do século XX, foi travada uma luta, por meio da qual a elite procurava impor uma definição das práticas e condutas próprias de uma capital moderna e civilizada (ARRAIS; ANDRADE; MARINHO, 2008, p. 130).

Com relação ao interesse de tornar o espaço citadino moderno e funcional, na tentativa de fazê-lo atender aos anseios da sociedade que o utiliza, identificamos o período que engloba as décadas entre 1900 e 30 como época de ascensão e valorização do bairro da Ribeira, devido aos melhoramentos estruturais ocorridos no mesmo.

Esse desenvolvimento foi incitado pela economia do estado do Rio Grande do Norte, que estava vivendo um momento de crescimento com a exportação de matérias primas para os mercados mundiais. Esse crescimento foi refletido na infraestrutura urbana da capital – principalmente relacionado à produção, transporte, armazenamento, comercialização e exportação dos produtos –, enfatizando que no sistema mundo capitalista “o aperfeiçoamento do transporte é visto como inevitável e necessário” (HARVEY, 2005, p. 50), o que impulsionou o desenvolvimento da cidade como um todo, e principalmente o bairro da Ribeira, que apreendia os fluxos de pessoas e mercadorias através do porto e da ferrovia. Esse processo, segundo Harvey, condensa em um determinado espaço a força de produção e o consumo, o que agrega o acúmulo de capital e o suposto “desenvolvimento” do espaço que está inserido.

A reprodução das relações de produção implica tanto a extensão quanto a ampliação do modo de produção e de sua base material. Portanto o capitalismo, por um lado, se estendeu ao mundo inteiro, subordinando a si as forças produtivas antecedentes e transformando-as para seu uso. Por outro, o capitalismo constituiu novos setores de produção e conseqüentemente de exploração e de dominação; entre esses setores, citam-se: o lazer, a vida cotidiana, o conhecimento e a arte, a urbanização, enfim [...] (LEFEBVRE, 1999, p. 176).

A implantação de uma nova ordem de organização urbana e social fomentada pelo processo capitalista, como nos diz Henry Lefebvre na citação acima, são observados no bairro da Ribeira, principalmente quando “alagadiços foram transformados em praças e jardins, dando origens a espaços de sociabilidade e lazer. O calçamento e a abertura de ruas contribuíram para dar mais dinamismo à vida urbana e também para consolidar a Ribeira como bairro comercial” (ARRAIS; ANDRADE; MARINHO, 2008, p. 85).

A Ribeira, desde cedo, revelou-se como bairro comercial e no início do século XX era lá que estavam a maioria dos espaços de sociabilidade da cidade: jardins, cafés, clubes, praças, escolas, cinema e teatro. Todos esses estabelecimentos denotam a modernização do espaço em comparação com a realidade existente anteriormente no mesmo, gerando uma grande circulação de pessoas devido aos diversos serviços e opções de entretenimento e interação que passaram a ser oferecidos. Notadamente, durante a década de 1920, novas sociabilidades afloram na Cidade de Natal.

Os festejos religiosos, que foram a principal forma de sociabilidade no passado, pouco a pouco, perdiam sua influência. Observou-se na capital a intensificação do processo de laicização. A presença de bares, cinemas e café estavam se multiplicando por toda cidade e concentravam-se principalmente no bairro da Ribeira. Esse processo contribuiu para a transformação da antiga sociedade patriarcal em uma sociedade mais livre e profana, onde a função religiosa foi sendo suplantada por práticas meramente econômicas e administrativas. Ao analisar tal transição, Rubenilson Teixeira constatou que a mudança das práticas no espaço fomentou o crescimento urbano. O autor afirma que: “os espaços em transformação refletem muito mais uma visão elitista, de inspiração republicana e moderna, cara às classes dominantes, do que uma visão piedosa, de exaltação do sagrado” (TEIXEIRA, 2009, p. 513). Desse modo, a Zona Central dessa sociedade aderiu aos novos costumes, assim como passou a ditar as modas e a construir esses espaços através das práticas.

A elite natalense ambicionava pôr a cidade no contexto de uma capital moderna, para isso se fazia necessário um eficiente sistema de transporte coletivo, principalmente em virtude do acesso entre os dois principais bairros da cidade, que era difícil devido à ladeira íngreme que os separavam. Durante muito tempo tentou-se implantar em Natal o transporte coletivo que tanto facilitaria a vida da população e influenciaria na integração dos espaços da Cidade Alta e da Ribeira. Em 7 de setembro de 1908, a Companhia Ferro Carril de Natal inaugurou a primeira linha de Bondes puxados a burro, que dotaram a cidade de funcionalidade e facilitaram a circulação entre os dois principais bairros da cidade¹³. Com relação às desavenças que havia entre os Xarias e Canguleiros, Cascudo escreve que com a fácil comunicação gerada pelo transporte facilitado, “Xarias e Canguleiros morreram. Nasceu o natalense” (1974, p. 16).

¹³ Cf. *A República*, Natal, 7 set. 1908.

Quatro anos após a implantação dos bondes, eis que surge outra novidade na cidade. O então governador Alberto Maranhão, no dia 2 de outubro de 1911, inaugurou a implantação dos serviços de luz elétrica, de bondes elétricos e de telefones, que foram recebidos com júbilo pela população da cidade¹⁴. Inicialmente apenas os bairros da Ribeira e da Cidade Alta receberam tais melhoramentos, o que resultou na valorização de ambos. Assim, o espaço que é objeto deste estudo se insere na dinâmica urbana como lugar de intensa representatividade e expressão para o desenvolvimento social e econômico da capital do Rio Grande do Norte. Portanto, a construção de alguns edifícios está intrinsecamente relacionada à ideia de modernização, e notadamente agregaram valor ao espaço.

1.2.1 Importantes edificações erigidas no período

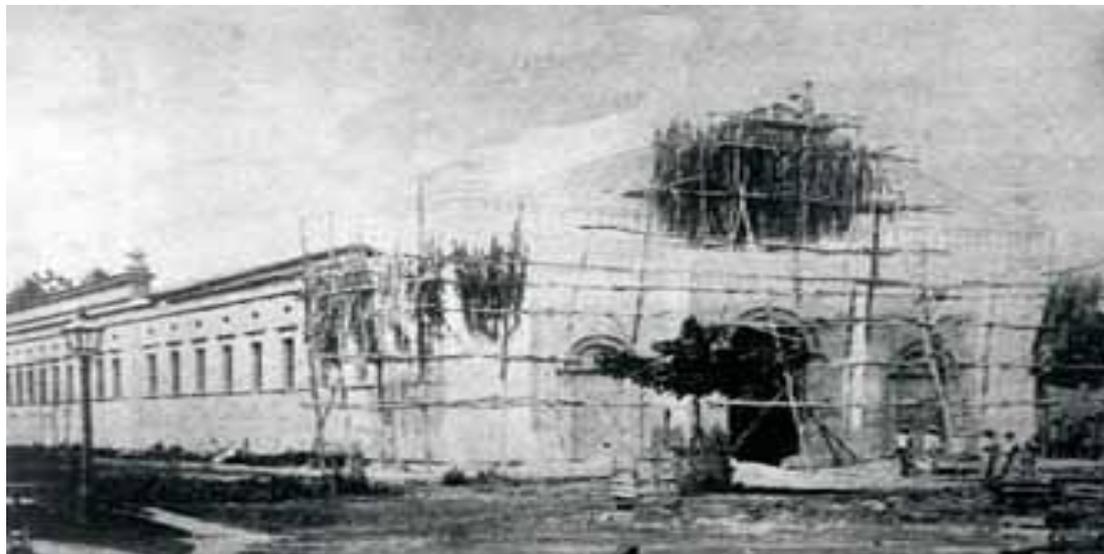
No contexto da evolução de um determinado espaço urbano, as edificações adquirem o valor de signo, principalmente quando estão ligadas aos preceitos sociais de uma determinada época. Para Barthes, “[...] o espaço humano em geral sempre foi significante” (1985, p. 181). O fator significante implanta, por conseguinte, a ideia de significado, o que nos incita aqui a conceber essas construções e a própria Cidade de Natal como uma escrita, uma inscrição que marca a presença do homem e do tempo no espaço. Essas inscrições nos revelam as práticas de um determinado momento histórico, e, a partir de então, será feita uma descrição das edificações que contribuíram para a caracterização do bairro da Ribeira em seu momento de modernização.

Teatro Carlos Gomes – Uma das principais instituições que celebravam a modernidade e o cotidiano europeu almejado pelas elites potiguares era o teatro, até então os espetáculos eram encenados em palhoças na Cidade Alta e em armazéns na Ribeira. Devido a essa carência, o desembarcador Joaquim Ferreira Chaves em seu primeiro mandato (25/03/1896 a 25/03/1900) decidiu construir a casa de espetáculos, justificando que está “[...] faltando em absoluto a esta capital diversões públicas, tão necessárias à vida social, [...] projetei a construção de uma casa de espetáculos [...]” (1919). O teatro começa a ser construído na Praça Augusto Severo, porém a obra só será concluída do primeiro governo de Alberto Maranhão. Em 24 de março de 1904, o Teatro Carlos

¹⁴ Cf. *A República*, Natal, 2 out. 1911.

Gomes é aberto ao público com a encenação da peça “A promessa” do potiguar Henrique Castriciano (*A República*, Natal, 24 mar. 1904).

Figura 31 – Teatro Carlos Gomes em construção



Fonte: *Natal ontem e hoje*, 2006.

Praça Augusto Severo – Tal espaço sempre foi alvo de intenções do poder público desde o século XIX, por ser uma área alagada pelas marés do Potengi (considerada insalubre, precisando ser aterrada) e pela sua boa localização para uma área de lazer da população, uma vez que interligava os dois principais bairros da cidade. Mas foi em 1892 que se tornou oficialmente praça, no jornal *A República* (Natal, 12 mar. 1892) desse ano lia-se que “[...] a praça que fica em frente da estação da via férrea do Natal a Nova Cruz, desde a casa que funciona a estação telegráfica até a esquina da fábrica de fiação, seja denominada Praça da República”. Mas ainda assim, esta apresentava graves problemas em sua estrutura física, em tempos de chuva ficava totalmente alagada. Portanto, o então governador Tavares de Lira precisou fazer um novo aterramento e mandou construir a praça que foi inaugurada no dia 15 de novembro de 1905¹⁵, homenageando seu cunhado herói e pioneiro da aviação Augusto Severo. A Praça Augusto Severo foi a primeira grande praça pública a ser construída em Natal, e foi implantada na Ribeira, em razão do bairro ser o mais importante naquele momento. Isso revela a sua importância como principal atrativo da cidade, onde durante mais de duas décadas aconteciam shows de música todos os finais de semana.

¹⁵ Cf. *A República*, Natal, 15 nov. 1905.

Figura 32 – Entorno da Praça Augusto Severo



Fonte: *Natal ontem e hoje*, 2006.

Cine Polytheama – Esse espaço representaria os avanços tecnológicos da modernidade, caracterizando-se no Brasil do início do século XX como espaço burguês, para ver e ser visto. Segundo Schvarzman (2005), a própria produção cinematográfica brasileira visava expor apenas os aspectos sociais dominantes como a urbanização, modernização, juventude e riqueza, como meio de inserir no contexto citadino uma visão elitizada do progresso nacional. O progresso do país passa a ser medido pela quantidade e qualidade das salas de cinema, e como a adequação dessas salas em locais bem situados na geografia da cidade servia para garantir a frequência de uma boa clientela aburguesada. As salas de cinema possuem uma identidade própria, pois refletem o bairro em que estão inseridas como um reflexo da sociedade existente em cada espaço da cidade. Considerando esses aspectos, o Cine Polythema foi inaugurado em 8 de dezembro de 1911¹⁶. O poeta Augusto Severo Neto o descreve nos seguintes termos:

[...] o prédio não possuía um estilo, mas sim uma miscelânea de estilos que resultava em um visual agradável e quase lírico. Na parte superior havia uma sugestão de avarandado, limitado por duas pinhas e tendo ao centro, entre duas pequenas meio colunas, o nome “Polythema” coroadado por um semicírculo dentro do qual se sobressaíam uma lira e duas trompas. Na parte da fachada, abaixo do avarandado, cinco

¹⁶ Cf. *A República*, Natal, 8 dez. 1911.

portas em arco que, mais largas e mais baixas fossem, sugeriam o romano, apesar de encimadas por pretensões de agulhas que ensaiavam lembrar o gótico. Porta central ladeada por alegorias de colunas que desciam do arco superior. Bandeiras de ferro forjado no arco das portas, além de alguns desenhos mais em relevo. Conjunto um tanto rococó pela riqueza de vestes. E mais um mastro verde e amarelo para o pavilhão nacional nos dias festivos (NETO, 1985, p. 109-110).

Com relação aos frequentadores, o autor segue aludindo que “[...] as moças e senhoras de Natal se vestiam de melindrosas, usavam fitas de veludo no cabelo e um ‘pendentif’ no pescoço. Os rapazes usavam calças de flanela, paletó listrado com lenço no bolso e sapato de duas cores” (NETO, 1985, p. 110). Essa afirmação denota a elitização não apenas do cinema, como também do bairro.

Figura 33 – Cine Polytheama, ao lado a loja Paris em Natal



Fonte: *Natal ontem e hoje*, 2006.

Instituições de Ensino da Ribeira – A instrução pública era uma meta a ser alcançada pelas elites locais, uma vez que ela tinha o papel de educar a sociedade nos preceitos vigentes do ser civilizado, assinalando sua presença na reconfiguração do espaço urbano. As principais instituições de ensino localizadas no bairro da Ribeira foram o Grupo Escolar Augusto Severo e a Escola Doméstica de Natal (ambos localizados no entorno da Praça Augusto Severo). O Grupo Escolar Augusto Severo foi inaugurado em

12 de junho de 1908¹⁷ pelo governador Alberto Maranhão, idealizado por Tavares de Lira; já a Escola Doméstica de Natal foi inaugurada em 1º de setembro de 1914¹⁸, idealizada por Henrique Castriciano após uma viagem à Suíça e foi executada pelo então governador Joaquim Ferreira Chaves. Ambos os prédios possuíam as características que marcaram o período da *Belle Époque* potiguar, contribuindo para materialização dos ideais modernistas no âmbito da cidade e do bairro da Ribeira.

Figura 34 – Grupo Escolar Augusto Severo



Fonte: *Natal ontem e hoje*, 2006.

¹⁷ Cf. A REPÚBLICA. Natal, 12 de junho de 1908.

¹⁸ Cf. A REPÚBLICA. Natal, 1 set. 1914.

Figura 35 – Escola Doméstica de Natal



Fonte: *Natal ontem e hoje*, 2006.

As edificações acima relacionadas são a materialização dos desejos da elite natalense em dotar a capital provinciana com os requintes da modernidade. Observou-se a presença de elementos modernos como a Arte (Teatro Carlos Gomes), o Urbanismo (Praça Augusto Severo), a Tecnologia (Cine Polytheama) e a Educação (Grupo Escolar Augusto Severo e Escola Doméstica).

1.2.2 A Cidade de Natal em 1920 a 1930

A Cidade de Natal encontra-se em um período de transição. Está no meio do caminho entre a cidade colonial (negada e desprezada) e a cidade moderna (sonhada e idealizada). Observou-se que até os anos 1920 vários prédios carregados de valor simbólico foram construídos na Ribeira. Todos os exemplos aqui citados localizam-se no entorno da Praça Augusto Severo. Para melhor evidenciar esse momento modernizador, ao pesquisar a cidade de São Paulo, Sevcenko afirma que:

Os anos 20 assinalam uma etapa decisiva desse processo e tem particular significação pelas iniciativas de definição de um padrão cultural de identidades que caracterizam o período. Essas iniciativas, em parte deliberadas, em parte reativas, e em parte surpreendentes até mesmo para os agentes que a assumiam, se destinavam, por um lado, a mediar os confrontos sociais que atingem ápices críticos nesse momento e, por outro reorganizar os sistemas simbólicos e

perceptivos das coletividades, em função das demandas de ritmo, da escala e da intensidade da vida metropolitana moderna (1992, p. 18).

Levando em consideração as diferentes dimensões entre a cidade de São Paulo (estudada por Sevcenko) e a Cidade de Natal (objeto desta pesquisa), apesar da grande discrepância espacial e demográfica, exaltamos a crescente globalização que estava se desenvolvendo com a evolução dos meios de comunicação e de transporte, atuando, nesse sentido, como um potencial difusor de ideias, podendo-se considerar o fato de que esse processo se deu em ambos os espaços com maior ou menor intensidade: “na década de 1920, Natal viveu uma espécie de belle époque, com ações públicas voltadas para a educação, atividades artísticas e culturais. Junto com a ordenação física da cidade, a intendência de Natal também buscava o disciplinamento da população” (LIMA, 2006, p. 112). Diante das inovações tecnológicas que invadiram o imaginário coletivo, a população foi adaptando e readaptando suas heranças sociais ao novo cenário da cidade moderna.

A funcionalidade, as sociabilidades e as diferenças econômicas inseridas agora no contexto espacial da Cidade de Natal, nos indicam uma ruptura no modo de se construir e praticar o espaço urbano. Desde a implantação da República, as ruas e avenidas adquiriram maior importância, e passaram a ser consideradas como representantes da cidade. Observamos que no século XIX, segundo o relato de Koster feito em 1810, não havia nenhum tipo de pavimentação nas ruas, que se constituíam de “areia solta”. Durante as três primeiras décadas do século XX, aconteceu o “empedramento” das ruas da Ribeira, que era feito com pedras irregulares retiradas das praias de modo bastante rudimentar. Segundo o relato de um jornalista no ano de 1930:

Estes calçamentos além da aspereza das arestas cortantes das pedras, eram completamente desnivelados, o que permitia a formação verdadeiros lagos na Cidade, após as chuvas. O que se passava a este respeito na Ribeira, especialmente, constitui história de ontem. Não é possível que haja alguém que já tenha esquecido o que ocorria, em regra, desde a fábrica de tecidos, por toda a Praça Augusto Severo, ruas Dr. Barata, José Bonifácio, Avenida Nísia Floresta etc... Fenômeno idêntico ocorria na Avenida Junqueira Aires, a via única de acesso da parte baixa da Capital à Cidade Alta... (*A República*, Natal, 10 jun. 1930).

A citação acima foi publicada após serem feitas melhorias na pavimentação da cidade, efetuadas no decurso da administração do então prefeito Omar O’Grady, que

construiu 21.016¹⁹ metros quadrados de calçamento (paralelepípedos e macadame pichado). Observa-se que a antiga pavimentação nada mais é que “história de ontem”, o que torna claro o interesse em destruir a cidade atrasada e sobre ela, construir a cidade moderna. Fica evidente então que o bairro da Ribeira valorizou-se bastante após a pavimentação, quando foram resolvidos os problemas relativos às inundações após as chuvas. Essa pavimentação teve continuidade durante a administração do prefeito Gentil Ferreira de Souza, de 1930 a 1940.

Continuando nesse contexto é importante articular com relação à construção da Avenida Tavares de Lira²⁰, que foi um marco no traçado urbano do bairro da Ribeira, sendo esta uma artéria minuciosamente projetada. Para sua construção fez-se necessário a desapropriação dos prédios que obstruíam o seu alinhamento. O presidente da Intendência Municipal Manoel Teixeira de Moura instituiu, através da Resolução nº 118, em 25 de fevereiro de 1908, no artigo 5º, a criação da Avenida Tavares de Lira²¹. Sua construção foi feita com muito precató, desde a desobstrução do traçado até o seu embelezamento, o que denota a representatividade do bairro da Ribeira no contexto urbano natalense. O então governador Alberto Maranhão disse em mensagem apresentada ao Congresso Legislativo em 1º de novembro de 1911, o que pretendia realizar nesse espaço:

A Avenida Tavares de Lira já inteiramente desapropriada e em grande parte se reconstruindo para receber a decoração já encomendada na Europa e constante de obelisco de cinco metros de granito, com o medalhão de Senador Tavares de Lira e escudos de armas da União, do Estado e da Cidade[...] bancos e guarnições para mobiliamento e arborização[...] (MARANHÃO, 1911, p. 18-19).

¹⁹ Cf. *A República*, Natal, 1 jul. 1929.

²⁰ Augusto Tavares de Lira, político e intelectual, genro de Pedro Velho, governou o Rio Grande do Norte no período de 1904 a 1906. Interrompeu seu mandato para exercer o cargo de Ministro do Interior e da Justiça durante o governo do Presidente Afonso Pena, em 1906. Depois foi eleito Senador do Rio Grande do Norte e, outra vez, Ministro da República. Por conseguinte, foi um norte-rio-grandense que se projetou no cenário político nacional nos tempos da República Velha.

²¹ Cf. *A República*. Governo Municipal. Natal, 28 fev. 1908.

Figura 36 – Avenida Tavares de Lira, Ribeira²²



Fonte: *Natal ontem e hoje*, 2006.

Em seu relato o governador transparece não apenas seu empenho na construção e no embelezamento da avenida em questão, como também a inspiração europeia, o que nos incita a pensar sobre a globalização e sua influência nos modos de construir e gerir as cidades no período em pauta. A Avenida Tavares de Lira tornou-se uma das mais e movimentadas – se não a mais importante e mais movimentada – da Cidade de Natal, considerada pela historiografia potiguar como “a alma da Ribeira”. Nessa avenida brilharam os antigos carnavais natalenses. Registrou-se, em 1926, na *Imprensa Potiguar*:

Corso – Efetuou-se na Avenida Tavares de Lira e Praça Leão XIII. As tardes decorreram frias, quase sem movimento, intensificando, porém, de maneira crescente, a vida noturna, das 18 às 21 horas. Tocaram durante os cursos duas afinadas bandas de música, a dos Escoteiros, defronte da redação d’*República*, e a banda da Polícia Militar, diante da casa M. Machado. Estiveram animados combates de serpentina, confete e lança perfume, sobretudo na última noite, quando mais concentrada se fez a multidão de carnavalescos nos passeios da avenida [...] (*A República*, Natal, 18 fev. 1926).

A Avenida Tavares de Lira concentrou diversas atividades, era a vitrine de tudo de melhor que se vendia em Natal, como também possuía um forte caráter político. No

²² Observar a movimentação na avenida.

café “Cova da Onça”, ao final das tardes, encontravam-se todas as facetas da elite natalense, fossem políticos, intelectuais ou comerciantes.

O “Cova da Onça” era um café ali na Avenida Tavares de Lira, que só tinha duas portas. Era só o café. Tomava-se uma cerveja, mas o grosso era café. Era um “café” político, principalmente dominado pelo governo, [...]. Ali se organizavam planos, ali se ganhavam eleições, ali se faziam eleições, era um movimento enorme [...] (PINTO, 1980 *apud* LIRA, 2003, p. 24-25).

Segundo Pedro de Lima (2006, p. 23), “os grupos de rendas mais altas habitavam os bairros da Ribeira e da Cidade Alta”. A Ribeira também é o berço de importantes personalidades natalenses. Lá viveram: Café Filho, Henrique Castriciano, Ferreira Itajubá, Pedro Velho, Newton Navarro, Aderbal de França, Erasmo Xavier, Januário Cicco, entre outros. No entanto, o bairro também era habitado por classes mais baixas, se consolidando como uma área heterogênea. A partir do Censo de 1897, realizado pelo então vice-presidente da Intendência Municipal, o Sr. Olympio Tavares, observa-se a diversidade da população residente na Ribeira. Levantamento por profissão:

Sem profissão – 1669; criados – 190; catraeiros – 93; militares – 92; negociantes – 88; pescadores – 61; costureiras – 60; engomadeiras – 51; jornaleiros – 49; empregados públicos – 44; operários – 37; artistas – 35; aprendizes marinheiros – 28; lavadeiras – 27; cozinheiras – 24; estudantes – 19; tipógrafos – 11; alfaiates – 10; carpinas – 10; proprietários – 10; marceneiros – 9; padeiros – 8; rendeiras – 8; sapateiros – 8; barbeiros – 6; industriais – 6; pedreiros – 6; práticos da barra – 7; agricultores – 4; calafetes – 4; magistrados – 4; telegrafistas – 4; ferreiros – 4; hoteleiros – 3; advogados – 2; charuteiros – 2; estivadores – 2; médicos – 2; modistas – 2; músicos – 2; encadernador – 1; engenheiro civil – 1; engenheiro mecânico – 1; funileiro – 1; maquinista – 1; ourives – 1; farmacêutico – 1; fotógrafo – 1; serralheiro – 1; tanoeiro – 1; tecedeira – 1 (*A República*, Natal, 5 fev. 1897).

Conforme visto acima, a heterogeneidade da população da Ribeira entrou em conflito com um novo conceito de organização social das cidades, através do discurso higienista. O discurso higienista veio a legitimar as pretensões das elites que propunham mudanças no contexto social de civilização, dos hábitos e de adaptação da malha urbana a nova ordem. Para as elites, o centro da cidade estava contaminado pela presença das classes sociais mais baixas, denominadas “classes perigosas”, devido ao fato de

atribuírem a estas o poder de disseminar as epidemias devido a seus maus hábitos, como contraponto à valorização da Ribeira. Ao estudar esse processo na cidade do Rio de Janeiro, Chalhoub afirma que:

Tal ordem de ideias iria saturar o ambiente intelectual do país nas décadas seguintes, e emprestar suporte ideológico para a ação “saneadora” dos engenheiros e médicos que passariam a se encastelar e acumular poder na administração pública, especialmente após o golpe militar republicano de 1889 (1996, p. 35).

Assim, identificamos esse processo também na Cidade de Natal, onde, de acordo com Pedro de Lima (2006, p. 68), “[...] a preocupação com a higiene e a salubridade contribuiu, em Natal, para a recriação da cidade através do saneamento, regularização e embelezamento dos seus espaços”.

O planejamento do Bairro de Cidade Nova viria a preencher a situação específica de moradia das elites em busca de diferenciação e salubridade: “o plano da Cidade Nova [...] se constituiu no primeiro espaço destinado exclusivamente à burguesia natalense” (LIMA, 2006, p. 23). Segundo Chalhoub, essa zona central da sociedade desejava realizar a implantação de uma civilização europeia nos trópicos, a partir dos conceitos modernos e republicanos, através da implantação de ideias europeias que incentivavam a divisão dos espaços geográficos da cidade por classes sociais distintas.

A leitura da obra de Luís da Câmara Cascudo mostra como, entre o final do século XIX e os anos 20 do século XX, foi se desenhando o primeiro esboço da distribuição social e espacial da população da cidade, embora, à exceção da Cidade Nova, ainda não existissem espaços *totalmente exclusivos*²³ (LIMA, 2006, p. 46, grifos nossos).

Pedro de Lima, ao tratar o plano de urbanização da Cidade de Natal, expõe que “A Cidade Nova, um espaço exclusivo para o uso das elites, cuja construção começou em 1901, logo se transformou emblemática e simultaneamente, em um dos marcos da segregação social e espacial [...]” (2006, p. 23). A construção de um novo bairro (Cidade Nova), que ofereceria uma melhor condição de moradia, representou para a Cidade de Natal a necessidade de diferenciação e de homogeneização ecológica do

²³ Destacando o trecho *totalmente exclusivos*, buscamos enfatizar que o bairro da Ribeira também era habitado por pessoas de classes mais baixas.

espaço. O que resultou, ao longo dos anos, na migração de muitos dos habitantes mais abastados do bairro da Ribeira para a Cidade Nova.

Com a implantação do Plano Geral de Obras nos bairros centrais, os proprietários de lotes nos bairros de Tirol e Petrópolis iniciaram a transferência de suas residências. As obras do Plano, de certa forma, haviam prejudicado as condições de moradia com as escavações e com as diversas intervenções promovidas nos espaços públicos. Estas inviabilizaram, inclusive, as atividades sociais e culturais, tornando o centro uma “cidade morta” (FRANÇA, 1936).

Contudo, até o final dos anos 30 do século XX, de acordo com Giovana Paiva de Oliveira, “a área urbana da Cidade de Natal girava em torno de dois eixos viários: a Avenida Rio Branco, no bairro da Cidade Alta, e a Avenida Tavares de Lira, na Ribeira” (2008, p. 58). O bairro da Ribeira passou por um intenso processo de valorização no contexto urbano da capital potiguar. O bairro alagado e miasmático não existe mais, está adornado com artefatos europeus, iluminado e repleto de símbolos sociais, políticos e econômicos.

CAPÍTULO II – AS TRANSFORMAÇÕES NA CIDADE DE NATAL E NO BAIRRO DA RIBEIRA DE 1940 A 1950



Fonte: <http://tokdehistoria.wordpress.com/2012/01/24/as-cores-na-rampa-e-na-base-de-parnamirim-durante-a-ii-guerra/>. Acesso em: 13/02/2012.

A Cidade de Natal sofreu grandes modificações em sua fisionomia no decurso do século XX. Desde a implantação da República, a cidade vivenciou um período que se caracterizou como *Belle Époque*, que traduzia o estilo de melhorias urbanísticas que visava modernizar e inserir “Natal” no conceito de capital moderna, inspirado nos modelos europeus e americanos de construir e gerir esses espaços. Os planos de urbanização fomentaram os anseios da Zona Central dessa sociedade, que, no período em questão, estava em busca da cidade ideal, da cidade “moderna”, e o bairro da Ribeira representou, em parte, a materialização do ideário modernista.

Mas o que vem a ser modernidade? Para Latour, é “através do adjetivo moderno, assinalamos um novo regime, uma aceleração, uma ruptura, uma revolução do tempo” (1994, p. 15). Essa afirmativa nos faz refletir sobre a modernidade, movimento

dicotômico entre o arcaico e o civilizado. E quando tratamos do arcaico que outrora fora moderno? Tratamos a partir da ideia de modernidade como sendo uma ruptura fundamentada por um novo momento, um novo impulso modernizador que se instaura no tempo e no espaço através do pensamento, da forma e da dinâmica urbana. Não se tem a pretensão de afirmar aqui que o momento anterior não era moderno, mas o paradigma do tempo faz com que as formas sejam ultrapassadas e um novo evento proporcione um gatilho para a transformação do tecido urbano e seus usos, mais condizentes com o período em que está inserido, acentuando assim as dinâmicas urbanas que se instauram no tempo e no espaço. Essa modernização está relacionada a vários fatores, dentre eles poderíamos citar: o crescimento econômico, o aumento demográfico, os conceitos em voga e as relações sociais.

No caso, o bairro da Ribeira se “modernizou” com a implantação da República, principalmente nos anos de 1900 a 30. Posteriormente, na década de 1940 a 50, o bairro sofreu um novo impulso modernizador com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial e com a participação da Cidade de Natal no conflito. A implantação de equipamentos militares nacionais e americanos e a invasão do capital estrangeiro influenciou o crescimento e desenvolvimento urbano. Abordaremos neste capítulo os acontecimentos que culminaram em uma nova configuração urbana vivida pela capital potiguar, bem como as consequências dessa reordenação instaurada no bairro da Ribeira.

2.1 A GUERRA, A CIDADE E A ECONOMIA

No final dos anos de 1930 e início da década de 40, o mundo inteiro estava com os olhos voltados para a Europa, na ocasião palco da Segunda Guerra Mundial. O conflito tomava proporções extremas, principalmente após a entrada dos EUA na disputa, dando a mesma uma conotação extracontinental. A situação da guerra tornava-se cada vez mais crítica. Liam-se todos os dias no jornal *A República* “O noticiário da Guerra”, onde os natalenses tinham conhecimento do que ocorria no desumano conflito além-mar.

Nesse momento, o Brasil começou a se preparar para tal situação mundial, fazendo investimentos em siderúrgicas, transportes, bem como na implantação de bases navais e aéreas, visando principalmente à proteção do território nacional. Com a guerra,

a nacionalização era vista como primordial para a manutenção da unidade nacional. Observou-se na ocasião que o patriotismo era uma constante na imprensa brasileira, e, por conseguinte, na potiguar. Com o intuito de fortalecer o patriotismo e o sentimento nacional, o jornal representaria o meio técnico ideal para “representar” a sociedade que corresponde a uma nação, estando aí presente o fenômeno do capitalismo editorial analisado por Anderson²⁴. O autor demonstra que é por meio do material impresso e falado que a nação se converte numa comunidade sólida, recorrendo constantemente a uma história previamente selecionada.

Pela sua localização geográfica, a Cidade de Natal passou a ser considerada como ponto estratégico para a defesa do território nacional. Em decorrência disso, no ano de 1941, a Cidade de Natal foi visitada pelo ministro da Marinha, Aristides Guilhem²⁵, pelo ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra²⁶, pelo Coronel Parry Jones²⁷, pelo ministro da Aeronáutica, Salgado Filho²⁸, entre outros. O sítio urbano adquiriu grande acuidade, revelando-se como base não apenas para os brasileiros, como também para os americanos que implantaram uma base aérea. Em 28 de janeiro de 1943, aconteceu na Cidade de Natal, em sigilo, o encontro do presidente americano Franklin Roosevelt com Getúlio Vargas. Segundo a historiografia local, o encontro ocorreu da seguinte forma:

À noite, Vargas e Roosevelt participaram da "Conferência de Natal" que, segundo Clyde Smith Junior, "girou em torno de interesses mútuos e laços de amizade entre seus países, a prevenção de um possível e perigoso ataque dirigido de Dakar para o hemisfério ocidental, e o apoio do Brasil aos objetivos de guerra de Roosevelt"²⁹.

Esse encontro contribuiu para o fortalecimento da aliança entre os dois países, e colocou a cidade no centro das deliberações beligerantes no Brasil. A localização geográfica privilegiada rendeu à cidade registros famosos. Segundo Câmara Cascudo, “o presidente Roosevelt disse: ‘a encruzilhada estratégica tão importante para a

²⁴ Cf. ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

²⁵ Cf. *A República*. Do Ministro da Marinha ao Interventor Federal. Natal, 16 mar. 1941.

²⁶ Cf. *A República*. Chega hoje, a esta capital, o Exmo. Snr. Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra. Natal, 20 set. 1941.

²⁷ Cf. *A República*. A visita do coronel Parry Jones a esta capital. Natal, 20 set. 1941.

²⁸ Cf. *A República*. A visita do Ministro Salgado Filho a Natal. Natal, 10 dez. 1941.

²⁹ Cf. *Tribuna do Norte*. História do Rio Grande do Norte - Cadernos Especiais, Fascículo 11: Aviação e 2º Guerra, Natal, RN. Disponível em: <www.tribunadonorte.com.br>.

realização das campanhas do Norte da África e da Sicília” (1999, p. 425). Essa afirmativa do Presidente americano afiança a importância geográfica de Natal.

Figura 37 – Encontro dos presidentes do Brasil (Vargas) e dos EUA (Roosevelt), em 1943



Fonte: *Natal ontem e hoje*, 2006.

Devido à fundação da Base Naval, da Base Aérea Brasileira e da Base Americana Parnamirim Field, a Cidade de Natal entra em clima de guerra. Para isso contribuíram vários fatores, dentre eles: a oferta de cursos para enfermeiras no Hospital Militar³⁰, a instalação da Cruz Vermelha³¹, o incentivo para a construção de abrigos antiaéreos e a implantação das sirenes, e a preparação da população para um provável ataque³², principalmente com o programa de *Blackout*³³. Todos esses elementos corroboraram com o estabelecimento de um novo cotidiano na cidade, que é expresso pela imprensa: “não pode haver expressão mais concisa para definir a capital potiguar dos nossos dias que a de ‘Natal cidade em guerra’. Todo o seu clima psicológico é guerreiro, para a guerra trabalham seus habitantes [...]” (A REPÚBLICA, Natal, 28 set. 1943). Dentre todas as cidades da América Latina, evidentemente, Natal foi a que mais sofreu o influxo da guerra, uma vez que possuiu a maior base americana fora dos

³⁰ Cf. *A República*. Curso de enfermeiras no Hospital Militar. Natal, 6 fev. 1942.

³¹ Cf. *A República*. Instalada ontem a Cruz Vermelha Brasileira no Rio Grande do Norte. Natal, 18 mar. 1942.

³² Cf. *A República*. Conselhos à população de Natal. Natal, 15 fev. 1942.

³³ Cf. *A República*. Semana de escurecimento e disciplina de luzes. Natal, 23 maio 1942. Esse programa de *Blackout* servia para preparar a população para ficar sem luz elétrica, em caso de um provável ataque.

Estados Unidos. O conflito influenciou também a economia do Rio Grande do Norte, que passou por um acentuado crescimento.

A safra de algodão do Rio Grande do Norte no ano de 1940³⁴ foi uma das maiores em toda a história da economia potiguar, o que favoreceu o desenvolvimento do estado e de sua capital. No entanto, a economia ainda estava centralizada no algodão, o que configura um sistema econômico ainda agrário. Mas o desejo pela industrialização do espaço não só natalense, como também brasileiro, fez com que o país passasse cada vez mais ao domínio do capital estrangeiro, notadamente o norte-americano. Assim sendo, a indústria de guerra e a produção do algodão forneceram o incremento necessário para as finanças estaduais, acentuando um novo surto de crescimento e modernização. Entretanto, mesmo com a publicação do Departamento da Fazenda Estadual – esta informava que a arrecadação do ano 1944 superou em 38% a de 1943 –, a elite ressentiu-se pelo fato da produção potiguar continuar sendo agrária, uma vez que, no conceito da época, a industrialização representava o progresso. E a Zona Central dessa sociedade observou que Cidade de Natal não estava inserida nesse contexto, como noticiou o jornal *A República*, na matéria “Finanças estaduais”, de 12 de julho de 1945:

O nosso estado encontra-se ainda, incontestavelmente, num lamentável atraso econômico, que bem se expressa na ausência da indústria manufatureira [...]. No mundo moderno, a grandeza e o progresso dos povos residem justamente na sua maior industrialização. Todavia, mesmo sem a presença desses fatores determinantes do progresso, temos conseguido uma melhoria sensível para o fortalecimento de nossa vida financeira. Proporcionando ao Governo Estadual uma elevada arrecadação orçamentária.

Em oposição ao restante do país, Natal apresentou ótimos resultados econômicos, que se refletiram na diversificação do comércio e dos serviços, bem como na crescente arrecadação estadual. O desenvolvimento da economia quase sempre está atrelado ao aumento demográfico. Em apenas duas décadas é possível observar que entre 1920-40 a população quase dobrou. Na década de 1920 havia 30.696 habitantes, enquanto na de 1940 esse número subiu para 55.242, observando um aumento considerável de 24.546 habitantes em um curto período de tempo, o que implicou no crescimento da cidade, como também em novos problemas de gestão da urbe.

³⁴ Cf. *A República*, Natal, 15 nov. 1941.

Um dos responsáveis pelo crescimento demográfico foi a crescente atração pela vida na cidade. Como afirma Arruda (2000, p. 14), “cidades e sertões são termos que traduzem novas sensibilidades surgidas no processo acelerado de concentração populacional e de urbanização, por que algumas regiões passaram na primeira metade deste século”. No Rio Grande do Norte, esse processo de urbanização deu-se principalmente devido ao problema das secas que atingiam os sertões e forçaram a migração do homem do campo para tentar a vida nas cidades, atraídos pelas possibilidades de empregos. No período que compreende a Segunda Guerra Mundial, a cidade vivenciou um *boom* populacional. Nesse período, o crescimento demográfico foi espantoso, “acreditam as autoridades estaduais que passaram de 55.000 para 85.000, de 1941 para 1943” (*A República*, Natal, 28 set. 1943). Em 1950, a população contou com 103 mil habitantes, ou seja, quase dobrou no período de dez anos. Segundo Lima, a população de Natal “[...] foi acrescida, em 1942, de mais 10 mil pessoas, só de militares norte-americanos. A estes se somaram também os militares brasileiros” (2006, p. 113).

O acelerado crescimento demográfico deflagrou problemas de infraestrutura, principalmente com relação à moradia. A especulação imobiliária se fez sentir na capital através do grande número de construções, conforme noticiado:

No ano próximo findo verificou-se um *record* na construção de casas residenciais e outros edifícios em Natal. O último *record* cabia ao ano anterior, que sobrepujara o de 1941. Isso, todavia, não representa nada. É quase natural que assim aconteça em uma cidade em plena fase de desenvolvimento. O importante, porém, é que o número de construções em 1943 foi superior ao duplo daquele verificado em 1942, que por sua vez, superou em quase isso ao de 1941 [...]. Em dezembro de 1943 foi concluído um número de casas superior ao total das construções em 1933 ou 1934. E esse ritmo continua progressivo. Por aí se conclui facilmente de como aumentaram as necessidades, nesse particular, em Natal. Porém há uma coisa ainda. Já há dois anos que uma das coisas mais difíceis, senão a mais difícil na cidade, é obter-se uma casa para alugar, onde quer que seja. O meio mais certo é comprar o terreno e construir, o que não é possível a qualquer um porque dentro de três ou quatro meses necessários para isso não é absolutamente provável que se obtenha uma outra. Os hotéis e pensões vivem superlotados (*A República*, Natal, 19 abr. 1944).

Mesmo com o mercado imobiliário em plena expansão, não se conseguia atender a crescente demanda por moradias na Cidade de Natal. A cotação do mercado imobiliário (venda de terrenos, casas e aluguéis) era realizada em moeda americana, o

que inflacionou os preços. Mesmo assim, a procura por imóveis era uma constante, devido ao fato da população aumentava progressivamente.

Antigas casas da cidade, muitas vezes consertadas, [...] sem conforto, que custaram ao cidadão bem intencionado apenas uma oportunidade de comprar barato ou construir sem grande despesa, subiram da condição inferior em que se achavam para serem cotadas como concorrentes na corrida dos preços de aluguel de casas de luxo ou de feição moderna. De oitenta ou cem mil réis por mês, subiram a quinhentos ou oitocentos ou mil cruzeiros. Nem necessitou mudar de inquilino, porque a vítima se submeteu para não perder a casa a pagar por fora os tantos mais que lhe foram exigidos...

Surgiu assim, o terrível problema doméstico do aluguel de casa para as classes médias [...]. Coisas do tempo e das circunstâncias da guerra. O ambicioso faz a sua indústria adaptando em si o caráter que apanhou nos caminhos da má fraternidade. E é assim que proprietários milionários estão valorizando as suas “defesas” burlando a lei do Estado e a lei do sentimento humano... (FRANÇA, 1945, p. 11).

As fontes jornalísticas e historiográficas desse período são unânimes em relação às dificuldades enfrentadas devido ao catastrófico aumento dos preços ante a demanda crescente. Todos tinham interesse em lucrar com a iminente oportunidade, o que gerou espaços de riqueza, bem como de pobreza absoluta. Nesse momento, na Cidade de Natal, o espaço configura-se como “mercadoria”, em que, segundo Marx, “o valor de uso (de uma mercaria) só se realiza com a utilização ou o consumo. Os valores de uso constituem o conteúdo material da riqueza, qualquer que seja a forma social dela” (2008, p. 42). Na sociedade capitalista, a mercadoria é socialmente construída através do valor de uso, que está intimamente atrelado à lei da oferta e da procura. Com o aumento demográfico, e conseqüentemente o aumento da demanda por moradias, a cidade vivenciou o crescimento acelerado do mercado imobiliário.

Portanto, o espaço urbano natalense no período de 1939 a 1945 passou por uma intensa dinâmica, que transformou não apenas o traçado urbano, mas, ao mesmo tempo, modificou todo o cotidiano da cidade e do bairro no âmbito social, cultural, político e econômico, assinalando o poder do homem na urdidura da história.

2.2 O TRAÇADO URBANO E A EMINÊNCIA DE NOVOS CENTROS

Na Cidade de Natal a infraestrutura urbana tem estado em pauta, principalmente depois da implantação da República, e acentua-se no período que compreende a

Segunda Guerra Mundial, em que a necessidade de melhorias urbanísticas recebeu um novo impulso modernizador que refletia as novas necessidades geradas pelo aumento demográfico. Em 1941, lia-se no jornal *A República* que se realizaram uma série de obras para melhoria das ruas e praças da cidade, que com a intensificação do trânsito ficaram desgastadas e não supriam mais as necessidades do momento.

A substituição do calçamento antigo, irregular, por pavimentação moderna, com declive sensível para o fácil escoamento das águas provocadas pelas chuvas, é também uma das finalidades visadas pelos serviços a que nos referimos. As obras se estenderão por outras ruas e praças. Isso, sem prejuízo do calçamento normal da Cidade, realização em que a prefeitura se vem empenhando sem qualquer solução de continuidade, no desejo louvável de aumentar, na medida dos esforços possíveis, a área da cidade dotada de pavimentação adequada (*A República*, Natal, 17 ago. 1941).

Na citação acima se percebe o interesse da administração municipal em relação à modernização da cidade no período em questão. Essas atividades serão intensificadas no decorrer dos anos 1940. Na transição da administração do prefeito Gentil Ferreira de Souza ao prefeito Joaquim Inácio de Carvalho Filho, este último afirma que sua administração será um período de grandes realizações na cidade: “trata-se de trabalhos que se destinam francamente a reformar o aspecto urbano da nossa capital” (*A República*, Natal, 25 jan. 1942).

No período em questão, a capital potiguar passou por uma intensa dinâmica de expansão e crescimento, que esteve diretamente vinculada à participação brasileira no conflito mundial e ao acordo político firmado com os Estados Unidos. De fato, a definição da cidade como centro estratégico das forças armadas brasileiras e americanas intensificou o desenvolvimento urbano de Natal. Com o estabelecimento das Bases Aéreas e da Base Naval, a cidade como um todo passou por um redimensionamento em sua infraestrutura para atender a nova demanda.

Uma das principais mudanças na fisionomia da cidade está intrinsecamente relacionada aos sucessivos empreendimentos, em que se fazem perceber especialmente através da demanda por moradias, havendo, no entanto, muitos investimentos no setor de construção, além de uma “[...] rápida valorização de mercadorias e imóveis.” (SANTOS, 1998, p. 98). No entanto, o espaço mais valorizado para a instalação das residências da elite da época, incluindo os militares americanos e brasileiros de maior patente, foram os bairros de Tirol e Petrópolis. As divergências com relação aos valores

de uso do espaço urbano natalense implicam diretamente em uma distribuição geográfica da população, de acordo com a capacidade de arcar com os custos de áreas específicas. Por essa razão, observou-se a proliferação de áreas na Cidade de Natal onde predominam homoganeamente grupos sociais sob o ponto de vista da renda. Ou seja, o surgimento de espaços elitizados e espaços de pobreza (estes por vezes indesejados). De acordo com França (1942):

Há muito não olhava aqueles sítios tão conhecidos. Não haviam me mentido os amigos. A promessa que era o local tornou-se inopinadamente uma realidade contristadora. Casas pegadas, em grupos numerosos, lá estão se apertando no aproveitamento vital de um terreno pequeno. Repetição de outros núcleos de casas de que cidade está, infelizmente, cheia. Necessitamos realmente de vilas, de casas baratas para muita gente pobre que não tem onde morar. Mas aquele trecho não podia, pela natural afinidade com o bairro, ser destinado a esses arranjos de construção.

A ocupação dos bairros de Tirol e Petrópolis deve-se, em certa medida, à construção da Parnamirim *Road* (atual Av. Hermes da Fonseca e antiga oitava do Plano de Cidade Nova), confirmando-se como um dos principais eixos de expansão da cidade, uma das primeiras vias a apresentar exemplares modernistas em Natal, principalmente por ser a primeira avenida asfaltada na cidade. Sobre isso, Cascudo afirma que “articulando Parnamirim a Natal, surgiu uma estrada asfaltada, 20 quilômetros. Pagaram seis milhões de cruzeiros e duraram seis semanas a sua construção. É a Parnamirim *Road*” (1999, p. 423). O caráter contraditório é que, no período em que o combustível encontrava-se mais escasso em virtude da guerra, é quando mais se desenvolvem as estradas e rodovias na região. Mas, no entanto, a Parnamirim *Road* constituiu-se em um legado histórico que contribuiu decisivamente na conformação espacial da cidade.

Figura 38 – Parnamirim Road



Fonte: <http://papjerimum.blogspot.com.br/2011/09/natal-na-segunda-guerra-mundial-o.html>.

Acesso em: 22/10/2011.

Durante a Segunda Grande Guerra, a Cidade de Natal teve de adaptar a sua infraestrutura às novas necessidades – dar suporte às tropas brasileiras e americanas –, que levaram à construção de diversas instalações como um hospital naval, uma escola de aprendizes marinheiros, um *pipeline* (duto que levava combustível do porto até a Base Aérea), dentre outros. Como também os melhoramentos da Avenida Alexandrino de Alencar e da Avenida Hermes da Fonseca – já explicitada nesta pesquisa – contribuíram concomitantemente para a dinamização da circulação de carros, pessoas e mercadorias pela cidade e gerando novas centralidades e valorizando sua interlândia.

No entanto, a valorização do espaço é obtida através do acúmulo de trabalho humano nele realizado. Com a valorização, um espaço adquire maior prestígio em relação aos outros espaços, o que eleva o seu valor de uso. Para Marx (2008, p. 45), “um valor de uso ou um bem só possui, portanto, valor, porque nele está corporificado, materializado, trabalho humano abstrato. Como medir a grandeza do seu valor? Por meio da quantidade da ‘substância criadora de valor’ nele contida, o trabalho”. Sendo assim, o valor de uso é socialmente construído e sua grandeza é definida a partir do tempo ou da quantidade de trabalho empregado na produção da mercadoria, nesse caso,

na produção do espaço. Na valorização do espaço, estão incutidos tanto os investimentos públicos nele realizados quanto os investimentos privados, que somados resultam na valorização.

A cidade vivenciou significativas alterações espaciais e por conseguinte sociais, que se incorporaram à paisagem e aos costumes, redefinindo os rumos do crescimento urbano. Esse crescimento urbano tornou-se possível através dos agenciamentos sociais responsáveis pelo processo de territorialização do espaço.

O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 323).

Observou-se que no período que compreende os anos de 1939-45, a fisionomia da capital modificou-se profundamente, não apenas com a elevada demanda populacional advinda dos sertões, das forças armadas nacionais e americanas que alteraram a vida social, porém, ao mesmo tempo, transmutou a espacialidade cidadina. Esse processo de expansão urbana é explicitado muito bem por Harvey, quando afirma que “a teoria geral de Marx fala da necessidade de expandir e intensificar geograficamente” (2005, p. 66). O próprio sistema capitalista exige a formação de novos “centros”, uma vez que estes possibilitam maior acumulação de capital e conseqüentemente incentiva o desenvolvimento da urbe. Fomentando assim, os meios de produção e de consumo.

Sobre a inauguração da Rádio Educadora de Natal, no início de 1939, o jornalista Aderbal França afirma que:

Só se pode calcular o benefício que o Indicador da Agência Pernambucana está prestando aos bairros menos ricos da cidade indo ouvir às suas irradiações nesses lugares. [...]. [São] atualmente sete [alto-falantes instalados na] Pracinha, Grande Ponto, Rocas, Associação de Escoteiros, nova Praça do Alecrim, rua Dr. Barata, Avenida Tavares de Lira (1939)

O que é importante salientar na citação acima é que, mesmo em 1939, o bairro da Ribeira já está presente no grupo dos bairros “menos ricos”, representado pelas artérias Dr. Barata e Avenida Tavares de Lira. Observou-se que desde o final dos anos trinta foi iniciado o processo de segregação do bairro da Ribeira por parte das elites.

Esse processo se tornará mais evidente em 1943, quando o mesmo jornalista escreveu para o jornal *A República*, que:

Todos os bairros natalenses tem renovado as suas fisionomias. Os velhos corredores e as avenidas desertas, os becos tradicionais, os sítios imensos e as chácaras sombrias – tudo se modifica. Petrópolis deixou para a história os “picnics” [...], Tirol ressurgiu dos grandes quarteirões e das suas areias esfalfantes, Alecrim transpôs os degraus do avanço rápido. Por toda parte casas luxuosas, modernas, confortáveis se ergueram, avenidas se abriram, calçamentos enfrentaram as extensões do tráfego (FRANÇA, 1943c)

Portanto, fica claro o desprezo com relação aos becos tradicionais, com o surgimento de novas centralidades na Cidade de Natal. Percebe-se a crescente valorização dos bairros novos ante a centralidade antiga que, a partir de então, se desvaloriza no contexto da cidade. A fisionomia da capital potiguar está em constante transformação, expandindo-se principalmente devido às novidades trazidas pelo conflito internacional, que em certa medida podemos considerar como o gatilho para esse novo impulso modernizador, acelerando a dinâmica urbana.

2.3 O BAIRRO DA RIBEIRA NO CONTEXTO DA GUERRA

O bairro da Ribeira em Natal era considerado como porta de entrada da cidade devido ao porto e à estação ferroviária. Com a iminência da II Guerra Mundial, esse aspecto do bairro foi ainda mais avultado, uma vez que a cidade passou a receber inúmeros visitantes ilustres. Por esse motivo, o Interventor Federal Rafael Fernandes Gurjão³⁵ decidiu construir um hotel que atendesse às necessidades da nova demanda. O Grande Hotel, construído em estilo arte déco, foi inaugurado em 13 de maio de 1939, na Avenida Duque de Caxias com a Praça José da Penha. Neste, realizavam-se grandes recepções, banquetes, homenagens, dentre outros eventos sociais³⁶.

³⁵ Rafael Fernandes Gurjão era médico formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rafael Fernandes, como era conhecido, nasceu em 21/10/1891, projetou-se na vida pública no estado a partir de sua cidade, Mossoró, localizada na região oeste, onde desempenhou as atividades como clínico, industrial e comerciante. Foi prefeito daquela cidade, depois deputado estadual e federal por várias legislaturas e, em 1934, foi eleito governador do estado. Cf. CARDOSO, 2000.

³⁶ Cf. *A República*, Natal, 13 maio 1939.

Figura 39 – Grande Hotel na Ribeira



Fonte: *Natal ontem e hoje* / Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo. Natal, RN: Departamento de Informação, Pesquisa e Estatística, 2006.

Nos primeiros anos de funcionamento, o Grande Hotel estava sempre lotado e era considerado um dos centros da vida social natalense, assim como o teatro Carlos Gomes, que recebeu inúmeras festas e atrações, colocando a Ribeira no centro das atrações da capital potiguar. A ampliação do Mercado Público da Ribeira pode ser considerada como um dos indicativos do crescimento demográfico, hora em que “a população da Ribeira, pelo seu crescimento estava reclamando um mercado bem mais amplo” (*A República*, Natal, 1 jan. 1941). As reclamações foram atendidas durante a Administração de Gentil Ferreira. O novo mercado público foi entregue à população em 1º de janeiro de 1941.

O bairro da Ribeira, no contexto da Cidade de Natal, destacou-se especialmente em se tratando de estabelecimentos de diversão e entretenimento. Segundo Melo (1993, p. 23-24), “[...] na Ribeira, os cafés e bares enchiam-se da alegre juventude que, nos intervalos de trabalho, vinham aumentar os lucros dos comerciantes e proporcionar, com suas presenças, uma nova feição à pacata cidade dos Reis Magos”. Foram inaugurados diversos estabelecimentos do gênero. Em 20 de outubro de 1943, foi

inaugurado, ao lado do Grande Hotel, o Cassino Natal, que por sua vez também veio contribuir concomitantemente com o contexto, inserindo na cidade um estabelecimento que era dotado de variadas atrações e divertimentos.

O jornal *A República* também informou que parecia existir uma disposição dos moradores residentes nos bairros centrais por participarem de ocasiões festivas e de locais descontraídos. Porém, essas oportunidades nem sempre estavam disponíveis e, quando estavam, nem sempre eram bem sucedidas. Em verdade, percebe-se que as elites locais pareciam não conseguir afastar a apreensão que envolvia aquele contexto, embora voltasse toda sua energia para abstrair sua realidade. Os moradores dos bairros da Cidade Alta e da Ribeira frequentavam sempre os mesmos locais de encontros, confraternizavam e dividiam as mesmas preocupações. Dentre os estabelecimentos de lazer mais procurados e frequentados estavam o Café Grande Ponto, o Café Cova da Onça e o bar do Grande Hotel, onde tradicionalmente políticos, militares, jornalistas, escritores, estudantes e outros profissionais liberais reuniam-se diariamente para conversar, tomar café e sorvete e partilhar conversas (OLIVEIRA, 2008, p. 96-97).

A Avenida Tavares de Lira foi o centro comercial, político e intelectual da cidade. No entanto, esta se deparou com as barreiras espaciais, o logradouro tornou-se pequeno em relação ao crescimento econômico da Ribeira, o comércio invadiu as ruas estreitas de seu entorno. Nesse sentido, a Rua Dr. Barata acabou tornando-se a segunda rua mais importante de Natal, que também foi contagiada pelo clima de euforia que circulava nos ares da cidade. Era muito animada, com “seus cafés, lojas, pensões alegres (como se chamavam os cabarés àquela época), hotéis e restaurantes [...]” (PEDREIRA, 2005, p. 218). Contudo, atento ao aspecto antimoderno do logradouro. O jornalista Aderbal de França diz que “se ali não existisse o aspecto *retrógrado* de um sistema de vida já incompatível com o grau de civilização em que andamos” (1936a, p. 16, grifos nossos). Segundo o jornalista, a Rua Dr. Barata foi o ponto “chique” da capital, local de compras praticado pela elite natalense.

À tarde, ponto *chic* da Dr. Barata, visita dos armarinhos, revista dos últimos sapatos, o sorvete, o dentista. A parada da elegância. O luxo dos relógios caros, das pulseiras finas, dos anéis faiscando sobre o rubi das unhas pontiagudas. O penteado caprichoso e o *rouge* artístico, a silhueta que passa e volta com a mesma pressa e as mesmas curiosidades (FRANÇA, 1941, p. 8).

Figura 40 – Rua Dr. Barata



Fonte: <http://nataldeontem.blogspot.com.br/2010/04/rua-dr-barata.html>. Acesso em: 22/06/2010.

Também a Rua Chile animava-se com o Wonder Bar e a Rua Frei Miguelino foi calçada com paralelepípedo em 1941³⁷ pelo prefeito Gentil Ferreira, o que evidencia os investimentos na infraestrutura do bairro no período do conflito. Todas essas atrações localizadas na Ribeira eram um grande atrativo para os visitantes, principalmente os soldados americanos que enchiam e movimentavam os estabelecimentos com seus dólares.

Mas ao mesmo tempo em que a Cidade de Natal tornou-se cosmopolita, acabou afastando os natalenses do bairro da Ribeira, uns porque não tinham condições financeiras para frequentar esses locais, outros pela fama de lascívia e boemia que assolara o bairro. Também havia as Organizações dos Serviços Unidos (USO), que eram clubes dos militares. Sobre a finalidade desses clubes:

[...] oferecer distrações úteis a marinheiros e soldados norte-americanos. Serviço de natureza evidentemente louvável.

³⁷ Cf. *A República*, Natal, 17 ago. 1941.

Camaradagem sem a presença de hábitos maléficos. Ambiente instrutivo, onde há leitura e palestra agradáveis. Onde paira um espírito de comunicabilidade necessário ao esforço de guerra (FRANÇA, 1943)

A inauguração da USO Town Club na Ribeira recebeu uma grande cobertura na imprensa local. O clube dos militares ficou sediado no antigo cinema Polytheama, no entorno da Praça Augusto Severo. O prédio foi reformado para melhor adequar-se as novas necessidades, onde a plateia assistia aos filmes em mesas, era um ambiente que se dançava e confraternizava. No palco instalou-se uma orquestra. Havia também um terraço e um serviço de *buffet* com grande variedade³⁸. A programação iniciava entre 18h30 e 20h, as atividades estendiam-se até a meia-noite. Contudo, também havia uma USO no bairro Petrópolis, que agregava a Zona Central da sociedade, sobre essa diferenciação entre as duas USO's, Pinto (1976) nos esclarece:

[...] a grande dádiva dos americanos era os cassinos de Parnamirim e os dois USO'S que funcionavam na cidade: o "Town Club" localizado no prédio do antigo Polytheama, na Ribeira (que passou, depois, a ser administrado por brasileiros, a funcionar como *dancing* para domésticas, sob a denominação "High Life" – o que tem causado constrangedora confusão), e era destinado ao pessoal subalterno – soldados e marinheiros; o outro mais seleta, era o "Beach Club", e ficava em Petrópolis [...]. As moças frequentavam-nos, indistintamente, e apenas as mais jovens limitavam-se a ir, tão só às matinês domingueiras no de Petrópolis. Algumas outras, no entanto, eram *habituées* de todo dia – ou seja, de toda noite – para jogos de cartas e os namoros firmes (*apud* LIMA, 2006, p. 130).

A partir de então, começa a redesenhar-se o bairro da Ribeira, percebendo que, enquanto os bairros de Petrópolis e Tirol estavam valorizando-se a cada dia, concentrando cada vez mais as elites – a exemplo da USO –, o bairro da Ribeira, por sua vez, estava gradativamente sendo praticado pelas classes de status inferior.

³⁸ Cf. A INAUGURAÇÃO hoje do USO – Town Club. *A República*, Natal, 24 mar. 1944.

Figura 41 – Mapa do Bairro da Ribeira³⁹



Fonte: SEMURB/PMN, 2004.

Na pesquisa, foi observado que a Ribeira esbarrou nas barreiras espaciais, o bairro não tinha mais como expandir-se espacialmente. Nas edificações ali erigidas permaneciam entranhadas as antigas relações sociais, hábitos e condutas que não condiziam com a realidade cada vez mais progressista da capital. As elites desejavam apagar o passado. Como essa ação não é possível, iniciou-se, a partir de 1940, a migração do comércio para o bairro de Cidade Alta, que até então era

³⁹ Pontos de referências do ano 1939.

predominantemente residencial. O jornalista Aderbal de França notificou, em 1940, no jornal *A República*, que:

Haverá hoje no comércio da cidade uma nota de destaque: a transferência para seu novo ponto do “Bazar das Novidades”, mais conhecido por casa 4\$400. Com a mudança passará a ser simplesmente, Lojas Brasileiras S. A., filial. O prédio foi concluído agora, especialmente para aquela filial. As Lojas Brasileiras trabalham pelo sistema americano Waolworth, que possui uma grande rede de cerca de três mil lojas, desde Nova York até os países europeus... No Brasil, temos as Lojas Americanas, em número de mais de dez e as Brasileiras, que vão mais ou menos por umas vinte e duas. A daqui é o número 18.

No trecho acima podemos perceber um indício do processo de globalização que estava sendo vivido na cidade, com a implantação de multinacionais, como também o processo de transferência do comércio da Ribeira para a Cidade Alta. Esse processo tornou-se mais evidente a partir da década de 1950, porém foi iniciado, como visto, nos anos de 1940. Destacando o processo de renovação urbana, Oliveira (2008, p. 134) afirma que:

Com o aumento da população, o consumo e a demanda se espalharam pela cidade e para além da Ribeira. No bairro do Alecrim, instalavam-se novos comerciantes e os lojistas da Ribeira abriam filiais ou transferiam seus estabelecimentos para a Cidade Alta, instalando-se nas Avenidas Rio Branco e Ulisses Caldas.

É importante lembrar que a Cidade de Natal, em 1942, ligava-se com o resto do mundo através do mar e da estrada de ferro, representando assim a importância do bairro da Ribeira no contexto urbano. Em 1943, foi realizada uma “concorrência pública” para a exploração de um serviço de ônibus na capital, em consequência das constantes reclamações com relação ao então serviço de bondes. Ficava explícito na nota que o mercado está favorável para a implantação desse tipo de negócio *modernizador*⁴⁰, devido ao crescimento da economia potiguar, atestando que:

Isso afasta os possíveis riscos de insucesso para uma empresa particular que se dedicasse à exploração do serviço de ônibus. [...] Precisamos ter visão comercial, e, sobretudo, espírito de colaboração

⁴⁰ Utilizamos a palavra *modernizador* porque o transporte feito por ônibus era considerado de última geração, enquanto os bondes estavam ultrapassados. Portanto, a sua implantação implicaria na modernização da cidade.

com o governo, para ajudá-lo no seu propósito de melhorar os nossos transportes urbanos (*A República*, Natal, 5 dez. 1943).

Na passagem acima referida, percebe-se o interesse governamental na implantação do serviço, buscando o melhoramento na locomoção dos habitantes (particularmente a elite, uma vez que o transporte público não beneficiava os bairros pobres), bem como atingir os anseios de modernização da cidade por meio dos transportes e dos seus usos, confirmando a intenção de gradativamente substituir os bondes, os navios e trens por automotivos e aviões, que refletiam o futuro.

2.4 O PÓS-GUERRA

O acúmulo dos avanços técnicos adquiridos pelas sociedades em relação aos transportes e comunicações contribuiu, segundo Milton Santos, para o desenvolvimento do meio técnico-científico-informacional. Para o autor, esse meio é responsável pela reconfiguração do território brasileiro, e esse processo é marcado pela presença de dois fatores: a ciência e a técnica. O espaço necessita adaptar-se a esse meio e equipar-se para facilitar a circulação da informação, que se configura como “motor fundamental do processo social” (SANTOS, 1993, p. 35). No Brasil, a organização do território é de suma importância para a constituição desse meio técnico-científico-informacional, o país acelera a mecanização do espaço devido à necessidade de circulação dessas informações. Seguindo esse pressuposto, o momento histórico exigiu uma integração nacional. De acordo com Milton Santos (1993, p. 36):

É apenas após a Segunda Guerra Mundial que a integração do território se tornará viável, quando as estradas de ferro, até então desconectadas na maior parte do país, são interligadas, constroem-se estradas de rodagem, pondo em contato as diversas regiões entre elas e com a região polar do país, empreende-se um ousado programa de investimentos em infraestruturas.

O espaço necessita de uma nova materialidade para atender as necessidades sociais do período, que superpõe novos sistemas de engenharia aos existentes

anteriormente. Devido ao desenvolvimento dos meios técnicos, estes serviram como base para as novas relações sociais e para as novas relações de consumo e de produção. Para Santos, esse período de transformações “duraria até fins dos anos 60” (1993, p. 37). O cenário político brasileiro viveu uma época de mudanças com o fim do Estado Novo. Era o fim da ditadura e o reinício de uma nova era republicana, cujo pleito ocorreu em abril de 1945.

A Cidade de Natal durante a Segunda Guerra Mundial experimentou um grande surto de crescimento, que alterou consideravelmente sua dinâmica urbana e a vida cotidiana dos seus habitantes. Com o crescimento da cidade, desenvolve-se também o mercado de terras. Para Raquel Rolnik, “o mercado de terras (solo urbano) determina a forma de estruturação da cidade, em conjunto com a política de investimentos urbanos, as políticas de investimento em infraestrutura e com a relação que ele estabelece com as estratégias de regulação urbana [...]” (1997, p. 20). Em Natal não foi diferente:

Entretanto, a cidade não parou. O Pós-guerra deixou como lição uma Natal mais preparada, com mais serviços e opções de lazer e cultura, ideal para receber a elite. Adaptando-se ou criando suas modas, esta gente suplantou a falta do serviço público eficiente e marcou o seu espaço naquele solo urbano. Neste universo de luxo, abundância e de apego às artes, uma parcela se sobressaía: a juventude. Este grupo social frequentava as mesmas escolas particulares, tinha aulas de instrumentos musicais, jogava voleibol e basquetebol, viviam nas *matinéas* do Aero Clube e do Aero Futebol Clube, era presença cativa nas sessões cinematográficas do Cinema Rio Grande, por exemplo, configurando um universo diferente de outros bairros da cidade (TAVARES, 2011, p. 138).

Em 1944, Natal começou a perder sua importância no cenário mundial. De acordo com Smith Júnior, “havia uma constante preocupação por parte do governo norte-americano com relação à Cidade de Natal, uma vez que com a retirada das tropas americanas a cidade poderia sofrer um colapso. Contudo, devido aos eventos posteriores, nada foi feito” (1992, p. 158). A cidade viveu um novo momento com o final do conflito, com a retirada do capital estrangeiro. Esse fator pode ser considerado como principal fomentador da crise que assolara a capital. As consequências do final da Segunda Guerra Mundial em Natal foram mais visíveis do que em outras cidades do Nordeste. Clementino afirma que “mesmo que as proporções da ocupação tenham sido maiores naquelas cidades, seu passado histórico e sua funcionalidade na dinâmica regional/estadual são completamente distintas do papel desempenhado por Natal”

(1995, p. 221). A historiografia local admite que a cidade no momento em questão não estava preparada para viver o que viveu. De acordo com Pedro de Lima:

Ao terminar a II Guerra Mundial ao mesmo tempo em que representou desilusão, desemprego e pobreza, deixou também outras marcas indeléveis para o desenvolvimento social do Rio Grande do Norte e, sobretudo, de Natal. [...] Natal retornou a vida provinciana, à sua condição periférica (2006, p. 145-146).

A presença norte-americana em Natal deixou consequências não apenas nas esferas sociais e econômicas, como também na fisionomia da cidade, que passou por uma considerável expansão geográfica. Em relação à situação urbana, citamos Oliveira (2008, p. 219):

[...] o período da Segunda Guerra Mundial provocou o deslocamento do eixo de crescimento da cidade, além de confirmar sua tendência segregacionista. Contrariamente à vontade das elites, a cidade havia crescido na direção do Alecrim, porém com a construção da Estrada Parnamirim *Road*, da Base de Parnamirim *Field*, da Hidrobase da Rampa e as demais instalações militares, houve um surto de ocupação dos bairros de Petrópolis e Tirol. Para estes foi estabelecido um rígido controle e barreiras legais que provocaram uma seleção dos moradores e não deixaram que outros o ocupassem a não ser os que pertenciam às elites ou aqueles que estas permitiam.

A segregação dos espaços após o conflito tornou-se mais evidente, como atesta a citação acima. O abandono da Ribeira por parte das elites tornou-se mais evidente. Sobre esse processo citamos o historiador Itamar de Souza (2008), que afirma que o Grande Hotel, que fora um dos principais palcos do crescimento do bairro, entrou em declínio a partir de 1945. O bairro perdia um importante ícone urbanístico e social dos tempos de glória. O historiador oficial da cidade, Câmara Cascudo, em 1944, fez uma previsão do que seriam os bairros de Natal no ano 2000, a exemplo de Manoel Dantas.

[...] é a cidade que se renova com maior rapidez. Cada semana há uma transformação. Como ninguém se lembrou de fixar pela fotografia a paisagem da velha Cidade que se tornou menina moderna, será impossível, de futuro, uma reconstituição em sua fisionomia de outrora. Quem, aí em 1999, acreditará no que era em 1944 o Alecrim? E as nossas ruas ainda com arzinho colonial, como as paralelas à Praça André de Albuquerque? No Alecrim com o taboleiro retangular das avenidas abertas e amplas, nascerá a outra Cidade de Natal, quando a Ribeira for indústria e a Cidade Alta, comércio (CASCUDO, 1944, p. 06).

Como bom conhecedor da cidade, Cascudo já observara que a Ribeira não era mais o mesmo bairro. Para o autor, o comércio iria se fixar na Cidade Alta, o que já denota a tendência da migração do comércio para este espaço. O futuro do bairro da Ribeira seria abrigar a indústria, enquanto a cidade do futuro estaria nos bairros novos. Cascudo evidencia a dinâmica urbana como característica da Cidade de Natal, enaltecendo as inúmeras mudanças ocorridas no curto período de tempo, principalmente nos anos de 1942-43, denominando a cidade de menina moderna.

Em geral, a historiografia local identifica que após a Segunda Guerra Mundial teve início o processo de descaracterização da Ribeira. O bairro não comportou espacialmente o crescimento econômico da cidade, pois já era edificado e consolidado no espaço, não tendo para onde expandir, diferentemente dos bairros novos, aptos a receber novas funções e empreendimentos.

A Parnamirim *Road* contribuiu para a descentralização da capital potiguar e influenciou a difusão da especulação imobiliária. Natal viveu nessa época o surgimento dos primeiros loteamentos, indicando um vetor de expansão do mercado de terras urbanas rumo à Zona Sul, que margeava a Parnamirim *Road*, em um traçado que abriria diversas artérias paralelas à “Pista”. A especulação imobiliária emergiu na Cidade de Natal na década de 1940, segundo Ferreira (1996, p. 171), “ressalta-se que no período compreendido entre 1946 a 1989 foram registrados em Natal 222 loteamentos, sendo que 54,5% deles foram registrados na década de 1950, caracterizada pelo grande *boom* do parcelamento do solo urbano”. Com o regime de acumulação abriram-se novos horizontes a serem explorados pelos agentes do capitalismo, fomentados pelas possibilidades tecnológicas organizacionais, administrativas e geográficas. Para Lima (2008, p. 97), “a tendência atual da economia capitalista, portanto, é a desconcentração e a descentralização, tanto a unidade de produção quanto ao sistema global”. Os novos espaços representaram, para a zona central da sociedade natalense, possibilidades de crescimento econômico e geográfico, promovendo também o desenvolvimento urbano, ou seja, a modernização do traçado da cidade. Essa modernização representou o declínio das antigas estruturas e de áreas já edificadas, como, no nosso caso, o bairro da Ribeira.

Figura 42 – Estrutura Militar e equipamentos de lazer na Cidade de Natal (1942-45)



Fonte: SEMURB/PMN, 2004.

Observou-se que o velho centro de Natal (Ribeira) gradativamente foi perdendo sua função no contexto social da cidade. A caracterização do bairro da Ribeira como centro comercial influenciou na perda do uso deste para a habitação, transformando-o, como vimos, em uma “cidade morta”. De acordo com Castells (2006, p. 320), “o que ocorre, na realidade, é que exatamente quando essa função se descentraliza, é que o velho centro se define cada vez mais por seu papel de gestão e de informação, e que os novos centros se caracterizam, sobretudo, pela criação de meios sociais”. Com a expansão da Cidade de Natal desenvolveram-se vários “minicentros”; esse surgimento resulta da atividade social nele existente e da estratificação dos espaços, gerando

núcleos homogêneos e atividades comerciais para atender a essa demanda. Sobre esses “minicentros”, o autor afirma que “a perda da relação direta com o centro e o desaparecimento dos bairros, com seus serviços locais na região urbana, conduzem ao mesmo tempo à organização de centros comerciais ligados às zonas de nova urbanização” (2006, p. 321). Entretanto, o desenvolvimento dos novos bairros e a especialização de suas práticas culminou na rápida descentralização da Cidade de Natal.

A instalação de vários empreendimentos militares apresentam um papel crucial para configurar o período como ruptura, uma vez que estes empreendimentos alteraram todo o cotidiano da Cidade de Natal e do bairro da Ribeira, suscitando a expansão citadina e a descentralização, ou melhor, o surgimento de novos centros, o que afetou diretamente o espaço citadino, reescrevendo-o como um palimpsesto. Segundo Cascudo, Natal configura-se no século XX como “uma cidade sempre nova” (*Diário de Natal*, Natal, 10 jul. 1949). No ano de 1959, a cidade contava “com uma população de aproximadamente 167.202 habitantes distribuídos em doze bairros – Santos Reis, Rocas, Ribeira, Cidade Alta, Petrópolis, Tirol, Alecrim, Lagoa Seca, Lagoa Nova, Dix-Sept Rosado, Quintas e Mãe Luiza [...]”⁴¹. Conforme afirma o nosso cronista Aderbal de França (1943) “a cidade, que era pequena, cresceu e cresceu muito, é um novo mundo. Novidades de toda sorte e sobre todas as novidades [...]”.

No entanto, em meio da expansão e a diversidade dos novos espaços natalenses, o bairro da Ribeira permaneceu à margem do desenvolvimento do restante da cidade, apesar de ter sido definido oficialmente como bairro pela Lei n.º 251 de 30 de setembro de 1947, na administração do Prefeito Sylvio Piza Pedroza (essa iniciativa demonstra o interesse, por parte do governo local, em organizar o espaço urbano). Depois da Segunda Guerra, o bairro viu seus elegantes estabelecimentos transmutados em ambientes – como descreveu Djalma Maranhão (2004) em 1949 no *Diário de Natal* – que mais se pareciam com antros. No bairro da Ribeira houve a disseminação do que Foucault denominará de espaços heterotrópicos. Esse tipo de lugar está fora de todos os lugares, apesar de podermos obviamente apontar a sua posição geográfica na realidade. Devido esses tipos de lugares serem totalmente diferentes de quaisquer outros sítios que normalmente se reflete e discute, o autor os chamará, por contraste às utopias, de heterotopias.

⁴¹ Cf. EMERENCIANO, 2007, p. 116.

O último traço das heterotopias é que elas têm também uma função específica ligada ao espaço que sobra. Mais uma vez, uma função que se desdobra em dois pólos extremos. O seu papel será o de criar um espaço ilusório que espelha todos os outros espaços reais, todos os sítios em que a vida é repartida, e expondo-os como ainda mais ilusórios (parece-me ter sido esse o papel desenvolvido pelos famosos bordéis [...]) (FOUCAULT, 2001, p. 418).

Esses lugares são representados no bairro da Ribeira por diversos espaços de vício, crime e luxúria, onde as pessoas encontram-se alheias aos valores sociais. Sobre a esquina da Tavares de Lira com a Dr. Barata, Djalma Maranhão escreveu que: “a fisionomia da esquina da sorte, para uns, da angústia e do desespero, da luxúria para outros, são os seus cafés expressos, os seus bares imundos e os seus sórdidos botequins” (2004, p. 22). Contudo, no período em questão, a esquina, para o autor, continua a ser “um centro convergente e irradiador da vida natalense” (2004, p. 22), apesar da crescente degradação social que este narra com maestria.

O período que compreende a Segunda Guerra Mundial é caracterizado tanto na Cidade de Natal quanto no bairro da Ribeira como uma época de rupturas e transições, que serão consolidadas no decurso do tempo. Portanto, os acontecimentos aqui identificados, em certa medida, fomentaram a desvalorização do bairro. Pode-se concluir, até então, que durante a Segunda Guerra Mundial ocorreram mudanças significativas na capital potiguar, tanto no traçado urbano quanto na sociedade. A cidade viveu um novo impulso modernizador motivado pelo crescimento da economia, pela entrada do capital estrangeiro e pelo expressivo aumento demográfico.

CAPÍTULO – III: DE RIBEIRA MODERNA À VELHA RIBEIRA



Fonte: Foto da autora, 2011.

No início do século XX, o bairro da Ribeira se caracteriza na Cidade de Natal como centro urbano, espaço que agregou atividades diversas como: diversões, bancos, lojas, escritórios e diversos serviços públicos. Este assumiu o papel de congregar as atividades sociais da cidade, se distinguindo pela sua estrutura funcional.

Dessa forma, o centro urbano nada mais é que um espaço que concentra as atividades comerciais e sociais da sociedade. Para Villaça (1998), os centros são locais estratégicos voltados para o exercício do poder e da dominação, seja exercido pelos dirigentes políticos ou pelo fetichismo da mercadoria. Del Rio afirma que o centro da cidade:

[...] concentra uma imensa carga simbólica, por um lado representativa de toda uma sociedade urbana e de um modo de produção, por outro representativo da cristalização físico-espacial

resultante da evolução das práticas, sociais e culturais específicas a uma cidade (1991, p. 07).

A partir de então reconhecemos o centro como espaço urbano dotado de grande representatividade, constantemente favorecidos pelas políticas e programas de intervenção urbana, como de fato ocorreu com a Ribeira no período inicial do século XX. Para Castells (2006, p. 311), “[...] o termo de centro urbano designa ao mesmo tempo um local geográfico e um conteúdo social.” Contudo, no caso do bairro da Ribeira, sua centralidade sucumbiu aos agenciamentos sociais, cuja mudança de práticas acabou resultando no processo de decadência do espaço e de suas funções no contexto urbano da Cidade de Natal.

No decorrer desta pesquisa, pensada na tentativa de evidenciar a trajetória do bairro da Ribeira, da sua valorização à sua desvalorização, buscamos identificar os fatores que influenciaram nesse processo, dentre eles ora citamos: o Plano da Cidade Nova, que proporcionou um local exclusivo para as elites em busca de diferenciação; a migração do comércio para o bairro de Cidade Alta; o surgimento de novos centros urbanos; entre outros. Neste último componente, abordaremos a crise dos transportes, a crise do espaço, a segregação e a decadência do bairro em questão, elementos tidos como fatores geradores da dinâmica que se processou no bairro.

3.1 A CRISE DO TRANSPORTE

Como já explicitado anteriormente, a presença do porto e da estação ferroviária foram fatores que influenciaram decisivamente no desenvolvimento e na caracterização do bairro da Ribeira no contexto urbano da Cidade de Natal. Estes fomentaram o comércio e o desenvolvimento dos serviços, influenciando na valorização do espaço, uma vez que a capital comunicava-se com o resto do mundo através do porto e da Great Western. Estas instituições fizeram da Ribeira o bairro mais importante da Cidade de Natal até o final da década de 1930 do século XX. Os avanços tecnológicos relacionados ao transporte são de fundamental importância para o sistema capitalista de produção, que visa cada vez mais à anulação do espaço pelo tempo. Segundo Harvey (2005, p. 50), “no contexto da acumulação em geral, o aperfeiçoamento do transporte e da comunicação é visto como inevitável e necessário”. Quando um determinado tipo de transporte é ultrapassado pelo custo/benefício, este perde sua razão de existir, se

tornando obsoleto ante as novidades, uma vez que a racionalização geográfica de pessoas e produtos depende intrinsecamente da estrutura mutável dos meios de transporte. Por conseguinte, a estrutura urbana da Cidade de Natal não está inserida no contexto urbano das grandes cidades estudadas por Harvey. Contudo, a cidade objeto desta pesquisa vem a auferir de forma tardia e em menor escala os reflexos dessas ideias nascidas nos grandes centros capitalistas.

Na dinâmica do sistema capitalista, as crises estão ligadas ao próprio modo de produção. Com o término da Segunda Guerra Mundial, a Cidade de Natal enveredou em uma grave crise econômica, que vem a ser considerada como fato gerador da crise dos transportes. O Porto de Natal, que durante o conflito havia comportado um grande número de navios, inclusive os grandes navios de guerra norte-americanos, perde importância, mesmo com a inauguração de diversas obras para o melhoramento do serviço portuário em 25 de novembro de 1945⁴². Tais investimentos cessaram a partir desse ano, devido principalmente a crise econômica e a fuga do capital estrangeiro. O porto não foi devidamente dragado e, em 1950⁴³, o Sr. Rui Moreira Paiva, agente da Companhia de Navegação Costeira, informou à imprensa local que a barra estava obstruída, impossibilitando o acesso dos navios à Cidade de Natal. Esse problema encareceu de forma significativa a exportação de produtos potiguares, que seriam então escoados pelos portos de Recife e Fortaleza. Também os passageiros tinham de se deslocar para essas cidades a fim de viajar.

Foi iniciada uma grave crise no transporte marítimo da capital potiguar, que perdeu durante anos um dos principais meios de escoamento da produção local, o que afetou diretamente o bairro da Ribeira e sua dinâmica econômica, uma vez que o porto é de grande importância para sua movimentação comercial. Só em 1956 que a barra é desobstruída, “quase em linha reta, sem antigas e perigosas curvas” (*Diário de Natal*, Natal, 15 maio 1956), e foram efetivadas uma série de melhoramentos no porto. A intervenção do vice-presidente Café Filho foi de suma importância para a realização dessa obra. No início dos anos 60 do século XX, o porto passou a viver novamente momentos difíceis, o canal de acesso fora novamente obstruído. O jornal *Diário de Natal* noticiou que, em 12 de abril de 1966, foi iniciada novamente a dragagem e em agosto do ano seguinte esta foi suspensa por falta de verba⁴⁴. A crise portuária em Natal

⁴² Cf. *O Diário*, Natal, 25 nov. 1945.

⁴³ Cf. *Diário de Natal*, Natal, 9 dez. 1950.

⁴⁴ Cf. *Diário de Natal*, Natal, 3 maio 1968.

estendeu-se até 1990, após várias tentativas frustradas dos governantes, como também sob os protestos dos produtores potiguaros, para a reabertura do porto natalense.

Já é sabido que o Porto de Natal voltou a operar no ano passado [...] Após longas e difíceis gestões, consegui que a Portobrás, dona do porto, assumisse o financiamento da obra e delegasse a sua execução ao estado. Depois disso os trabalhos foram recomeçados, concluídas todas as obras civis necessárias a que o porto voltasse a funcionar, o que de fato aconteceu já no ano passado (MELO, 1991, p. 52).

A partir da fala do então governador do estado do Rio Grande do Norte Geraldo Melo, observa-se que o Porto de Natal permaneceu fechado por aproximadamente quarenta anos, o que acelerou o processo de desvalorização do bairro da Ribeira, tendo em vista que o Porto animava o comércio local, principalmente a Rua Chile.

Na Rua Chile localizava-se as maiores firmas de importação e exportação do estado, dentre elas poderíamos citar:

S A Wharton Pedroza e Cirne, Companhia Industrial do RN; João Galvão e Cia, atacadista de tecido que abastecia todo o interior do estado; Cunha e Maia, atacadista de estivas; a Exportadora Dinarte Mariz, de algodão; Gurgel Luck e Cia, a Alfândega; Tobias Palatinick e Irmão [...] (ANDRADE, 1989, p. 42-43).

De fato, a crise portuária deve ser considerada como fato gerador da desvalorização do espaço. O logradouro que abrigara grandes firmas (como as acima citadas), cuja antiga denominação era de Rua do Comércio, a Rua Chile ficou abandonada. Com a falta de movimentação econômica no porto, várias firmas declaram falência ou mudaram o ramo de suas atividades, transferindo-se para outros locais da cidade que estavam em evidência.

O transporte ferroviário em Natal também entrou em crise depois da Guerra e, ironicamente, pouco depois da consolidação da malha ferroviária. Essa crise instaurou-se principalmente pela abertura de novas rodovias e sua pavimentação, o que fomentou o transporte terrestre por meio de ônibus e carros, que na época eram considerados os meios de transporte mais rápidos, modernos, confortáveis e baratos de viajar e transportar os produtos, provocando assim o esvaziamento e quase desativação da Estação Ferroviária. Nesse contexto, Merten Nefs afirma que “[...] iniciou-se a desativação de pátios ferroviários centrais, ramais industriais e estações de carga nas

regiões centrais de muitas metrópoles” (2006, p. 55). Segundo Gabriel Medeiros, os dois principais fatores que contribuíram para essa conjuntura foram: “o custo da construção das ferrovias e a dificuldade e maior espaço de tempo para sua implantação” (2006, p. 219). Diante dessas dificuldades, o transporte rodoviário foi suplantando paulatinamente o ferroviário. Sobre essa temática, Brasílio Machado Neto (1956) escreveu para o jornal *A República*:

Para se aquilatar do processo degenerativo da rede ferroviária nacional basta considerar o seguinte: desde 1954, a sua receita total não dá para cobrir a despesa de pessoal, que ultrapassa aquela em Cr\$ 1.430 milhões se computadas apenas as estradas de propriedade federal, que representam 78% da nossa rede.

Observamos então a presença de um círculo vicioso que impede o desenvolvimento do transporte ferroviário, devido ao fato de que as ferrovias não foram capazes de resgatar os investimentos necessários para a sua construção e manutenção. Desse modo, ocorreu a substituição destas por estradas asfaltadas, uma vez que “as despesas com as substituições dos ramais permanentemente deficitários por rodovias asfaltadas serão atendidas pelo Fundo de Pavimentação (Lei 2.698)” (NETO, 1956, p. 35).

No Brasil, esse processo atingiu seu ápice durante o governo do presidente Juscelino Kubitschek (1956-61). Este ficou conhecido como o presidente das “estradas”, visto que incentivou a abertura de rodovias em todo o país, incluindo o estado do Rio Grande do Norte, através da implantação do projeto desenvolvimentista de “Cinquenta anos em cinco” (tempo de duração do seu mandato), fomentando o fenômeno que ficou conhecido como *Rodoviarismo*:

[...] o rodoviarismo se consolidou mundialmente (e no Brasil a partir da década de 1950) com a expansão da indústria automobilística numa época em que os preços dos combustíveis derivados do petróleo eram baixos. No Brasil, esta fase correspondeu ao governo Juscelino Kubitschek, que implantou a indústria automobilística, transferiu a capital para Brasília e acelerou a construção de rodovias. A partir do governo Juscelino as rodovias passaram a ser quase exclusividade dos investimentos em transportes terrestres no país⁴⁵.

⁴⁵ Cf. LINHARES, 2007. Disponível em: <<http://www.geografiacontextualizada.com.br>>.

Já no primeiro ano de governo do então presidente da república Juscelino Kubitschek, fez-se presente a necessidade de melhoramento dos meios de transporte dentro do território nacional. A ampliação da malha rodoviária buscou, principalmente, fomentar o desenvolvimento do país e inseri-lo no contexto capitalista. Sobre isso, noticiou-se em Natal que:

Não é possível que imensas regiões de um país de tantos recursos econômicos como o Brasil continuem a sofrer as consequências desastrosas da escassez e mesmo da inexistência de produtos de primeira necessidade que outras regiões têm de sobejo e que lá apodrecem a míngua de estradas para transportá-los (AMPLIAÇÃO... *A República*, Natal, 28 ago. 1956).

De fato, as rodovias foram sendo paulatinamente implantadas no estado do Rio Grande do Norte, essas estradas serviam tanto para o escoamento de mercadorias quanto para o transporte de passageiros, o que acabou gerando novas necessidades. Com o grande fluxo de ônibus que circulavam no período em questão, surgiu a necessidade de construir em Natal uma estação rodoviária que atendesse à população local. Ciente dessa realidade, o então prefeito da cidade Djalma Maranhão (1960-64) decidiu construir o estabelecimento no bairro da Ribeira. A escolha da Ribeira para sediar a estação rodoviária foi considerada como uma das primeiras medidas de revitalização feitas no espaço. Acreditava-se que a estação rodoviária traria a vida de volta ao bairro, o que já denota o abandono do espaço, uma vez que este ficou caracterizado, no decurso de sua história, através dos transportes. Na coluna intitulada “Um dia na prefeitura”, publicada no jornal *Diário de Natal* (Natal, 13 dez. 1963), o prefeito Djalma Maranhão afirmava que “é certo que a Ribeira voltará aos seus velhos tempos e que a estação rodoviária, com as suas modernas linhas arquitetônicas, vem mudar completamente a fisionomia do velho bairro”. Sobre a inauguração, o jornal *Diário de Natal* noticiava em 17 de dezembro de 1963:

Foi inaugurado em Natal o Terminal Rodoviário, com os discursos do vereador e médico Demétrio Viveiros, do engenheiro Wilson Miranda, do mestre construtor Abel Florêncio, e, por fim, do Prefeito Djalma Maranhão. [...] Blocos carnavalescos animaram a festa de inauguração.

Um ano após ser ativada, a estação rodoviária passaria a se chamar Presidente Kennedy: “É uma homenagem do povo de Natal ao conhecido líder democrático e

amigo do Brasil, assassinado barbaramente” (*Diário de Natal*, Natal, 10 dez. 1964), o que denota a permanência dos laços feitos com os norte-americanos desde a Segunda Guerra Mundial.

Figura 43 – Estação Rodoviária Presidente Kennedy



Fonte: *Natal ontem e hoje*. 2006.

No contexto da modernidade brasileira, a arquitetura serviu a propósitos políticos e ideológicos. Como em tantos outros momentos da história na nossa civilização, a produção arquitetônica dessa década representa o momento de consolidação e maior domínio local sobre as possibilidades do léxico formal e da técnica construtiva moderna (MELO, 2004). O terminal rodoviário Presidente Kennedy foi projetado segundo esses preceitos. Contudo, mesmo a implantação de um terminal rodoviário, dentro do contexto “moderno” da época, não foi suficiente para revitalizar o bairro da Ribeira. Os arquitetos Paulo José Lisboa Nobre e Marizo Vitor Pereira afirmam que “o esvaziamento do bairro continuou seu processo, apesar da tentativa de implantação do terminal da Ribeira”⁴⁶. Assim sendo, no período em questão, o bairro já se encontrava em avançado processo de segregação.

O *Diário de Natal*, no decorrer das comemorações dos quatrocentos anos da Cidade de Natal, lançou o “Caderno Especial 400 anos”. Sobre a velha rodoviária publicaram:

⁴⁶ NOBRE; PEREIRA, 2008. Disponível em:
<http://www.docomobahia.org/AF_Marizo%20Pereira%20e%20Paulo%20Nobre_2.pdf>.

O terminal rodoviário Presidente Kennedy, situado na Ribeira, atendeu à população natalense durante 18 anos. Suas dez plataformas eram pontos de embarque e desembarque para os passageiros que usufruíam tanto de linhas intermunicipais como também interestaduais. Somente em 19 de fevereiro de 1981 [...] é que o terminal foi desativado [...] Atualmente o terminal rodoviário Presidente Kennedy é a parada final dos ônibus [...] e ponto de embarque de passageiros que utilizam ônibus para alguns municípios da grande Natal. O terminal representou, durante muito tempo, um sinal de progresso para a cidade, acostumada apenas com o trem (*Diário de Natal*, Natal, 25 e 26 dez. 1999, p. 19).

Observa-se, na citação acima, a incapacidade da malha viária do bairro da Ribeira em comportar os fluxos da estação rodoviária, o que ocasionou a transferência desta para o bairro de Cidade da Esperança, o que acentuou ainda mais a defasagem dos usos do espaço que fora um dia a porta de entrada da Cidade de Natal. Também no texto é nítido que o trem não representaria mais o progresso, que seria representado então pelo transporte automotivo.

Essa necessidade constante de abertura e de tráfego transcendeu as antigas preocupações do homem com o belo, como foi observado no bairro da Ribeira no início do século XX. A arquitetura urbana se voltará cada vez mais para o trânsito do que para as formas, e se tornará cada vez mais funcional com relação à máquina (automóvel, por exemplo), do que com relação ao olhar. Configura-se um momento de ruptura, quando a entrada da cidade perde seu valor estético, como no caso da transferência da rodoviária de Natal para o bairro de Cidade da Esperança, mesmo este não possuindo atrativos para os olhos. Entretanto, o bairro de Cidade da Esperança na época caracterizava-se como um espaço vazio, capaz de abrigar as artérias necessárias para o crescimento da atividade econômica a que se destinaria.

3.2 A SEGREGAÇÃO

Inicialmente, na história, para Le Goff (1994, p. 408), “só o declínio demográfico foi invocado, desde a antiguidade, como sinal e causa da decadência”. Seguindo esse pressuposto, poderíamos afirmar que a Ribeira seria, de fato, decadente, uma vez que no primeiro censo populacional da cidade, realizado em 1897, o bairro contava com 2.800 habitantes e em 1980, segundo a tabela abaixo, o número de habitantes seria de 1.934. Em menos de um século, o bairro perdeu cerca de 866 habitantes. Essa diminuição demográfica apresenta-se contrária ao desenvolvimento do

restante da urbe, onde é verificado o constante crescimento dos índices populacionais. Esse número continuaria a regredir na década seguinte.

Contudo, hoje não mais fazemos história da forma descrita por Le Goff. Por trás da dinâmica da decadência e da segregação, existem implicações econômicas, estruturais, políticas e sociais. Nesse sentido, entendemos que no bairro da Ribeira ocorreu um processo de desterritorialização. Esse processo, para Deleuze e Guattari, é relativo ao *socios*, ou em outras palavras, é resultante das relações ou agenciamentos sociais que ocorrem no território ou no espaço. Para que haja a desterritorialização, faz-se necessário a ocupação de outros espaços, significando afirmar que a sociedade, principalmente as capitalistas, encontra-se em constante movimento de desterritorialização e reterritorialização.

Assim como a territorialidade do agenciamento tinha origem numa certa descodificação dos meios, também se prolonga necessariamente nestas linhas de desterritorialização. O território é tão inseparável da desterritorialização quanto o era o código em relação à descodificação. Segundo essas linhas, o agenciamento já não apresenta expressão nem conteúdo distintos, porém apenas matérias não formadas, forças e funções desestratificadas (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 220).

Cotidianamente, vivenciamos a dinâmica urbana passamos de um território para outro, na medida em que esses espaços representam social e funcionalmente as necessidades dos seus agentes. No caso do bairro da Ribeira, a expansão urbana e a elitização de outros espaços da cidade resultaram na migração da elite, inicialmente, para os bairros de Tirol e Petrópolis.

[...] enquanto os bairros de Tirol e Petrópolis desenvolveram-se pela transferência dos antigos moradores das áreas mais centrais da cidade. Eram funcionários públicos, militares, técnicos, intelectuais, políticos e comerciantes que começaram a construir residências e que se sentiam estimulados a saírem do centro da cidade (OLIVEIRA, 2008, p. 90).

Vale salientar que também a migração do comércio da Ribeira para o bairro de Cidade Alta e a crise nos transportes são fatores que influenciaram na desestratificação das funções sociais que operavam no espaço em questão.

Figura 44 – Planta de Natal em 1958⁴⁷



Fonte: Guia da Cidade de Natal – 1958/59, arquivo “O Potiguar”.

RS. 140\$000 – é o aluguel da casa nº 28 da Rua 7 de setembro, com água e habite-se. Ótimo local para quem trabalha na Ribeira porque economiza *Bond*. – Chaves na casa 377 da Rua Jundiáí, em Tirol (*A República*, Natal, 9 jul. 1941).

A partir do anúncio acima transcrito, podemos identificar a dinâmica da substituição das classes sociais no bairro da Ribeira. No caso, o proprietário deseja alugar uma casa na Ribeira, e ele migrou para o bairro do Tirol. Percebe-se também que o anúncio está voltado para a classe proletária ou zona periférica da sociedade, como afirma Shills, a referida fonte diz que é um “ótimo local para quem trabalha na Ribeira porque economiza *Bond*.” O anúncio em questão é apenas um dos mais de duzentos desse tipo em que nos deparamos ao consultar o jornal *A República* de 1940 a 45. Estes nos esclarecem sobre o abandono do bairro por parte das elites, como também demonstra a invasão das classes inferiores, que gradativamente tornaram-se predominantes no espaço, dando início à dinâmica de segregação do bairro por parte das elites. Para Corrêa (1989, p. 216):

⁴⁷ Através da planta da Cidade de Natal de 1958/59 podemos perceber o crescimento urbano, assim como a diferença entre os primeiros bairros (de arquitetura vernacular) em relação aos novos e projetados, dotados traçado xadrez. Cf. EMERENCIANO, 2007.

A dinâmica da segregação é própria do capitalismo [...] Em resumo, a segregação tem um dinamismo onde uma determinada área social é habitada durante um período de tempo por um grupo social e a partir de um dado momento, por outro grupo de status inferior [...].

Assim como Corrêa, Soja (1993) e Villaça (1998) também centram a questão da degradação dos centros na fuga das camadas de alta renda. Os três autores agora citados elucidam, numa analogia “causa e efeito”, como sendo esta a mais provável e lógica razão para que esse fenômeno tenha ocorrido em diversas partes do mundo. Sob a influência do capitalismo e conseqüentemente da especulação imobiliária, que gerou os fluxos de migração, podemos identificar esse fenômeno através da transferência de diversas instituições do bairro da Ribeira para os bairros de Tirol e Petrópolis, assim como a geração de novos espaços, que atendiam as necessidades da zona central da sociedade, enquanto o bairro da Ribeira deixava de ser praticado por essa sociedade.

De acordo com Certeau, a cidade-conceito se degrada e nos oferece um sentido, que se materializa na degradação da urbe, decadência dos procedimentos utilizados para sua organização. A construção e a prática desses espaços são, de certa forma, resultantes do contexto social de sua inserção, a junção dos modos coletivos e individuais de gerir. Essa caminhada através dos espaços se dá no presente, no descontínuo e no fático, são formas de interação sem se inserir e, ao mesmo tempo, inseridas no conceito da própria circulação da cidade viva, tratada e alterada, escrita pelas práticas.

3.2.1 A especulação imobiliária

O Plano da Cidade Nova ou Plano Polidrelli (1901-04), o Plano Geral de Sistematização ou Plano Palumbo, e o Plano Geral de Obras do Escritório Saturnino Brito (1930, obras de saneamento), foram intervenções urbanísticas que, segundo Cascudo (1980, p. 422) “[...] transformou Natal, livrando-a do colonialismo teimoso em que vivia [...]”. Estes fizeram com que a profecia de Manoel Dantas com relação ao bairro se concretizasse, este dizia que “a Cidade Nova, com suas avenidas e seus parques sombreados, é o bairro da aristocracia, a cidade artística, onde a riqueza impressiona pelo luxo e bom gosto das construções” (*apud* SANTOS, 2002, p. 111).

Como vimos anteriormente neste trabalho, o bairro de Cidade Nova (Tirol e Petrópolis), fundado no início do século XX, só se consolidou a partir da década de

1940. Conforme essa afirmação, observamos a inauguração de uma capela no bairro em dezembro de 1930 (o que já evidencia a existência de uma população considerável), que se tornou paróquia de Nossa Senhora Das Graças e Santa Terezinha através do Decreto nº 25, de 1º de agosto de 1950 (o que denota o crescimento demográfico do bairro do Tirol).

[...] Em lugar dessas gentes, na medida em que as ruas e avenidas iam sendo abertas, vieram residir na Cidade Nova personagens como governador Alberto Maranhão e o futuro governador Ferreira Chaves. Também fazia parte deste seletto grupo de moradores o então Presidente da Intendência de Natal, Joaquim Manoel Teixeira, que havia baixado a resolução criando a Cidade Nova (SANTOS, 1998, p. 207).

A “boa vizinhança” também pode ser considerada como um dos fatores responsáveis pela especulação imobiliária. A transferência de ícones da sociedade para este espaço acabou atraindo vários outros membros das camadas de alta renda da cidade. As elites, através do poder e influência que lhes são atribuídos, buscam distinguir-se e beneficiar-se de maneira diferenciada em todas as esferas, seja nas relações sociais, econômicas ou políticas. Tal realidade torna-se evidente devido à concentração em algumas áreas da cidade dessa zona central, que fazem desses espaços os mais bem estruturados da cidade.

A Cidade Nova se constituiu em uma dupla solução para o desejo de autosegregação das classes dominantes locais. Por um lado, o Plano Polidrelli superaria o antigo desenho irregular originário da cidade colonial, onde as classes conviviam, praticamente, no mesmo espaço ou guardando uma certa contiguidade. Por outro lado, serviria como refúgio, onde as classes dominantes poderiam se proteger do contato com as péssimas condições ambientais e das epidemias que, então, grassavam pela cidade (LIMA, 2001, p. 35).

Os avanços tecnológicos no âmbito dos transportes favoreceram a intensificação do processo de estratificação do espaço urbano. E para isso, os tipos de edificação erigidos nesses espaços tinham que corresponder à classe social ocupada por ele. Nesse contexto, os bairros de Tirol e Petrópolis vivenciaram o surgimento de diversos palacetes “modernos”.

Figura 45 – Casa construída segundo os preceitos da época⁴⁸



Fonte: Acervo particular de Nilda Cunha Lima.

Justamente na Cidade Nova, logo depois desmembrada em Tirol e Petrópolis, os cidadãos - em especial os moradores - dava um novo ressignificado às suas ruas, praças, clubes, cinema, aos festejos como o Carnaval e a Parada Militar. Esta crescente relação entre homem e espaço acontece indiferentemente à concretização imediata dos serviços de infra-estrutura incluídos nos três marcantes Planos Urbanísticos propostos para a área (TAVARES, 2011, p. 138).

Em resultante, identificamos que a elaboração dos projetos para construção dos bairros de Tirol e Petrópolis veio preencher a lacuna com relação à habitação da elite na Cidade de Natal. Logo, observou-se que Natal estava vivenciando a especialização do espaço, dividindo-o em classes sociais distintas.

Nesse momento, ao pesquisar no jornal *A República*, percebemos a falta, tanto de oferta quanto de procura, por imóveis no bairro da Ribeira. Um contraponto em relação aos resultados desta mesma pesquisa em um período anterior, onde o bairro fora um dos mais disputados. A sociedade natalense mudou, modificando também as suas preferências, conforme o anúncio que se segue: “Precisa-se de uma casa com três

⁴⁸A casa de Nilda Cunha Lima, na Avenida Floriano Peixoto. Na garagem cabiam seis automóveis, num tempo em que ter veículo de passeio era artigo de luxo. O pai de Nilda foi uma dos primeiros proprietários em Natal. A residência ficava em frente à Praça Pedro Velho e fora construída em um terreno que ocupava a metade do quarteirão. Cf. TAVARES, 2011, p. 49.

quartos em rua calçada, com água e em perfeito estado de conservação. De preferência na Cidade Alta ou Petrópolis. Tratar pelo telefone 2357” (*A República*, Natal, 18 jan. 1950).

Assim como a Zona Central dessa sociedade passou a ter suas preferências bem definidas em se tratando de tipo de casa e vizinhança⁴⁹, também a Zona Periférica passou a ter as suas, a exemplo do bairro do Alecrim⁵⁰. Assim sendo, o mercado imobiliário da capital estava em plena expansão e especialização, para melhor atender a oferta e a procura por esse tipo de mercadoria. Na Cidade de Natal havia anteriormente um número considerável de empresários que investiam esporadicamente no setor imobiliário, contudo, na década de 1950, observa-se a organização desse mercado e o surgimento das primeiras imobiliárias.

VENDE-SE

1 casa à Av. Rio Branco, n. 503.

1 casa à Rua Fabrício Pedroza n. 11 (Praia do Meio)

2 casas à Rua Ari Parreiras ns. 1405 e 1407.

1 casa à Rua Amaro Barreto n. 1245.

1 terreno com 400,00m² anexo à casa da Avenida Rio Branco, 503.

1 terreno à Av. Circular quadra n. 9, com 883,00m².

1 sítio com casa, fruteiras e cacimbão a margem da E. F. C. R. G. do Norte, com 105.000,00m².

1 sítio à Avenida Romualdo Galvão (Lagoa Seca), com 3.400,00m².

INFORMAÇÕES PELO TELEFONE: 1405 (*A República*, Natal, 17 fev. 1950)⁵¹.

⁴⁹ Casa para alugar. Aluga-se uma casa moderna, recém construída, à Avenida Hermes da Fonsêca, n. 991, (Vila do IPASE) a tratar na mesma. *Vende-se*, uma casa à Avenida Hermes da Fonseca, n.º 620, construída toda de tijolo, com os seguintes cômodos, duas salas, quatro quartos, cozinha, banheiro e aparelho, a tratar na Gerencia deste Jornal, com o Sr. José Barroca. Cf. *A República*, Natal, 17 jan. 1950, grifos nossos.

⁵⁰ Oportunidades. Vende-se um ótimo terreno na avenida 2, com a av. 3, com 3 casas, sendo duas na av. 3, à tratar com o Sr. Otávio Nunes da Silva à av. 10, 1424 no bairro do Alecrim. Cf. *A República*, Natal, 28 fev. 1950.

⁵¹ Neste anúncio, dentre outros, observamos a ausência de propriedades localizadas no bairro da Ribeira, nesse momento o espaço encontra-se à margem do desenvolvimento da cidade.

Figura 46 – Anúncio direcionado para a elite natalense

**ADQUIRA SUA CASA PROPRIA EM
- PETROPOLIS -**

**APENAS
QUINZE
RESIDENCIAS**



**O MELHOR IN-
VESTIMENTO
DE CAPITAL**

O MAIS APRAZIVEL BAIRRO DA CAPITAL

INFORMAÇÕES

Construtora, Comercio & Industria Ltda.
RUA FREI MIGUELINHO, 112/116
Tel. 23102 — Teleg.: CONCIL — Natal — R. G. N.

Pedroza, Irmão & Cia.
RUA CEL. BONIFACIO, 195
Tel.: 10-99 — Teleg.: PEDROZA — Natal — R. G. N.

Fonte: *Tribuna do Norte*, Natal, 9 ago. 1953.

Figura 47 – Anúncio direcionado para as classes populares. Loteamento do bairro das Quintas

Potiguar de Investimentos S. A. (POTISA)
Reserva o seu lote imediatamente — Valor Cr\$ 35.000,00,
em cem prestações mensais de Cr\$ 350,00, sem juros

PLANTA DO PARQUE EDELTRUDES
BAIRRO DAS QUINTAS — ZONA URBANA
CIDADE DAS NAUHAS — ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE



PLANTA GERAL DO BAIRRO DAS QUINTAS
EM NATAL — RIO GRANDE DO NORTE



POTIGUAR DE INVESTIMENTOS S. A. A DISPOSIÇÃO PARA DEFESA DOS SEUS INTERESSES

a) compra e venda de imóveis por conta própria ou de terceiros;

b) loteamento de terras e terrenos por conta própria ou de terceiros;

c) a incorporação de edifício sob o regime de condomínio;

d) empreitamento para a realização de construções de edifícios e casas para residências, em terrenos próprios ou de terceiros, por conta própria ou por administração;

e) administração predial.

DIRETORIA:
João Aguiar de Amorim Guimarães — Diretor-Presidente
José Pinheiro Neto — Diretor-Geral
Oswaldo Medeiros — Diretor Comercial

CONSELHO FISCAL — MEMBROS EFETIVOS:
Luiz Gonzaga Maia Bezerra
Adauto Ferreira da Rocha
Celso Honorio de Albuquerque

SUPLENTE:
Idalécio de Souza
José Vasconcelos da Rocha
Dr. Manoel Augusto Bezerra de Araújo

Potiguar de Investimentos S. A. (Potisa)
AV. TAVARES DE LIMA, N. 96 — 1.º — FONE 1343 — NATAL — RIO GRANDE DO NORTE

Fonte: *A República*, Natal, 12 set. 1956.

Podemos observar nas figuras acima, o nível em que se encontrava a especulação imobiliária na Cidade de Natal e o tipo de propaganda contribuiu para a formação e especialização desses espaços, tão distintos no contexto social da capital.

Observa-se que o primeiro anúncio é voltado para a elite, enquanto o segundo para os populares. Por fim, percebemos a ausência do bairro da Ribeira no contexto em questão, o que em certa medida revela que o espaço está à margem do desenvolvimento da Cidade de Natal.

3.2.2 A transferência e a transformação das práticas sociais da elite natalense

Conforme vimos no decorrer desta pesquisa, o espaço nada mais é que o resultante da interação entre a sociedade e o conteúdo geográfico. Nesse sentido, como a sociedade é composta pelo fator humano, está suscetível à sua própria descontinuidade. A Zonal Central da sociedade, nessa conjuntura, é a responsável pelas variações dos fluxos e dos fixos do espaço, sua mutabilidade influenciou direta ou indiretamente nos usos a ele atribuídos. De fato, houve uma modificação no âmbito da elite natalense, e esta é sentida pelo jornalista Cristovam Dantas, que expressa o seguinte:

De 1930 até o presente, digamos, no espaço de tempo de um quarto de século, que recuo assustador da “Inteligentizia” potiguar, e também brasileira. Dir-se-ia mesmo que as nossas ELITES se demitiram de suas funções. A mediocracia se entronizou, abrindo espaço à vitória, não na cultura, mas sim na anticultura. Quem pretender julgar o Brasil contemporâneo verificará, assustado, que somos uma vasta e imensa planície social, e política, em que raros se tornam os BOBLES e os jequitibás humanos (1956).

Em sua crítica, o autor apresenta-se perplexo ante as novas “funções” dessa classe social, evidenciando sua transformação como algo negativo, uma vez que para ele as novas práticas não condizem com os valores da sociedade. Contudo, essas mudanças não cessam de transformar a cidade através da prática dos espaços. Observaremos a seguir como a mudança da sociedade foi transformando o bairro da Ribeira, assim como toda a Cidade de Natal.

Nas primeiras décadas do século XX, o bairro da Ribeira, como citado anteriormente, não era apenas o centro comercial da cidade, era também o centro social. Este abrigou os principais espaços de lazer e de entretenimento da Cidade de Natal, possuía o teatro, cafés, bares, o hotel mais luxuoso da cidade (com seus salões onde se realizaram acontecimentos memoráveis), o Cinema Polytheama, dentre outros. O Grande Hotel fechou suas portas ainda nos anos 1940, e assim também ficaram para trás

na história do bairro as festas memoráveis, como a do Réveillon de 1940-41, realizada no Teatro Carlos Gomes e descrita no jornal *A República* como:

TEATRO CARLOS GOMES

Revestiu-se de brilhantismo o baile de ano bom

Conforme noticiamos, realizou na noite do dia 31 de dezembro findo o baile do Teatro Carlos Gomes, promovido pelo seu diretor, prof. Alcides Cico, prof. Iveraldo Lopes e Sr. Meira Lima.

Essa elegante reunião revestiu-se de brilhantismo e distinção, com o comparecimento de numerosas famílias, senhoritas e rapazes de nossa sociedade.

Graças sobretudo do esforço do prof. Alcides Cico, o Teatro apresentou um aspecto atraente, reinando grande animação e cordialidade. Houve serviço de *buffet*, que esteve desempenhando a contento geral (*A República*, Natal, 1 jan. 1941, grifos nossos).

Eventos como o acima descrito deixaram de haver no bairro da Ribeira, a própria casa de espetáculos entraria em um “estado deplorável”, como afirmará o então prefeito Claudionor de Andrade na citação abaixo:

Ontem, pela manhã, o prefeito Claudionor de Andrade, em prosseguimento às suas visitas aos próprios municipais e obras nos diversos bairros da capital, acompanhado pelo Sr. Fernando Luiz chefe do gabinete, visitou o Teatro Carlos Gomes, realizando, ali, uma inspeção geral, na qual constatou o estado deplorável em que se encontram as suas dependências, tendo contribuído, em parte para isso, a cessão daquele local para a Feira de amostras, ultimamente realizada nesta capital. O prefeito da Capital, depois de observar as necessidades inadiáveis daquela casa de arte, prometeu que, apesar da exiguidade das verbas, era seu propósito autorizar, lançando mãos de qualquer meio, uma imediata reparação no Teatro, afim de que as Companhias o encontrem capaz de prestar-se aos misteres a que se destina (*A República*, Natal, 4 abr. 1950).

Até o Carnaval, que animava a Av. Tavares de Lira, migrou para a Cidade Alta. O fenômeno da transferência das funções sociais ocorreu principalmente entre as décadas de 1940 a 60, em função da substituição desses espaços por estruturas maiores, mais modernas e livres das classes inferiores que contaminaram o bairro da Ribeira.

Até a vida noturna baixara de categoria e de câmbio. Como pensar que uma avenida como a Tavares de Lira, famosa por seus carnavais de corso em carros abertos e inflamados comícios com balas e tudo – fora transformada em vulgar passarela noturna do que há de mais triste e abjeto no submundo das cidades? (GARCIA, 1989, p. 45).

O Cine Polytheama⁵², primeiro voltado exclusivamente para elite natalense, fechou suas portas, deixando uma lacuna que viria a ser preenchida pelo Cine Rio Grande (Cidade Alta), dentre outros. O Cine Rio Grande era dotado de uma estrutura moderna e inovadora, tinha a capacidade de acomodar 1.600 pessoas, foi inaugurado às 21 horas do dia 11 de fevereiro de 1949⁵³. A proximidade com os bairros de Tirol e Petrópolis favoreceu a presença dos jovens de boa família da cidade⁵⁴.

Figura 48 – Cine Rio Grande, Cidade Alta



Fonte: Acervo pessoal de Jaeci Galvão.

Na Cidade Nova, a Praça Pedro Velho, antes de sua construção, já era um espaço de sociabilidade, como afirma Salomão Filgueira: “[...] sabemos que um numeroso grupo de distintos moços da nossa sociedade trata da fundação de um Club de *Football*. No vasto *ground* da Praça Pedro Velho tem havido diversos *matches* de ensaio, notando-se grande entusiasmo por parte dos jogadores” (*apud* CASCUDO, 1976, p. 119). A inauguração da referida praça será descrita no jornal *A República* (Natal, 26 out. 1937) da seguinte forma:

Precisamente, às 17h30, o Sr. governador do estado, acompanhado de grande número de amigos, subiu ao coreto da Praça Pedro Velho, iniciando-se a solenidade de inauguração com um discurso do prefeito Gentil Ferreira. Depois dessa solenidade, a Banda de Música Mossoroense realizou concorrida retreta, prolongando-se até às 21 horas.

⁵² Visto no capítulo I.

⁵³ Cf. *A República*, Natal, 11 fev. 1949.

⁵⁴ Como trabalhado por Schvarzman, o local do cinema era primordial, uma vez que este definia a clientela. O Cine São Luíz, no Alecrim fazia a alegria das classes populares, enquanto o Cine Rio Grande fora projetado espacial e estruturalmente para a elite natalense.

Essa praça se tornará o centro das principais atividades sociais da Cidade de Natal, lugar de passeios e de diversas atrações. As sociabilidades que anteriormente eram realizadas na Praça da República (Ribeira) migraram espontânea e gradualmente para o novo espaço.

Para atender a elite da capital, desenvolveram-se diversas opções de lazer, dentre elas poderíamos destacar a criação de diversos clubes, que faziam a alegria dos jovens privilegiados, hora citamos: o Aero Clube (Tirol, 1929), AABB (Tirol, 1961), Sede Social do ABC Futebol Clube (Petrópolis, 1959), Sede do América Futebol Clube (Tirol, 1959). Nesses clubes eram realizados concursos de misses e festas das mais diversas (shows, carnavais, casamentos etc.), todos os eventos voltados para o grupo seleto dos moradores de Tirol e Petrópolis.

Mas a cidade cresce assustadoramente. Onde caçei, com espingarda de chapéu-de-sol, cotias e jacus, sobem palacetes e rodam os autos. O Baldo, logradouro clássico, é uma praçuela deliciosa. A Solidão, Tirol, é bairro de gente rica e que sabe viver. Lá no cimo está o Aero Clube, que não é mais Aero e sim Clube, mas suas festas não dão saudades às do Tijuca Clube. Natal-não-há-tal (CASCUDO, 2007, p. 101).

O Clube de Radioamadores do RN, que foi inaugurado em 20 de outubro de 1947, localizava-se na Avenida Duque de Caxias, nº 118, na Ribeira⁵⁵, migrando para o bairro do Tirol dois anos depois, sendo inaugurada a nova sede em 22 de outubro de 1949. A Ribeira perdia gradativamente o seu prestígio e a sua representatividade social nos anos que se seguiriam, com a migração da elite e das suas instituições.

Esses agenciamentos sociais não ocorreram apenas na esfera do lazer, aconteceram também em termos de infraestrutura. No período de 1950 a 60, foram inauguradas várias escolas nos bairros de Tirol e Petrópolis, para atender a crescente demanda da zona central da sociedade natalense. A Escola Doméstica, que no início do século XX fora símbolo da elitização do bairro da Ribeira, irá transferir-se para o bairro do Tirol. A Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, mantedora desse educandário, observou que o bairro do Tirol passou a abrigar a elite natalense, e, buscando manter o status da instituição e proporcionar melhores condições de acessibilidade e estrutura aos seus alunos, conseguiu que o Interventor Federal fizesse a doação de um terreno na Avenida Hermes da Fonseca através do Decreto-Lei nº 651, de 10 de dezembro de

⁵⁵ Cf. *A República*, Natal, 17 out. 1948.

1946⁵⁶. O então vice-presidente da República, Café Filho, influenciou na venda do antigo prédio, localizado na Ribeira, para o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes (I.A.P.C.). Segundo José Geraldo Albuquerque (1994), através dos recursos arrecadados pela venda do prédio, a então diretora da escola Doméstica, Noilde Ramalho, construiu o novo prédio, que foi inaugurado em dezembro de 1952.

Observamos dois pontos importantes na transferência da Escola Doméstica: o primeiro é a venda dos prédios da Ribeira para o poder público, proporcionada pela influência da elite sobre os políticos locais, assim como a ânsia dessa elite em desfazer-se do seu patrimônio no referido bairro. O segundo seria a multiplicação das instituições de ensino, voltadas para os filhos da classe dominante, nos bairros de Tirol e Petrópolis, o que evidencia a elitização do espaço. Entre os anos de 1946 a 60 foram inaugurados diversas escolas, dentre eles poderíamos citar: o Instituto Maria Auxiliadora (1952), o Instituto Batista Bereiano (1957), Externato Nossa Senhora de Fátima (1952), o Colégio Santo Antônio Marista⁵⁷, Escola de Serviço Social (atual Câmara de Vereadores, 1948), Colégio Estadual do Atheneu Norte-Rio-Grandense (1954), dentre outros.

Esses agenciamentos sociais resultaram na desterritorialização, por parte das elites, com relação ao bairro da Ribeira. Essa desterritorialização foi muito além da transformação do espaço em questão: toda a cidade está se modificando e se adaptando ao novo contexto, com relação às práticas sociais e a estrutura física da urbe. Um espaço deixa de ser praticado em detrimento do desenvolvimento de outro, toda desterritorialização (com relação à Ribeira) resulta intrinsecamente no processo de desterritorialização de outros espaços, assim como ocorreu na Cidade de Natal.

3.2.3 A Despopulação

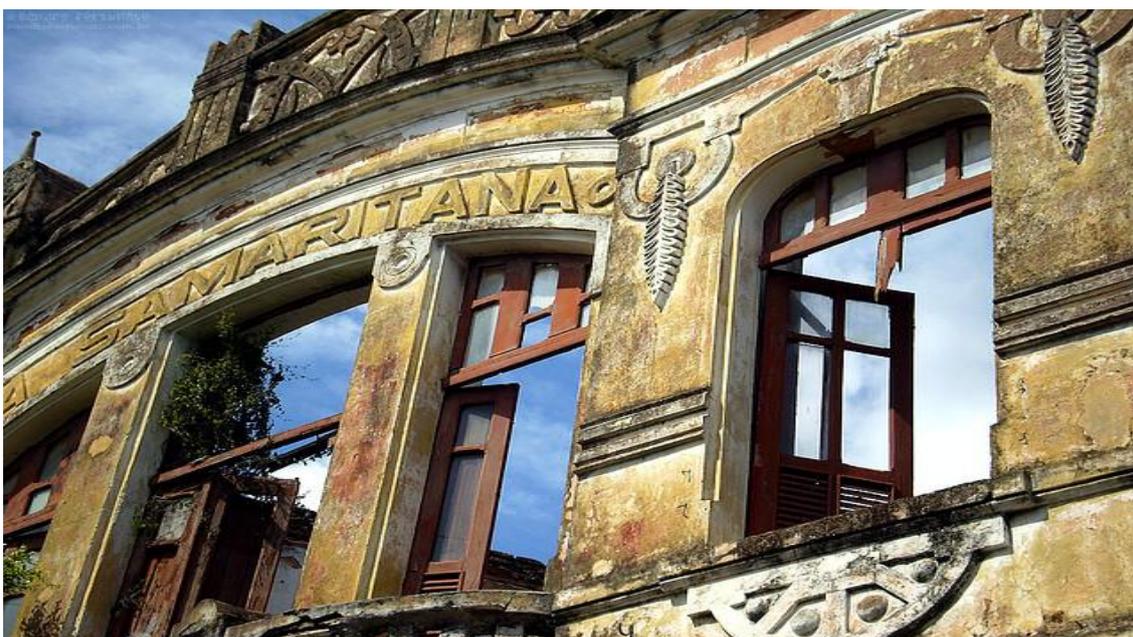
A rápida expansão da Cidade de Natal entre os anos de 1940 e 1950 gerou um movimento de territorialização, diversos bairros da capital foram consolidados com suas características próprias. Nos bairros de Tirol e Petrópolis concentrou-se a elite, enquanto o bairro do Alecrim tornou-se o bairro popular, contando inclusive com um pequeno comércio voltado para essa população. Segundo Souza (2008, p. 554): “por ser de um nível econômico inferior à Ribeira e à Cidade Alta, o bairro do Alecrim

⁵⁶ Cf. ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. Decretos do Governo. Natal: Imprensa Oficial, 1946, p. 109.

⁵⁷ “[...] este colégio tem sido um baluarte na formação intelectual da elite norte-rio-grandense”. *A Ordem*, Natal, 28 jul. 1938.

desenvolveu o seu comércio na base de pequenos estabelecimentos, conforme a lei de oferta e da procura”. Contudo, a Ribeira aos poucos foi perdendo sua função no contexto urbano com a migração do comércio da elite para o bairro de Cidade Alta e a migração das famílias abastadas para os bairros de Tirol e Petrópolis. Os imóveis passaram a ser sublocado, o que atraiu habitantes das classes inferiores, que impossibilitados de manter esses espaços, acabaram abandonando-os.

Figura 49 – Antiga loja de tecidos A Samaritana⁵⁸



Fonte: Foto da autora, 2011.

Esse abandono gradativo da estrutura física indica que ocorreu um processo de despovoação no bairro da Ribeira, de acordo com Lojkine (1981, p. 229) “[...] a atual segregação urbana implicaria mais uma despovoação geral dos grandes centros urbanos do que a substituição de uma camada social por outra.” Essa segregação espacial ocorrida no bairro da Ribeira nos deixa uma herança de ruínas, contudo esses remanescentes nos contam suas histórias através das narrativas que os circundam de fatos e acontecimentos que marcaram efetivamente o meio ambiente físico e simbólico da cidade, levando em consideração o trecho que se segue, “Muitas dessas formas, testemunhas dos desejos das elites locais de eternizar-se, chegaram até nós amareladas,

⁵⁸ A partir da imagem percebe-se a situação de abandono dos prédios da Ribeira. O edifício foi erigido por volta de 1916, lá funcionou a loja de tecidos A Samaritana e posteriormente abrigou as famosas Lojas Paulistas. Com o declínio social e econômico do bairro, este edifício tornou-se uma pensão para gente simples.

danificadas pelo tempo, fragmentadas, corroídas” (ARRAIS; ANDRADE; MARINHO, 2008, p. 181).

3.3 A CRISE DO ESPAÇO

As áreas urbanas centrais, no desenrolar do século XX, têm amargado o declínio econômico e, em consequência, um processo de deterioração ou degradação. Esse fenômeno tem se intensificado nas cidades brasileiras. A expansão do sistema capitalista e o desenvolvimento econômico e tecnológico contribuíram para a transformação do modo de vida urbano, que será refletido na organização da cidade em relação ao seu antigo centro. A expansão do espaço urbano, obtida com o desenvolvimento dos meios de transporte e a facilidade de locomoção irão dilatar em Natal as zonas periféricas, enquanto as zonas centrais perdem gradativamente a sua importância. O investimento privado nessas áreas tende a minguar, assim como os investimentos públicos, que são direcionados para as áreas nobres do ascendente subúrbio, assim como os projetos habitacionais e imobiliários. Enquanto isso, no centro, os imóveis são sublocados e as residências, por vezes, são abandonadas. Sobre a descentralização, Corrêa (1989, p. 71) afirma:

O processo de descentralização implicou que as atividades como que pulassem do núcleo central para as áreas mais distantes: a demanda de espaço na zona de transição parou. O uso residencial com base em uma população de baixo status social e a deterioração física da área estigmatizou-na, criando uma imagem de pobreza, vício e crime.

A partir dessa ótica, percebemos a importância dos agenciamentos sociais na construção e na desconstrução dos espaços. Os usos e funções do espaço se constituem, de acordo com Certeau, devido às práticas que caracterizam o espaço urbano como sendo dinâmico e mutável. Tendo o espaço como fonte inesgotável de experiências emocionais que transcendem a abstração pessoal do espiritual e do conceitual, Schama (1996) observou as formas com que realizamos manutenção das paisagens, quando nos deparamos com o fato de que elas se tornam o produto resultante de nosso processo civilizatório, e que para mantê-las vivas, precisamos dessa interação. A paisagem como jurisdição, ocupação humana, pelo próprio significado do termo léxico, objeto a ser pintado ou fotografado, o que lhe imbuí o sentimento de envolvimento emocional que

lhe confere indubitavelmente uma gama de significados. O espaço não exprime apenas a formação geográfica, mas também a percepção, pelas lembranças da alegoria e da experiência de gerações anteriores.

Simon Schama segue ressaltado o fato de que os historiadores lamentam a anexação da natureza pela cultura. Contudo, não é negada a ideia de que a paisagem em si empreende um texto, um texto que deve ser lido para não passar inerte pelos caminhos da história, que construímos e reconstruímos através do espaço/tempo, expondo assim a junção dos elementos humanos e geográficos. A partir desse pressuposto empreendemos aqui uma das possíveis leituras que abarcam a valorização e desvalorização do bairro da Ribeira. Consideramos a cidade um texto onde podem ser lidos os códigos mais amplos da sociedade, tornando-a democrática e capaz de abrigar diversas visões de si mesma, e, devido a sua complexidade, sendo escrita e reescrita por seus habitantes. Para Roland Barthes, “a cidade é um discurso, e esse discurso é verdadeiramente uma linguagem [...]” (2001, p. 224). A cidade nos fala de seus critérios de segregação, de como a hierarquia social se traduz no espaço, assim como os deslocamentos ou desterritorializações podem ser observados na escrita urbana.

Não só a cidade pode traduzir-se em discurso, como o discurso pode traduzir-se em cidade. A Cidade de Natal, em 1909, apesar de procurar se modernizar, não apresentava indícios de uma modernização capaz de ser a inspiração de Manoel Dantas para seu discurso “Natal daqui a cinquenta anos”. Mas o desejo de modernização e de valorização da cidade em questão está presente nos sonhos da elite natalense que tem em Manoel Dantas a representação de seu discurso modernista. Como era um homem culto e possuidor de muita leitura, um dos livros que provavelmente o inspirou foi “Paris no século XX”, apesar de sua visão ser bem diferente da de Jules Verne. Manoel Dantas busca traduzir a modernização da cidade através do capitalismo e da industrialização, não esquecendo as artes e o meio ambiente. Esse texto constitui um documento importante para a história da urbanização e do urbanismo de Natal, apresentando um modelo de cidade ideal e possui um caráter que varia da alegoria à lenda, do mito à ficção. Contudo, a preocupação com o urbanismo e manutenção da memória, não através das antigas edificações e traçados das ruas, mas sim com monumentos à modernidade, a total negação do passado como se este houvesse sido um castigo divino. Para Pedro de Lima (2000, p. 51), “na concepção de Dantas, é a própria cidade, com cada um de seus elementos, que seduz a população para as conquistas do espírito humano e para a realização do projeto de modernidade.” No entanto, o que nos

interessa nesse momento é a visão de Manoel Dantas, em 1909, de como seria o bairro da Ribeira em 1959. Ele escreveu que:

A Ribeira, cortada em xadrez de ruas, praças e avenidas, é o bairro do alto comércio, da bolsa, dos grandes estabelecimentos bancários. O “Banco do Natal”, com seu capital de mais de cem mil contos, pode construir na Avenida Tavares de Lira, um edifício soberbo, que atesta a sua prosperidade. Os mostradores dos bazares imensos ostentam, numa exibição fantástica, as mais variadas mercadorias, destinadas a despertar a cobiça ou a prover as necessidades de gente que por ali passa num vai e vem contínuo. Num dos ângulos da Praça Augusto Severo, admira-se o Palácio da República, com seus vinte andares, donde saem diariamente as três edições disputadas pelos seus milhares e milhares de leitores. No alto deste edifício, num mostrador enorme, que, à noite, a eletricidade ilumina de cores caprichosas, são exibidas, de minuto em minuto, as notícias de última hora que vão chegando de todas as partes do mundo pelo telégrafo sem fio e as linhas especiais [...] (*apud* LIMA, 2000, p. 71-72).

Observamos na citação acima, o otimismo do autor em relação ao bairro da Ribeira, uma vez que este, na época em que o discurso foi escrito, apresentava-se em pleno desenvolvimento de suas atividades comerciais. Negando o passado do bairro, Manoel Dantas corta as ruas irregulares da Ribeira em um “moderno traçado xadrez”. Para ele, o bairro continuaria sendo o centro comercial da cidade, ainda dotado dos melhores estabelecimentos, inclusive com uma bolsa de valores, para ele o desenvolvimento econômico do bairro seria inevitável. Hall (2002) afirma que as ideias causam impacto e materializam-se no espaço, principalmente nas cidades, que são tratadas por ele como expressões das ideias advindas do núcleo social formador dos recortes geográficos. Apesar disso, as dinâmicas urbanas, por vezes, são imprevisíveis, o comércio da elite migrou para o bairro de Cidade Alta e o jornal *A República*, tão aclamado pelo autor, não existe mais. A Ribeira tornou-se inerte durante o processo de expansão da Cidade de Natal, tornando-se, quando comparamos com os períodos iniciais, obsoleta.

A deterioração dessas áreas centrais – deterioração econômica, física, social e ambiental – corresponde à decadência advinda pelo fato da estrutura existente no local não estar mais satisfazendo ao papel funcional que lhe é exigido pela cidade e, conseqüentemente, às expectativas definidas pelo mercado fundiário (SIMÕES JÚNIOR, 1994, p. 12).

A deterioração do bairro da Ribeira foi inevitável devido às várias imbricações sintetizadas acima por Simões Júnior, uma vez que o espaço também é mercadoria e está sujeito a variações. De acordo com Marx (2008, p. 41), “a mercadoria é, antes de mais nada, um objeto externo, uma coisa que, por suas propriedades, satisfaz necessidades humanas, seja qual for a natureza, a origem delas, provenham do estômago ou da fantasia”. Câmara Cascudo observou a perda das funções do bairro da Ribeira, e registrou que:

Esse parque, maravilhoso de justiças urbanísticas, foi sendo pouco a pouco guerreado e acabou no que está, praça banal entre praças belíssimas. [...] Mutilado e sem função é um lugar por onde se passa e nada sugere parar e descansar (1980, p.131).

Portanto, quando a mercadoria⁵⁹ perde sua função, conseqüentemente perde seu valor. Neste capítulo já observamos a perda de funções do bairro da Ribeira, com relação aos transportes e a segregação por parte das elites, agora abordaremos a perda da sua função enquanto centro comercial da Cidade de Natal.

3.3.1 A migração do comércio para o bairro Cidade Alta

O bairro de Cidade Alta, apesar de ter sido o primeiro da capital, sempre fora predominantemente residencial. Contudo, após meados da década de 40 do século XX, conforme já visto no Capítulo II, este sofreu uma invasão por parte do comércio. Tal invasão intensificou-se posteriormente. A respeito dessa dinâmica, o colunista do jornal *A República*, Aderbal de França, publicou em 1946: “invadindo o centro urbano, o comércio já está modificando profundamente a característica da Avenida Rio Branco, onde as famílias se afastam para que se instalem mais casas de negócios”. Contudo, foi a partir de 1950 que o bairro transformou sua estrutura urbana: foram surgindo vários prédios comerciais, dentre eles destacamos o Edifício Amaro Mesquita⁶⁰ de cinco andares, localizado na esquina das Avenidas Rio Branco e João Pessoa; e o Edifício São Miguel⁶¹ de seis andares, na Avenida Rio Branco. Apenas na Avenida Rio Branco, durante a década de 1950, foram inauguradas diversas casas comerciais, sobre elas afirma Souza (2008, p. 175):

⁵⁹ No caso, referimo-nos ao espaço.

⁶⁰ Cf. *Diário de Natal*, Natal, 5 maio 1953.

⁶¹ Cf. *Diário de Natal*, Natal, 6 fev. 1956.

As casas comerciais mais importantes que se instalaram na Rio Branco, na década de 1950, foram as seguintes: Casa Duas Américas (outubro de 1951); Casa Régio, de eletrodomésticos, de Reginaldo Teófilo da Silva, inaugurada em agosto de 1956; Casa Utilar, de Jessé Pinto Freire, instalada no andar térreo do Edifício São Miguel (dezembro de 1956); Casa Rio, de Alcides Araújo (julho de 1957); A Livraria Universitária, de Walter Pereira (janeiro de 1959) e a Nova Paris, loja tradicional de Bijuterias e artigos para presentes (abril de 1959).

Nesse mesmo logradouro, no decurso de pouco mais de dez anos (1962-73) se instalaram doze agências bancárias, fato que modificou totalmente a fisionomia do bairro de Cidade Alta. Este, que era apenas residencial, passou a concentrar o principal comércio da cidade, conforme podemos observar na figura abaixo.

Figura 50 – Avenida Rio Branco no final da década de 1950



Fonte: Cartão-postal, coleção “O Potiguar”.

A partir da migração do comércio para o bairro de Cidade Alta, o bairro da Ribeira deixa de ser o bairro comercial de Natal, perdendo mais um traço de sua identidade. O bairro de Cidade Alta passou a monopolizar o comércio, principalmente com relação aos estabelecimentos voltados para atender as classes mais altas. Com isso,

a concorrência entre os dois bairros tornou-se inevitável, comoveremos no anúncio abaixo:

Atenção, Escolares! Não desçam à Ribeira para comprar seus livros. Procurem a PAPELARIA E CHARUTARIA COSTA. Além de servi-lhes com presteza, evita-lhes o transporte de ônibus. A mesma já se acha de posse dos referidos livros e também de uma infinidade de artigos de papelaria como sejam: CADERNOS, CADERNETAS, LAPIS, BORRACHAS, BLOCOS, ENVELOPES, AÉREOS, etc. Aberta diariamente de 5:30 da manhã às 17:30 horas. PAPELARIA E CHARUTARIA COSTA de Pedro G. da Costa. MERCADO DA CIDADE ALTA. Rua J – Local nº 33 (*A República*, Natal, 9 fev. 1950).

Nesse processo observamos a mutabilidade do urbano, da passagem, da migração, não apenas de pessoas como também na substituição de funções desse espaço construído. Esse espaço é suscetível de atribuição de valor; a cidade não é feita apenas da dureza das pedras, é produzida pelo homem, e aqui ele aparece como fruto dos desejos dessa sociedade. O espaço não se encontra na dimensão de uma função, está sim na dimensão da sua existência. Essa existência implica na mutabilidade, e no caso da Ribeira, na sua não adequação aos novos tempos.

Os grandes empórios tinham emigrado para a Cidade Alta, trocando a estreita e velha Dr. Barata pela larga, imponente e nova Avenida Rio Branco. O comércio grossista, atendendo ao chamado dos novos tempos, fizera do Alecrim a sua moderna Meca. E abalizadas organizações haviam sido superadas, ou por novos métodos comerciais ou não resistindo à transferência de comando de seus fundadores para novas mãos, cerravam portas, portas que só acreditamos cerradas, tão fortes e inexpugnáveis eram elas, porque como o Repórter Esso – outro que desapareceu – fomos testemunhas oculares da história (GARCIA, 1989, p. 44).

Não podemos dizer que o bairro da Ribeira dos anos de 1920 é o mesmo dos anos de 60, este se descaracterizou totalmente em relação as suas funções, a sua existência, apesar de permanecer no mesmo espaço.

3.4 O BAIRRO DA RIBEIRA E A “DECADÊNCIA”

[...] o urbano é bem a obra máxima do homem,
obra esta que ele não cessa de reconstruir,
Pelo pensamento e pela ação [...]

(PENSAVENTO, 2007, p. 11).

3.4.1 Desvalorização?

A desvalorização foi um fenômeno ocorrido em várias das grandes cidades brasileiras, principalmente entre as décadas de 1950-60. A desvalorização das áreas urbanas centrais se deu porque suas práticas foram minguando, como nos descreve Evelyn Lima (2007, p. 16): “o declínio das áreas urbanas ocorre gradativamente. É certamente um fenômeno urbano que acontece na longa duração”, tendo o bairro como lugar expressivo de práticas sociais, que permite ultrapassar a lógica linear de certas generalizações, atentando para situações mais densas e contraditórias vivenciadas no cotidiano da cidade. O bairro da Ribeira pode ser estudado como um bom exemplar dessas contrariedades urbanas, uma vez que este é possuidor de uma área consolidada com suas funções, e, no entanto, foi perdendo as características formadoras da sua identidade socioespacial. O desuso de certas edificações remete a um contexto social de um determinado momento histórico. Na década de 1950, na narrativa da visita do então prefeito Claudionor Andrade, feita pelo jornal *A República*, observa-se que:

Dali o prefeito Claudionor de Andrade rumou ao Mercado da Ribeira, tendo verificado, que, entre os próprios municipais naquele gênero era, sem dúvida, aquele o que melhores condições de higiene oferecia à população, movimento embora fosse o que menor possui, em relação aos outros de maiores proporções (*A República*, Natal, 4 abr. 1950).

Conforme a citação acima, o estabelecimento que outrora fora o mais movimentado da capital, apesar de ser possuidor da melhor estrutura física, é o menos lucrativo, uma vez que a população migrou sua rota de compras. Assim sendo, Lefebvre (1986), a partir da observância nas grandes cidades, afirma que o abandono das antigas estruturas morfológicas se deve a ordem capitalista, com base nas transmutações dos mecanismos espaciais e sociais que se desenvolvem nas cidades. Ao longo da história, a sociedade tem se caracterizado pela sua mutabilidade através do tempo, seja com relação aos costumes, a tecnologia e as maneiras de habitar o espaço. Por este ser caracterizado pela sociedade que o habita, também se torna avatar. Sobre a dinâmica que se processou no bairro da Ribeira, o memorialista Lair Tinôco afirma que:

Terminada a Guerra, a Ribeira voltou a viver de um passado já bem distante, triste, esquecida, mergulhada na recordação dos seus dias

gloriosos. O comércio formado pelas lojas chiques transferiu-se para a Cidade Alta; na rua Dr. Barata ficaram os escritórios e firmas de representação (1992, p. 46-47).

O bairro da Ribeira, desde então, sofreu drásticas transformações, o que comprometeu sua função no contexto urbano da Cidade de Natal. A questão da decadência ou degradação do espaço torna-se um desafio para a própria ciência, que busca compreender esse fenômeno, a partir de debates e discussões. De acordo com Argan (2005, p. 205): “é mais fácil projetar as cidades do futuro do que as do passado”. Sendo assim, esse fenômeno acelera-se em função do desenvolvimento das áreas periféricas da cidade, aliado ao deslocamento das atividades comerciais exercido sem uma estruturação ou reestruturação do antigo centro.

Observamos que, de 1940 a 45, havia mais de 200 anúncios de “vende-se e aluga-se” sobre imóveis no bairro da Ribeira, e, como contraponto, a valorização de terrenos e residências nos bairros de Tirol e Petrópolis⁶², deflagrando assim a especulação imobiliária e a valorização de espaços em detrimento da desvalorização de outros. Levando em consideração que no período estudado, a Cidade de Natal ainda era bem modesta em termos de dimensões e de contingentes populacionais e que a propaganda era feita “boca a boca”, esses registros jornalísticos evidenciam esse processo, de valorização e desvalorização dos espaços da cidade.

Com o desenvolvimento do sistema capitalista, o espaço passa a ser considerado como “mercadoria” produzida pelos agenciamentos sociais, que lhes agregam valor devido ao uso. Para Milton Santos (1999, p. 83):

[...] o espaço é um sistema de valores, que se transforma rapidamente. O espaço, uno e múltiplo, por suas diversas parcelas, e através do uso, é um conjunto de mercadorias, cujo valor individual é função do valor que a sociedade, num dado momento, atribui a cada pedaço de matéria, isto é, cada fração da paisagem.

Mas como poderíamos afirmar que um espaço se desvalorizou? Percebemos então que os planos de requalificação desses espaços nos mostram que estes, em certa medida, precisam de reparos e não estão executando suas funções originais. Nesses termos, hora podemos afirmar que a Ribeira se desvalorizou, uma vez que foram

⁶² Um dos anúncios observados: “vendem-se uma casa à Av. Floriano, 354; e terrenos em Petrópolis e Tirol em lotes de 10x53, IIX 50, 12x39, 15x39, 15x39 (esquina) e 15x38. A tratar com Vicente Mesquita” (*A República*, Natal, 9 out. 1941).

realizados ou mesmo pensados e planejados diversos planos de revitalização, ou, como preferimos chamar, requalificação. A primeira tentativa de requalificação do espaço ocorreu, como já vimos, ainda em 1963, quando o então prefeito da Cidade de Natal, Djalma Maranhão, decide construir um terminal rodoviário no bairro, na tentativa de trazer o bairro de volta à vida. Contudo, nas palavras do memorialista José Alexandre Garcia (1989, p. 45): “nem a nova estação rodoviária de passageiros que o grande prefeito Djalma Maranhão construía para revitalizar a Ribeira, salvou o bairro da sua caminhada para o ostracismo”. De fato, o espaço em questão enveredou pelos caminhos da desvalorização e do abandono da sua estrutura construída.

Com o decurso do tempo e a evolução dos meios de transporte e comunicação, a consolidação do processo de globalização e do sistema capitalista, os espaços passaram a absorver cada vez mais informações e culturas de todo o mundo, o que acabou acarretando uma busca atroz da sua identidade e a conservação da memória coletiva das cidades. Seguindo esse pressuposto, as edificações do passado, que sobreviveram ao tempo e a sociedade, se tornam símbolos de uma ação histórica continuada da sociedade.

Atualmente, a memória é perpassada pelos determinantes da nova ordem mundial dada pelo fluxo da transferência de informação e da comunicação. As novas tecnologias, voltadas para os processos de globalização, trazem em si dois movimentos distintos, a rarefação e a reafirmação (NETTO, 2005, p. 266).

Essa rarefação é ocasionada pela expansão das fronteiras devido aos meios de comunicação e transporte que atualmente interligam o mundo inteiro, tornando-o mais uniformes, enquanto a reafirmação é o meio encontrado de manter viva a identidade regional mediante as aberturas adquiridas na rarefação.

3.4.2 O bairro da Ribeira e a degradação

O uso do espaço é de suma importância para a vida do mesmo, visto que o espaço não praticado tende a desaparecer no contexto de seu pertencimento anterior. Esses referenciais sofrem alterações com as transmutações do cotidiano das cidades, uma vez que os usos anteriores não são mais inerentes ao cotidiano praticado na atualidade.

O que acontece, nesse movimento perpétuo, com as formas antigas? Precisamente no momento de sua reativação, elas escapam a sua condição de traço para serem reinseridas, numa nova coincidência entre uma forma, um uso e um valor, no circuito do sentido social (LEPETIT, 2001, p. 83).

Observamos que estas formas antigas entraram em um processo de degradação pela alteração social de suas práticas. Muitos desses símbolos de riqueza e poder do passado chegaram até nós transmutados pela ação do tempo, empobrecidos, mutilados. Os espaços que no início do século XX eram utilizados pela Zona Central da sociedade e passaram a ser praticados por uma classe social inferior ou periférica, o que gerou a sua degradação, a sua subutilização ou o seu total abandono. A cidade é ao mesmo tempo, um processo de produção e uma forma de apropriação do espaço produzido. Ou seja, é condição e meio para que hajam as relações sociais, que resultam nas apropriações e os padrões de uso.

O uso do solo ligado a momentos particulares do processo de produção das relações capitalistas é o modo de ocupação de determinado lugar da cidade, a partir da necessidade de realização de determinada ação, seja a de produzir, consumir, habitar ou viver. O ser humano necessita, para viver, ocupar um determinado lugar no espaço. Só que o ato em si não é meramente o de ocupar uma parcela do espaço; ele envolve o ato de produzir o lugar (CARLOS, 1994, p. 85).

A forma de ocupação do bairro da Ribeira foi realizada de forma divergente em diferentes recortes temporais. O uso desse espaço é orientado pelo mercado, que assume o papel de fundamental mediador das relações que se estabelecem na sociedade capitalista e as funções do espaço só podem ser compreendidas através do contexto urbano de cada época específica. Sendo assim, o bairro da Ribeira foi sendo descaracterizado a partir de modificações importantes realizadas no contexto social e no contexto espacial de toda a Cidade de Natal.

3.4.3 Decadência?

Mas por que decadência? Atentos ao aspecto confuso do conceito de decadência, como nos alerta Le Goff (1994), esse é decorrente da sua subjetividade. Na filologia, o

conceito de decadência está atrelado ao juízo de valor negativo, evocado também em outra forma linguística, mas com o mesmo sentido. A decadência se traduz no campo econômico/monetário como desvalorização no nosso caso, desvalorização das estruturas espaciais do passado.

Partindo do próprio conceito de decadência, uma vez que este serve a história como forma de ler seu próprio movimento, nesse sentido com um inegável serviço. Apesar da oposição da ideia de decadência à de continuidade, entendemos como se a decadência fosse parte integrante da continuidade, um fenômeno que continua e permanece vivo em espaços como o bairro da Ribeira, espaços marcados por rupturas, por descontinuidades, visto que a própria continuidade não é estática e a decadência não é a morte.

A partir das leituras de Harvey, Lefebvre e Castells é perceptível que o mecanismo de produção de uma cidade capitalista tem como base o princípio econômico do benefício, que converte o solo urbano em uma mercadoria como qualquer outra. E as dinâmicas existentes na paisagem urbana vêm a ser consideradas como consequências da especulação imobiliária. Essa especulação, no caso da Ribeira, foi responsável pelo processo de territorialização dos novos espaços da cidade, o que resultou na desterritorialização do bairro da Ribeira. Nesta pesquisa a ideia de desterritorialização está intrinsecamente ligada à de decadência, e ambas resultaram no mesmo fato, que é a perda da identidade e da função exercida anteriormente pelo espaço no ambiente urbano.

A decadência, no bairro da Ribeira se deu através da correlação de dois fatores principais: a segregação socioespacial (inicialmente feita pela Zona Central da sociedade e depois pelas demais classes) e a degradação ambiental. Reconhecemos a importância da sociedade nos processos de territorialização e de desterritorialização dos espaços, devido ao fato de que “o ambiente construído não existe independentemente das relações sociais” (MARICATO, 2000, p. 170).

O espaço urbano, no sentido semiológico, é dotado de inúmeros signos e estes são compostos pelos significantes e significados, que podem ser traduzidos de uma maneira semântica, tornando a escrita pela pedra na escrita pelo papel, de acordo com Barthes. Objetivamos nesta pesquisa fazer uma das possíveis leituras do bairro da Ribeira, evidenciando as continuidades e descontinuidades históricas que fizeram o espaço se valorizar e desvalorizar em um decurso de tempo compreendido entre as décadas de 1920 a 60, evidenciando alguns dos aspectos conflituosos que existiram no

sentido funcional do bairro da Ribeira em relação à Cidade de Natal como um todo. Segundo Barthes, esse é um conflito entre “as necessidades funcionais da vida moderna e a carga semântica que lhe é comunicada pela sua história” (2001, p. 83). De certa forma, esses conflitos dificultam a coexistência do signo no meio urbano moderno. Ainda em 1956, Nilo Pereira escreveu saudoso sobre a Ribeira:

[...] onde está a cidade lírica daqueles antigos devaneios? Ela ainda está ali, envolta num ar de suavidade e de mistério, entre o progresso quase estonteante e as sugestões emocionais que andam em tudo, numa fisionomia terna e transparente que será a perpetuidade sentimental de sua presença (1956).

Se por um lado falamos da manutenção das formas, do mesmo modo poderemos falar com relação à manutenção dos fluxos que as mantêm ativas. A ausência dos fluxos ou a desterritorialização acabou resultando na obliteração do espaço em si, criando, de acordo com Castells, “espaços vazios”. Para o autor, “o conjunto dos processos não são nem as “vontades” nem as estratégias, mas os efeitos sociais necessários produzidos na ideologia por uma relação social com os espaços” (CASTELLS, 2006, p. 310). Assim sendo, apesar do desejo da sociedade natalense em requalificar o bairro da Ribeira, podemos afirmar que, em se tratando de um reordenamento urbano, os efeitos ideológicos entram em contradição com os efeitos econômicos desse tipo de operação, onde não há como controlar os resultados, não alcançando assim o objetivo. Basta-nos relembrar as inúmeras tentativas frustradas de requalificar o bairro da Ribeira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No transcorrer desta pesquisa, pensada no intuito de fazer uma das possíveis leituras das nuances que resultaram no processo de decadência do bairro da Ribeira, buscamos responder algumas das diversas questões relacionadas a essa dinâmica. Demonstrando-se que, no recorte temporal trabalhado, o bairro passou por três fases distintas, que são: a valorização (1900-45); a transição (1945-50) e a decadência (1950-

60). Conforme observado, o espaço resulta da relação dos agenciamentos sociais com a máquina territorial, tornando-se, desse modo, suscetível às dinâmicas que transformam tanto as sociedades quanto os espaços.

O bairro da Ribeira inicialmente é descrito, nos séculos XVIII e XIX, como um espaço desvalorizado e insalubre, destacando as rixas que havia entre os moradores dos bairros da Cidade Alta e da Ribeira, denominados de Xarias e Canguleiros, respectivamente. Essas rixas inferiorizavam os moradores da Ribeira no contexto social da então pequenina capital, observando-se os valores de mercado dos peixes Xaréu e Cangulo, sendo o primeiro de alto valor comercial. Contudo, em meados do século XIX, o bairro da Ribeira passa a ser objeto de desejo, sendo considerado pela elite governante como um excelente alvo para as intervenções urbanísticas devido à sua proximidade com o porto e o seu caráter comercial.

De fato, essas desejadas intervenções ocorreram. O bairro da Ribeira adentra no século XX como porta de entrada da Cidade de Natal, dotado de porto e ferrovia, assim como, favorecidos pelas condições destes benefícios, foram instalados diversos estabelecimentos comerciais. Nesse momento, a cidade estava em uma fase de transição, negando suas origens coloniais e se rendendo aos encantos da modernidade. Verificamos que o desejo influencia todo tipo de atividade humana, o que fez com que o homem pensasse a cidade e desejasse para ela a “modernidade e o progresso”. Essa cidade passou a ser vista como o reflexo da sociedade que a compõe.

O planejamento da cidade é saber e poder articular através do discurso utópico e urbanístico, a produção dos espaços racionalmente erigidos resulta na diversidade urbana, que confere uma identidade própria a cada um de seus bairros. Para Certeau, “assim funciona a cidade-conceito, lugar de transformações e apropriações, objeto de intervenções, mas sujeito sem cessar enriquecido com novos atributos: ela é ao mesmo tempo a maquinaria e o herói da modernidade” (2003, p. 174). O bairro da Ribeira se consolidou como centro urbano, por esse motivo abrigou os signos da modernidade, tais como o Teatro Carlos Gomes, o Cine Polytheama, o Grupo Escolar Augusto Severo, a Escola Doméstica, a Estação Ferroviária, dentre outros.

Com o considerável aumento demográfico da capital, o bairro viverá, nos anos iniciais da década de 1940, um novo momento. O bairro da Ribeira passa a receber visitantes ilustres e para acolhimento desses personagens havia o Grande Hotel, o mais luxuoso da cidade. Com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, as ruas da Ribeira fervilharam de militares brasileiros e americanos. No espaço havia os melhores

estabelecimentos comerciais e de entretenimento. Até então, podemos afirmar que o espaço era valorizado.

Mas, conforme visto anteriormente, o desenvolvimento não beneficiou somente o bairro da Ribeira. Da mesma maneira, a Cidade de Natal em sua totalidade foi afetada pelos novos contingentes populacionais. A acelerada expansão urbana ocorrida na Cidade de Natal durante a década de 1940 também pode ser considerada como um dos principais fatores que contribuíram para transição do bairro da Ribeira, que resultou em sua desvalorização, uma vez que nesse período foram observados dois fenômenos distintos: a consolidação da estratificação social dos espaços e a criação de vários minicentros, o que alterou os fluxos urbanos. Podemos afirmar que nesse momento houve a intensificação do processo de reterritorialização, o que para Deleuze e Guattari (2004, p. 241):

Ao mesmo tempo em que a desterritorialização capitalista se faz do centro para a periferia a descodificação dos fluxos na periferia faz-se por uma desarticulação que leva os setores tradicionais à ruína [...] Cada passagem de fluxos é uma desterritorialização, cada limite deslocado uma descodificação. O capitalismo esquizofreniza cada vez mais na periferia. Dir-se-ia que a baixa tendencial mantém no centro o seu sentido restrito, isto é, a diminuição relativa da mais-valia em relação ao capital total, garantida pelo desenvolvimento da produção, da automação, do capital constante.

Foi observado que com a expansão (ou reterritorialização) da Cidade de Natal, o bairro da Ribeira foi perdendo, gradativamente, suas funções sociais e econômicas, enveredando por um processo de desterritorialização. Inicialmente, a elaboração do Plano de Cidade Nova (1909), incutiu socialmente na cidade um desejo de estratificação espacial, uma vez que a Zona Central dessa sociedade buscava diferenciação e os dois bairros que existiam na cidade até então eram praticados por classes sociais mistas. Este evento teve por consequência, após a consolidação dos bairros de Tirol e Petrópolis, o abandono do bairro da Ribeira por parte das elites, o que resultou na ocupação dessas edificações pelas classes mais baixas, ocasionando uma ruptura na continuidade de suas funções. Para Shills, uma sociedade diferenciada será sempre forçada, devido às especializações profissionais, à tradição, à distribuição normal das capacidades humanas e a um inevitável antinomianismo, a submeter-se a desigualdades na participação no sistema central de valores.

É a partir de meados da década de 1940, que os transportes tradicionais (porto e ferrovia) entram em crise. Após a Segunda Grande Guerra, o porto é fechado várias vezes devido à falta de manutenção; a ferrovia não se paga e é paulatinamente substituída pelo transporte rodoviário, o que fez com que o bairro perdesse também a sua identidade, outrora enaltecida, de porta de entrada da Cidade de Natal. No mesmo período o comércio (principalmente, o de luxo) iniciou a sua migração para o bairro de Cidade Alta, deixando para a Ribeira apenas alguns armazéns, indústrias e escritórios de representação, o que influenciou na perda de mais uma das funções do espaço.

É devido ao fato da maioria dos fenômenos urbanos que acometeram o bairro da Ribeira terem iniciado no decorrer da década de 1940, que esse período foi considerado o de transição, é desta data que o bairro envereda no seu processo de decadência. Pelas suas características, a cidade está propensa a abrigar em seu âmago uma continuidade histórica. Entretanto, segundo Le Goff, a continuidade histórica não é estática, mas sim marcada por descontinuidades ou rupturas, que dão movimento aos acontecimentos históricos. Dessa maneira, a decadência é um conceito que serve à história para a leitura do movimento.

Conforme foi observado no decurso deste trabalho, o bairro da Ribeira passou por diversas rupturas e, em decorrência destas, as funções desse espaço se transformaram para sempre, fazendo com que ele deixasse de existir da forma que era considerado na década de 1920. Nas discussões contemporâneas acerca da temática, é recorrente a afirmação de que o bairro coexiste no contexto urbano da Cidade de Natal desprovido de sentido. De acordo com a recente afirmativa de Sérgio Villar, quando escreveu ao jornal *Diário de Natal*, em 15 de maio de 2011: “o tempo hoje na Ribeira ainda caminha devagar. É a aura do bairro, impregnada em cada parede embolorada dos comércios antigos, repartições públicas e prédios abandonados”. A requalificação do bairro da Ribeira tem sido, no transcorrer de mais de cinquenta anos, um dos objetivos da administração pública municipal, todavia, nenhuma das iniciativas apresentou um resultado positivo ou duradouro.

O desejo de requalificar o espaço decadente ocorre devido à necessidade resultante da globalização de manutenção de uma identidade urbana. O tombamento do bairro, definido provisoriamente por uma notificação divulgada no Diário Oficial nº 17 de 23 de julho de 2010, que, segundo a superintendente do instituto do patrimônio histórico no estado do Rio Grande do Norte, Jeane Nesi, tem a pretensão de dar vida nova ao local.

Apesar do bairro da Ribeira hoje ser considerado um espaço desterritorializado ou mesmo decadente, ele continua a existir no contexto urbano e histórico da Cidade de Natal, ainda que não mais exista como fora exaltado em momentos anteriores. Entende-se o processo de decadência como um fenômeno e desse modo é um campo profícuo para a pesquisa histórica. Nesse sentido, Argan, inspirado por Marc Bloch, afirma que “não se faz história, a não ser dos fenômenos que continuam; entender um fenômeno significa reconstruir a série dos fenômenos que o precederam e o motivam” (2005, p. 37). Pesquisar esses fenômenos que resultaram na decadência do bairro da Ribeira é o princípio científico de sua própria historialização.

Em suma, o bairro da Ribeira, famoso por seus luxuosos estabelecimentos comerciais, já não existe mais. Chegou ao fim, juntamente com o fim de alguns estabelecimentos que fizeram sua fama. Já não há mais café no Cova da Onça, narrado por Aderbal de França, nem as conversas acaloradas de senhores distintos, aclamadas por Djalma Maranhão, no Café Globo. Na Confeitaria Delícia, onde as mocinhas de família compravam suas guloseimas, “até as prateleiras estavam desfalcadas. Não mais se viam os bombons finos, os artigos importados, os bons vinhos, as conservas estrangeiras, os fiambres, as uvas, as peras, as maçãs” (GARCIA, 1989, p. 46). Esta se viu transformada em um sórdido bar.

Esse espaço, onde uma sociedade que não mais existe secretou seus valores e seus sonhos que se perderam no decurso da história, varridos para sempre pelas areias do tempo tão abundantes no “perigo iminente”⁶³ de Manoel Dantas, transmutaram-se em ruínas. Sendo assim, concluímos que a dinâmica urbana ocorrida no bairro da Ribeira é resultante do modo capitalista de produzir e destruir os espaços, territorializando, desterritorializando e reterritorializando.

Pela ótica de que o espaço urbano da capital Natal, a partir da década de 1940, configura-se como mercadoria e, dessa forma, está sujeito às variações dos fluxos do mercado, é fácil perceber o fenômeno exposto. De acordo com Harvey (2005), as crises em que periodicamente se faz sentir por todo o mundo vêm a ser o combustível para a sobrevivência e maturação do sistema, em que a desvalorização do espaço torna-se o sustentáculo para a superação e reestruturação, o que de fato ocorreu na Cidade de Natal. Com a decadência do bairro da Ribeira, outras centralidades emergiram, o que

⁶³ Manoel Dantas denominou de “perigo iminente” as dunas que rodeavam a cidade do Natal, visto que, para ele, elas ameaçavam soterrar a civilização, a cidade.

acarretou no desenvolvimento da cidade como um todo. Por fim, as dinâmicas urbanas que se processaram no bairro da Ribeira, fizeram deste um palimpsesto.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, José Geraldo. *A escola doméstica de Natal (1953 até hoje)*. Natal: Revista Literária, 1994.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Júlio César de. *Comerciantes e firmas da Ribeira (1924-1989)*. Natal: Fundação José Augusto, 1989.

ARGAN, Giulio Carlo. *História da Arte como História da Cidade*. 5. ed. São Paulo: Martins Editora, 2005.

ARRAIS, Raimundo. Introdução. In: CASCUDO, Luiz da Câmara. *Crônicas de Origem*. Natal: EDUFRN, 2005.

_____; ANDRADE, Alenuska; MARINHO, Márcia. *O corpo e a alma da cidade: Natal entre 1900 e 1930*. Natal: EDUFRN, 2008.

ARRUDA, Gilmar. *Cidades e Sertões: entre a história e a memória*. Bauru-SP: EDUSC, 2000.

BARTHES, Roland. *A aventura semiológica*. Lisboa: Edições 70, 1985.

_____. Semiologia e Urbanismo. In: *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 219-231.

CARDOSO, Rejane (Coord.). *Quatrocentos nomes de Natal*. Natal: Prefeitura Municipal do Natal, 2000.

CARLOS, A. F. A. *A (re) produção do espaço urbano*. São Paulo: Edusp, 1994.

CASCUDO, Luís da Câmara. *O livro das velhas figuras*. Vol. I. Natal: Editora do Instituto Histórico e Geográfico do RN, 1974.

_____. *História da Cidade do Natal*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

_____. *História da Cidade do Natal*. Natal: IHG/RN, 1999.

_____. Cidade do Natal. In: EMERECIANO, João Gothardo Dantas. (Org.). *Natal Não-Há-Tal: Aspectos da História da Cidade do Natal*. Secretaria de Meio Ambiente e Urbanismo, Natal: Departamento de Informação, Pesquisa e Estatística, 2007, p. 41-46.

CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano I. Artes de fazer*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003.
- CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CLEMENTINO, Maria do Livramento M. *Economia e modernização: o Rio Grande do Norte nos anos 70*. Natal: UFRN/CCHLA, 1995.
- CORRÊA, Roberto Lobato. *O Espaço Urbano*. São Paulo: Ática, 1989.
- DANTAS, Manoel. Natal daqui a cinquenta anos. In: LIMA, Pedro. *O mito da fundação de Natal e a construção da cidade moderna segundo Manoel Dantas*. Natal: Sebo Vermelho, 2000, p. 55-79.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 1. Lisboa: Assírio e Alvin, 2004.
- _____. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- DEL RIO, Vicente. *Desenho urbano e renovação da área portuária do Rio de Janeiro: a contribuição do estudo da percepção ambiental*. 1991. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU – USP), São Paulo, 1991.
- DUARTE, Fábio. *A crise das matrizes espaciais: arquitetura, cidades, geopolítica, tecnocultura*. São Paulo: Perspectiva, FAPESP, 2002.
- EMERENCIANO, João Gothardo Dantas (Org.). *Natal Não-Há-Tal: Aspectos da História da Cidade do Natal*. Secretaria de Meio Ambiente e Urbanismo, Natal: Departamento de Informação, Pesquisa e Estatística, 2007.
- FERREIRA, Angela L. *De la producción del espacio urbano a la creación de territorio sem la ciudad: um estudio sobre la constitución de lo urbano en Natal, Brasil*. 1996. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidad de Barcelona, Barcelona, Espanha, 1996.
- FOUCAULT, Michel. Outros Espaços. In: *Ditos e Escritos*. Vol. III. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2001, p. 411-422.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. São Paulo: Global Editora, 2006.
- GARCIA, José Alexandre. *Acontecências e tipos da Confeitaria Delícia*. Natal: Clima, 1989.
- GIEDION, Sigfried. *Espaço, tempo e arquitetura: o desenvolvimento de uma nova tradição*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- HALL, Peter. *Cidades do amanhã: uma história intelectual do planejamento e do projeto urbano do século XX*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.
- HOBBSBAWM, Eric J. *A era das revoluções: 1789 – 1848*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- JACOBS, Janes. *Morte e vida das grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Tradução de Luíz da Câmara Cascudo. 2. ed. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1978.
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- LEFEBVRE, Henry. *A cidade do capital*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- _____. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 1986.
- LEPETIT, Bernard. *La ville: cadre, objet, sujet*. Vingt ans de recherches françaises en histoire urbaine. Enquête: Cahiers Du CERCOM. (enligne). Disponível em: <<http://enquete.revues.org/document663.html>>. Acesso em: 27/09/2010.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.
- LIMA, Pedro de. *Luís da Câmara Cascudo e A QUESTÃO URBANA EM NATAL*. Natal: EDUFRRN, 2006.
- _____. *Cidade sempre nova e outros escritos*. Natal: Plena, 2008.
- _____. *Rumo à estação progresso: mito e construção da cidade moderna*. Natal: Edição do Autor, 2010.
- _____. *Natal século XX: do urbanismo ao planejamento urbano*. Natal: EDUFRRN, 2001.
- LIMA, Evelyn Furquim W. Políticas de desenvolvimento e patrimônio cultural. In: _____. W; MALEQUE, Miria Roseira (Orgs.). *Espaço e Cidade: conceitos e leituras*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2007, p. 11-24.
- LINHARES, Francisco. *Brasil depende em excesso de caminhões e rodovias*. Disponível em: <<http://www.geografiacontextualizada.com.br>>. Acesso em: 17 set. 2010.
- LIRA, Carlos. *Memória viva: Lauro Pinto*. Natal: Sebo vermelho, 2003.
- LOJKINE, Jean. *O Estado capitalista e a questão urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

- LOPES JÚNIOR, Edmilson. *A construção social da cidade do Prazer*: Natal. Natal: EDUFRN, 2000.
- MARANHÃO, Djalma. *Esquina da Tavares de Lira com a Dr. Barata, centro convergente e irradiador da vida natalense*. Organização, notas e pesquisa de Cláudio Galvão. Natal: Sebo Vermelho, 2004.
- MARICATO, E. As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias. In: ARANTES, O *et al.* *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- MEDEIROS, Gabriel Leopoldino Paulo. *A cidade e os trilhos: resgate histórico da implantação das ferrovias no Rio Grande do Norte e inventário de suas estações*. 2006. Monografia (Trabalho de conclusão do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Departamento de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.
- MELO, Alexandra Consulin Seabra de. *Yes, nós temos arquitetura moderna*. 2004. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – UFRN, Natal, 2004.
- MIRANDA, João Maurício Fernandes. *Evolução urbana de Natal em 400 anos 1599-1999*. Coleção 400 anos. Vol. VII. Natal: Governo do Estado do Rio Grande do Norte; Prefeitura de Natal, 1999.
- NEFS, Merten. *Requalificação de Orlas Ferroviárias: o caso de Berlin*. Pesquisa em arquitetura e construção, 2006. Disponível em <www.fec.unicamp.br/~parc/vol1/n1/parc01nefs.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2010.
- NETO, Augusto Severo. *Ontem vestido de menino*. Natal: Nossa Editora, 1985.
- NETTO, Carlos X. de Azevedo. Memória, Identidade e Cultura Material: A visão arqueológica. In: CAVIGNAC, Julie A. (Org.). *Vivência*. Vol. 28. Natal: EDUFRN, 2005, p. 265-276.
- NOBRE, Paulo José Lisboa; PEREIRA, Marizo Vitor. *Modernismo na província: a apropriação local do ideário modernista no projeto do terminal rodoviário Presidente Kennedy*. 2008. Disponível em: <http://www.docomobahia.org/AF_Marizo%20Pereira%20e%20Paulo%20Nobre_2.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2011.

- OLIVEIRA, Giovana Paiva de. *A cidade e a guerra: a visão das elites sobre as transformações do espaço da cidade do Natal na Segunda Guerra Mundial*. 2008. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Urbano – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2008).
- PEDREIRA, Flávia de Sá. *Chiclete eu Misturo com Banana: Carnaval e cotidiano de guerra em Natal 1920-1945*. Natal: EDUFRN, 2005.
- PEIXOTO, Carlos. *A história de Parnamirim*. Natal: Z Comunicação, 2003.
- PENSAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In: *Revista Brasileira de História*, v. 27, n. 53, jun. 2007.
- RODRIGUES, Wagner do Nascimento. *Dos caminhos de água aos caminhos de terra: a hegemonia de Natal através das vias de comunicação 1820-1920*. 2006. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.
- ROLNIK, Raquel. *Cidades sustentáveis: memória do encontro preparatório*. In: Conferência sustentabilidade e gestão urbana, 1997, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente, set. 1997.
- SAES, Décio. *Uma contribuição à crítica da teoria das elites*. Revista de sociologia e política, São Paulo, n. 3, 1994.
- SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo: HUCITEC, 1993.
- SANTOS, Pedro Antônio de Lima. *Estado e Planejamento: a experiência dos planos diretores de Natal. 1974/1984*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – UFRN, Natal, 1989.
- _____. *Natal século XX: do urbanismo ao planejamento urbano*. 1998. Tese (Doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- _____. *O mito da fundação de Natal e a construção da Cidade Moderna segundo Manoel Dantas*. Natal: Cooperativa Cultural, Sebo Vermelho, 2002.
- SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SENNET, Richard. *O declínio do homem público*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SHILS, Edward. *Centro e Periferia*. Lisboa: Difel, 1992.

- SILVA, Gerardo; COCCO, Giuseppe (organizadores). *Cidades e Portos: os espaços da globalização*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- SILVEIRA, Celso da. *Introdução in* GARCIA, José Alexandre. *Acontecências e tipos da Confeitaria Delícia*. Natal: Clima, 1989.
- SIMÕES JÚNIOR, José Geraldo. *Revitalização dos centros urbanos*. São Paulo: Publicações Pólis, 1994.
- SOJA, Edward W. *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- SOUZA, Itamar de. *Nova História de Natal*. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2008.
- SMITH JUNIOR, Clyde. *Trampolim para a vitória: os americanos em Natal-RN/Brasil durante a Segunda Guerra Mundial*. Natal: EDUFRN, 1992.
- SCHVARZMAN, Sheila. Ir ao cinema em São Paulo nos anos 20. *Revista Brasileira de História*, v. 25, n. 49, São Paulo: jan./jun. 2005.
- TAVARES, Frederico Augusto Luna. *No tempo dos brotos: juventude e diversão em Petrópolis e no Tirol (1945-1960)*. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em História, Natal, 2011.
- TEIXEIRA, Rubenilson Brazão. *Da cidade de Deus à cidade dos homens: a secularização do uso, da forma e da função urbana*. Natal: EDUFRN, 2009.
- TINOCO, Lair. *Tempo de Saudade (memórias)*. Natal: Fundação José Augusto, 1992.
- VILLAÇA, Flávio. *O espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP/ Lincoln Institute, 1998.
- _____. A Produção e o Uso da Imagem do Centro da Cidade. In: ZANCHETTI, Sílvio; MARINHO, Geraldo; MILET, Vera (Orgs.). *Estratégias de Intervenção em áreas históricas: revalorização de áreas urbanas centrais*. Recife: Coronário, 1995, p. 203-206.
- VIRÍLIO, Paul. *O Espaço Crítico*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

FONTES PRIMÁRIAS

- CASCUDO, Luís da Câmara. Natal para o ano 2000. *A República*, Natal, 21 jan. 1944.
- CHAVES, Joaquim Ferreira. *Mensagem ao congresso legislativo*. Natal: TYP. Comercial J. Pinto A.C., 1919.

- DANTAS, Cristovam. A República e a crise da elite potiguar. In: *A República*. Natal, 1 jul. 1956.
- DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO. Natal, 05 jan. 2007.
- DIAS, Sátiro de Oliveira. *Relatório ao vice-presidente Dr. Mattias Antônio da Fonseca Morato*. Natal: Typ. Do Correio do Natal, 1882.
- ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. Decretos do Governo. Natal: Imprensa Oficial, 1946.
- FALAS e Relatórios dos Presidentes da província do Rio Grande do Norte: 1835 a 1872. Universidade de Chicago. Projeto de Imagens e Publicações Oficiais Brasileiras do Center for Research Libraries e Latin American Microform Project. Disponível em: <<http://www.crl.edu/content.asp?l1=4&l2=18&l3=33&l4=22>>. Acesso em: 23/03/2011.
- FRANÇA, Aderbal. A nossa Rua do Ouvidor. *A República*, Natal, 5 fev. 1936a.
 _____. Sobre as nossas retretas. *A República*, Natal, 7 ago. 1936b.
 _____. O indicador da AP e a população. *A República*, Natal, 1 fev. 1939.
 _____. Instantâneos do dia... *A República*, Natal, 10 ago. 1941.
 _____. O bairro do Alecrim prospera. *A República*, Natal, 15 set. 1942.
 _____. Entre a ventura e o desengano. *A República*, Natal, 18 fev. 1943a.
 _____. USO em Natal. *A República*, Natal, 16 set. 1943b.
 _____. Casas novas da cidade. *A República*, Natal, 23 set. 1943c.
 _____. Quanto vale um mocambo. *A República*, Natal, 10 jan. 1945.
 _____. No lar e na sociedade. *A República*, Natal, 9 nov, 1946.
- LIMA JÚNIOR, Francisco Soares de. *Revitalização urbana da Ribeira 7*. Natal, 2001. Entrevista concedida pelo então arquiteto e coordenador do PRODETUR, em 2001.
- MACHADO, Rodrigo Lobato Marcondes. *Allocução Inaugural proferida pelo Exm. Sr. Dr. Rodrigo Lobato Marcondes Machado, presidente da província do Rio Grande do Norte em 27 de fevereiro de 1880 e Acta de Inauguração das obras da ferrovia de Natal à Nova Cruz mandada publicar pelos empregados da secretaria e oferecida ao mesmo Exm. Sr.* Natal: Typ. Do Correio do Natal, 1880.
- MARANHÃO, Alberto. *Mensagem ao Congresso Legislativo*. *A República*, Natal, 1 nov. 1911, p. 18-19.
- MELO, Geraldo. *Mensagens à Assembléia Legislativa*. Natal, 1991.
- NATAL. Lei n.º 251 de 30 de setembro de 1947.
- NATAL, Diário Oficial nº 17 de 23 de julho de 2010.

NETO, Brasílio Machado. Reequipamento Ferroviário. *A República*, Natal, 4 set.1956.

PEREIRA, Nilo. Velha Página. *A República*. Natal, 13 jul. 1956.

VILAR, Sérgio. Ribeira velha de sempre. *Diário de Natal*, Natal, 15 maio 2011.

3ª OFICINA PARTICIPATIVA DO PLANO DE AÇÃO PARA AS CIDADES HISTÓRICAS – NATAL/RN. Realizada no Museu de Cultura Popular – 23/10/2009.

Projeto ReHabitar/Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo. Natal: SEMURB, 2007.

A República. Natal, 12 mar. 1892.

_____. Natal, 5 fev. 1897.

_____. Natal, 24 mar. 1904.

_____. Natal, 15 nov. 1905.

_____. Natal, 12 jun. 1908.

_____. Natal, 7 set. 1908.

_____. Natal, 2 out. 1911.

_____. Natal, 8 dez. 1911.

_____. Natal, 1 set. 1914.

_____. Natal, 1 jul. 1929.

_____. Natal, 10 jun. 1930.

_____. Natal, 26 out. 1937.

_____. Natal, 22 ago. 1940.

_____. Natal, 1 jan. 1941.

_____. Natal, 9 de janeiro de 1941.

_____. BASE NAVAL de Natal. Natal, 18 mar. 1941.

_____. AS SENTINELAS oceânicas do Brasil. Natal, 27 mar. 1941.

_____. INICIAR-SE-ÃO, dentro de breves dias, os trabalhos de construção da base naval de Natal. Natal, 27 maio 1941.

_____. O SENTIMENTO NACIONAL, o espírito cívico, o ânimo patriótico e a indomável vontade de coesão e de soberania dos brasileiros são inequivocamente demonstrados nas grandes comemorações da SEMANA DA PÁTRIA. Natal, 4 set. 1941.

_____. DO MINISTRO da Marinha ao Interventor Federal. Natal, 16 mar. 1941.

_____. TRIPLICOU em cem anos a população do Brasil. Natal, 1 jul. 1941.

_____. Natal, jul. 1941.

- _____. MELHORAMENTO no calçamento da cidade. Natal, 17 ago. 1941.
- _____. CHEGA HOJE, a esta capital, o Exmo. Snr. Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra. Natal, 20 set. 1941.
- _____. A VISITA do coronel Parry Jones a esta capital. Natal, 20 set. de 1941.
- _____. O ESTADO e o problema das sêcas. Natal, 16 out. 1941.
- _____. SAFRA de algodão do Rio G. do Norte. Natal, 15 nov. 1941.
- _____. A VISITA do Ministro Salgado Filho a Natal. Natal, 10 dez. 1941.
- _____. DE ROOSEVELT AO PRESIDENTE VARGAS. Natal, 12 dez. 1941.
- _____. IMPORTANTES MELHORAMENTOS da Prefeitura de Natal. Natal, 25 jan. 1942.
- _____. CURSO de enfermeiras no Hospital Militar. Natal, 6 fev. 1942.
- _____. Natal, 14 fev. 1942
- _____. CONSELHOS à população de Natal. Natal, 15 fev. 1942.
- _____. RIO, 2 (NA) – O Presidente da República assinou decreto, criando uma base aérea em Natal. Natal, 3 mar. 1942.
- _____. ACORDOS Yankee-brasileiros. Natal, 5 mar. 1942.
- _____. INSTALADA ontem a Cruz Vermelha Brasileira no Rio Grande do Norte. Natal, 18 mar. 1942.
- _____. SEMANA de escurecimento e disciplina de luzes. Natal, 23 maio 1942.
- _____. TRANSPORTE de nordestinos para a Amazônia. Natal, 26 jul. 1942.
- _____. MAIS cinco navios foram afundados. Natal, 18 ago. 1942.
- _____. SOLIDARIEDADE irrestrita ao presidente Vargas [...] Momento de luto nacional. Natal, 19 ago. 1942.
- _____. Natal, 1 set. 1942.
- _____. Natal, 6 jul. 1943.
- _____. NATAL, CIDADE em Guerra. Natal, 28 set. 1943.
- _____. PARNAMIRIM, a Base da vitória. Natal, 9 out. 1943.
- _____. Natal, 20 out. 1943.
- _____. ÔNIBUS para Natal. Natal, 5 dez. 1943.
- _____. A INAUGURAÇÃO hoje do USO – Town Club. Natal, 24 mar. 1944.
- _____. NATAL, encruzilhada do mundo. Natal, 19 abr. 1944.
- _____. FINANÇAS estaduais. Natal, 12 jul. 1945.
- _____. Natal, 17 out. 1948.

_____. Natal, 17 jan. 1950.

_____. Natal, 18 jan. 1950.

_____. Natal, 9 fev. 1950.

_____. Natal, 17 fev. 1950.

_____. CONTINUA visitando a cidade o prefeito Claudionor de Andrade. Natal, 4 abr. 1950

_____. AMPLIAÇÃO da rede rodoviária. Natal, 28 ago. 1956.

_____. Natal, 12 set. 1956.

O Diário. Natal, 5 nov. 1943.

_____. Natal, 12 nov. 1943.

_____. Natal, 02 fev. 1944.

_____. Natal, 25 nov. 1945.

_____. Natal, 11 fev. 1949.

Diário de Natal. Natal, 10 jul. 1949.

_____. Natal, 9 dez. 1950.

_____. Natal, 5 maio 1953.

_____. Natal, 6 fev. 1956.

_____. Natal, 15 maio 1956.

_____. Natal, 13 dez. 1963.

_____. Natal, 17 dez. 1963.

_____. Natal, 10 dez. 1964.

_____. Natal, 3 maio 1968.

_____. Natal, 25 e 26 dez. 1999.

TRIBUNA DO NORTE. Natal, 9 ago. 1953.

_____. HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE – Cadernos Especiais, Fascículo 11 – Aviação e 2º Guerra, Natal, RN. Disponível em: <www.tribunadonorte.com.br>. Acesso em: 15/05/2010.

<http://tokdehistoria.wordpress.com/2012/01/24/as-cores-na-rampa-e-na-base-de-parnamirim-durante-a-ii-guerra/>. Acesso em: 13/02/2012.

<http://www.flickr.com/photos/brasilianer2000/5867472269>. Acesso em: 15/12/2011.

<http://papjerimum.blogspot.com.br/2011/09/natal-na-segunda-guerra-mundial-o.html>.

Acesso em: 22/10/2011.

<http://nataldeontem.blogspot.com.br/2010/04/rua-dr-barata.html>. Acesso em:

22/06/2010.